

PLANO DE AULA

1. TEMA: Escola Espírita de Evangelização - finalidade e importância

2. OBJETIVO: As crianças deverão compreender o papel da Escola Espírita de Evangelização, as finalidades e a aplicabilidade dos seus ensinamentos em todas as ocasiões de nossas vidas.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 5: 1 e 2; 24: 14; Lc, 4: 31; Jo, 8: 32; 13: 13; At, 19: 8

LE, item 383; ESE, cap. 6, item 5

Opinião Espírita (Emmanuel - André Luiz / F. C. Xavier - Waldo Vieira), cap. 10; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira), cap. 21

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Pedir às crianças que digam qual a diferença que existe entre a Escola Espírita de Evangelização e as outras escolas, anotando, se possível num quadro de giz, o que julgar importante em suas respostas, para o desenvolvimento da aula.

b) Desenvolvimento: Exposição.

O Evangelizador deverá pôr em relevo o aspecto educativo do Espiritismo, procurando sempre ressaltar a sua diferença das demais religiões, de vez que não tem templos onde, nas outras religiões, são celebrados cultos, rituais, liturgias, solenidades, rezas, ladainhas, onde são ministrados sacramentos. As casas ou centros espíritas são locais de trabalho, que oferecem alimento, agasalho, passe, água fluidificada e muitas outras formas de auxílio àqueles que batem às suas portas. Dentre os trabalhos desenvolvidos nos centros espíritas, destaca-se a evangelização de desencarnados e de encarnados. E dentre os trabalhos de evangelização, destaca-se o trabalho de evangelização da criança.

Deve ser mostrado às crianças que Jesus dava visão aos cegos, voz aos mudos, curava leprosos, fazia andar paráliticos, libertava criaturas da obsessão, incentivava a fé, mas, acima de tudo buscava fazer as criaturas compreenderem por que deviam fazer ou não fazer as coisas, levando-as, assim, à reflexão, ao entendimento. Deve ser lembrado também que as primeiras casas cristãs eram não só locais de socorro aos necessitados, mas também locais de estudos.

Devemos nos lembrar de que Jesus não foi um guru, um sacerdote, mas um Mestre. Quando Jesus disse: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo, 8: 32), quis dizer que religião, no seu sentido verdadeiro, não é prática de rituais, de liturgias no interior dos templos, mas sim o conhecimento, a compreensão das verdades espirituais, a fim de que a criatura se eduque. O Mestre sempre demonstrou que o conhecimento religioso não é para o templo, mas sim para as ações diárias da criatura humana, na prática da vida.

Com o advento do Consolador, recebemos a recomendação do Espírito da Verdade: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.” (ESE, cap. 6, item 5). Esse o motivo de se dar tanta importância ao estudo nos centros espíritas, estudo que começa na idade infantil. Essa oportunidade de estudo é a ajuda mais importante que os centros espíritas oferecem a todos. Por isso, eles mais se assemelham a uma escola do que a um templo. O centro espírita é uma escola de iluminação espiritual. Uma escola diferente das outras que conhecemos.

E o conhecimento dessas verdades libertadoras só se fará através do estudo. É por essa razão que existe a escola espírita de evangelização. Todos nós podemos estudar a Doutrina Espírita sozinhos, ou em grupo, em casa, principalmente durante o Culto do Evangelho no Lar. Entretanto, o estudo, sem ter um programa a seguir, nem sempre é completo. Por isso existem as escolas espíritas de evangelização, que seguem programas anuais, desenvolvidos em reuniões semanais. Como todas as escolas bem orientadas, os centros espíritas propiciam níveis de ensino variados, em gradações que estão de acordo com a idade e o conhecimento daqueles que desejam aprender. A primeira fase do aprendizado espírita é a evangelização infantil. Dentro do setor infantil existem variações de níveis, que vão desde o pré-Jardim até o III Ciclo, ou seja, aulas próprias para crianças dos 3 até os 12 anos.

Na escola comum, aprendemos a ler e a escrever, aprendemos matemática, ciências, línguas e muitas outras coisas interessantes e necessárias, sempre esperando terminar o curso e receber o diploma que nos habilitará ao exercício de uma profissão.

Diante do fato de a evangelização infantil espírita ser feita numa *escola* de evangelização, muitas pessoas perguntam por que, sendo escola, não dá férias como as outras. Não dá férias porque se trata de uma atividade religiosa. E religião é algo de prática constante. Nós podemos e devemos ter nossas férias pessoais, porém a escola espírita de evangelização, não. Ela deve estar sempre disponível para aqueles que necessitem dela. Por isso a escola espírita de evangelização é diferente das demais. Nela recebemos continuamente ensinamentos que nos levam à compreensão da própria vida, orientando-nos como viver em paz conosco próprios e com Deus. Ao frequentarmos a escola espírita de evangelização, temos, além da oportunidade dos estudos, a oportunidade de estar num ambiente espiritual equilibrado, todas as semanas. Essa nossa presença no centro nos fortalece espiritualmente, tanto por nos beneficiarmos da presença de Espíritos bondosos, quanto pelo convívio fraterno, sadio, com nossos irmãos encarnados.

É por essas características especiais que a escola espírita de evangelização não dá férias, testes, provas, nem notas. Não pode dar notas porque é a própria criança que frequenta a escola espírita de evangelização que vai avaliar-se para verificar não apenas o que aprendeu, mas o quanto modificou-se para melhor, a partir dos ensinamentos recebidos. Por isso é uma escola que não fornece certificado ou diploma de qualquer espécie! O motivo é simples: o estudo não acaba nunca! É uma escola onde temos sempre o que aprender. É uma escola de aperfeiçoamento espiritual, onde também aqueles que ensinam estão ainda aprendendo.

A escola espírita de evangelização não dá diploma, não faz festa de formatura, mas os seus ensinamentos valem para todos os lugares, em todas as épocas. Seus ensinamentos são sempre valiosos, pois ajudam-nos em todos os lugares: no lar, na rua, no trabalho, no brincar, ou na prática de esportes. Servem para as outras escolas, também. Servem, enfim, para todas as horas, quer na vida terrena, quer na vida espiritual.

É através dos ensinamentos que a escola espírita de evangelização propicia que são preparadas as crianças de hoje para a paternidade e a maternidade responsáveis de amanhã. Assim também são preparadas para o exercício da cidadania, com consciência do papel que desempenham no país em que vivem. As crianças que estudam na escola espírita de evangelização estão se preparando para serem os profissionais honestos de amanhã, quer na condição de simples operário, quer na posição de rico empresário. A criatura que teve a felicidade de conhecer o Evangelho de Jesus, explicado à luz da Doutrina Espírita, desde criança, é aquela pessoa que caminha segura no mundo, pois aprendeu os valores da fé, da oração, do bem, da paz. Aprendeu, além disso, que todos podemos contar com as bênçãos de Deus e de Jesus, através da presença de benfeitores espirituais que nos amparam sempre, desde que o queiramos.

c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo.

Fazer as seguintes perguntas às crianças, reportando-se àquelas feitas no início da aula:

01. Por que uma escola espírita de evangelização é diferente das outras escolas?
02. Por que não se recebe diploma ao terminar a evangelização infantil, aos 12 anos?
03. Por que não deve haver férias nas escolas espíritas de evangelização?
04. Por que Jesus era chamado Mestre?
05. Por que temos uma escola de evangelização dentro de um centro espírita?
06. Quem disse: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo”?
07. Por que a escola espírita de evangelização é dividida em ciclos?
08. Se não se recebe diploma, por que estudar numa escola espírita de evangelização?

d) Material didático: _____

PLANO DE AULA

1. TEMA: Deus - Providência Divina

2. OBJETIVO: As crianças identificarão Deus em toda a parte; perceberão que Deus a tudo prevê e provê, desde as menores às maiores coisas; que Sua criação se estende por todo o Universo; que Ele sempre provê as necessidades de um filho através de outro filho; que todos os Seus filhos recebem-Lhe o amparo, desde que o busquem e que o mereçam.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 6: 25 a 34; Jo, 16: 27

GE, 2: 20

Luz Acima (Irmão X / F. C. Xavier), cap. 40; Mãos Unidas (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 4; Pensamento e Vida (Emmanuel / F. C. Xavier), cap.23

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador deverá dizer às crianças que todas as religiões falam no amparo de Deus sobre Suas criaturas. Que também o Espiritismo ensina que todos nós recebemos os cuidados de nosso Pai Celestial e que a esse amparo dá-se o nome de Providência Divina.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Inicialmente, dizer o que entendemos por *providência*: Segundo os dicionários, dá-se o nome de providência à solicitude, ao desvelo, à atenção de uma pessoa por outra pessoa ou por alguma coisa. É o caso, por exemplo, do carinho e da atenção que a mãe dedica a um filho seu, para que este, principalmente quando pequenino, possa ser atendido em suas necessidades. Em nos referindo a Deus, providência significa o cuidado, o desvelo que Ele dedica às pessoas e a tudo o mais que criou. Deus provê as necessidades de Seus filhos. A essa ação de Deus no sentido de proporcionar amparo aos Seus filhos, provendo-lhes as necessidades, dá-se o nome de Providência Divina.

Antes de falar o que Jesus nos ensinou a respeito da Providência Divina, o Evangelizador deverá informar as crianças sobre a idéia que os Judeus tinham de Deus, quando o Mestre veio à Terra, dizendo-lhes que os Judeus tinham uma concepção de Deus muito diferente daquela que Jesus trouxe à Humanidade. Se observarmos no Velho Testamento, veremos que raramente Deus é referido como bom, compassivo, misericordioso, justo, e quando essas virtudes são citadas, sempre o são no sentido de favorecer o povo de Israel, por quem Deus teria, segundo a visão dos profetas, preferência especial. Muito freqüentes são as referências a Deus como um guerreiro, um soberano colérico, violento e até vingativo, capaz de irar-se.

Para exemplificar o que diz, o Evangelizador pedirá a uma criança que leia os textos de 1 a 4 (pág. 05):

1. Deus como um soberano capaz de irar-se: “*E pisei os povos na minha ira.*” (Isaías, 63: 6).
2. Deus como o vingador do povo de Israel: “*Toma todos os Cabeças do povo, e enforca-os ao Senhor diante do sol, e o ardor da ira do Senhor se retirará de Israel.*” (Números, 25: 4).
3. Deus como destruidor daqueles que Lhe contrariam a vontade: “*Então o Senhor enviou um anjo que destruiu...*” (Crônicas, 32: 21).
4. Deus apresentado como um guerreiro, o Senhor dos Exércitos: “*Porque eis que o Senhor Deus dos Exércitos...*” (Isaías, 3: 1).

Depois, o Evangelizador deve anunciar que vai apresentar a idéia que Jesus nos deixou a respeito de Deus: Jesus, em seus ensinamentos, mudou completamente a concepção que se tinha a respeito de Deus. O Mestre mostrou que Deus, além de justo, como os Judeus entendiam, é bom e misericordioso. Sua bondade, Sua benevolência se estendem a todas as suas criaturas, indistintamente. Para ser melhor compreendido, Jesus compara Deus a um pai terreno, pondo em evidência a maior solicitude do Pai Celestial. Para ilustrar, pedir às crianças que leiam as frases 5 e 6 (pág. 05):

5. Jesus apresenta Deus como Pai: *“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais, vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lho pedirem?”* (Mt, 7: 9 a 11).

6. Jesus apresentou Deus, não com sentimento guerreiro, mas amoroso: *“Pois o mesmo Pai vos ama...”* (Jo, 16: 27).

Depois da leitura das crianças, comentar que Jesus revelou-nos a verdadeira face de Deus: a de Pai justo, solícito, amoroso, compassivo, misericordioso. Ora, um Pai com todos esses atributos não poderia deixar Seus filhos à mercê da própria sorte. Por isso, Jesus ensinou, também, que não devemos nos preocupar excessivamente com o futuro, mostrando que, se Deus cuida da Natureza, não cuidaria igualmente de Seus filhos?

A seguir, pedir às crianças que leiam os textos 6 e 7 (pág. 05):

7. Jesus ensinou que não devemos temer o futuro, pois Deus nos ampara sempre: *“Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai as aves do céu, que nem semeiam, nem segam nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”* (Mt, 6: 26 e 27).

8. E, para ficar bem claro, repete: *“E quanto ao vestido, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?”* (Mt, 6: 28 a 30).

Finalizadas as leituras, o Evangelizador deverá fazer os comentários abaixo:

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, Kardec adverte quanto ao perigo de se tomar os ensinamentos literalmente, sem procurar entender-lhes o verdadeiro sentido: *“Interpretadas à letra, essas palavras seriam a negação de toda providência, de todo trabalho e, conseqüentemente, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem limitar-se-ia a esperar passivamente. Suas forças físicas e intelectuais conservar-se-iam inativas. Se tal fora sua condição normal na Terra, jamais houvera ele saído do estado primitivo e, se dessa condição fizesse ele a sua lei para a atualidade, só lhe caberia viver sem fazer coisa alguma. Não pode ter sido esse o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que disse, de outras vezes, e com as próprias leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los.”* (cap. 25, item 7).

Em A Gênese, capítulo 2, Kardec ensina: *“A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda a parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo as coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial.”* (item 20). *“Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que Ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas em voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nEle. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.”* (item 24).

Todas as religiões falam da Providência Divina, dando-nos a certeza de que somos sempre ajudados por um Poder Maior, nos momentos em que estivermos necessitados. Ninguém fica ao desamparo, de vez que Deus é, além de outros atributos, providência. Entretanto, o Espiritismo vai um pouco mais além, mostrando-nos que essa providência não se opera de maneira mágica, milagrosa. Mostra-nos a Doutrina que Deus socorre um filho através de outro filho, tanto no plano material, quanto no espiritual. Esse esclarecimento leva-nos a concluir que, se confiamos no recebimento do amparo de Deus, devemos nos lembrar de que é necessário nos colocarmos a Seu serviço, como instrumentos úteis, para que intermediemos, por nossa vez, o amparo a outros filhos de Deus, nossos irmãos. As aves do céu e os lírios do campo não são inúteis, pelo contrário, estão sempre desempenhando o seu papel na Natureza.

O Evangelizador deverá pôr em relevo três pontos importantes da aula: 1. A Providência Divina se faz sobre todas as criaturas, sem exceção; 2. A Providência Divina sempre se faz em benefício de uma criatura através de outra criatura; 3. É necessário que sempre façamos o que nos compete, a fim de obtermos a ajuda de Deus.

c) **Fixação e/ou avaliação:** Diálogo, no decorrer da aula.

d) **Material didático:** Tiras de papel, contendo frases.

TEXTOS PARA A AULA

O Evangelizador deverá fazer cópia das frases abaixo, recortá-las e distribuí-las entre as crianças, que as lerão no decorrer da aula.



1. Deus como um soberano capaz de irar-se: *“E pisei os povos na minha ira...”* (Isaías, 63: 6)



2. Deus como o vingador do povo de Israel: *“Toma todos os Cabeças do povo, e enforca-os ao Senhor diante do sol, e o ardor da ira do Senhor se retirará de Israel.”* (Números, 25: 4).



3. Deus como destruidor daqueles que Lhe contrariam a vontade: *“Então o Senhor enviou um anjo que destruiu...”* (2 Crônicas, 32: 21).



4. Deus apresentado como um guerreiro, o Senhor dos Exércitos: *“Porque eis que o Senhor Deus dos Exércitos...”* (Isaías, 3: 1).



5. *“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais, vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem?”* (Mt, 7: 9 a 11).



6. *“Pois o mesmo Pai vos ama...”* (Jo, 16: 27).



7. *“Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai as aves do céu, que nem semeiam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”* (Mt, 6: 26 e 27).



8. *“E quanto ao vestido, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?”* (Mt, 6: 28 a 30).



PLANO DE AULA

1. TEMA: A Prece - seu valor

2. OBJETIVO: A criança deverá reconhecer que a prece é de valor inestimável na vida da criatura, por trazer-lhe alento nas horas de tristeza, alívio nos momentos de dor, esclarecimento nas situações de dúvida, ajuda na necessidade.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 6: 5 a 13; 26: 41.

ESE, cap. 27; LE, itens 658 a 666.

Nosso Lar (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 1 e 2; Entre a Terra e o Céu (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 1 e 2; Ação e Reação (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 19; Missionários da Luz (André Luiz / F. C. Xavier), cap 5; Voltei (Irmão Jacob / F. C. Xavier), cap. “Em Posição Difícil”; Almas em Desfile (Hilário Silva / F. C. Xavier e ValdoVieira), cap. 6.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Narração.

Narrar o drama do Espírito André Luiz, vivido no Mundo Espiritual, em regiões inferiores, onde sofreu muito, até o momento em que se decidiu a recorrer à prece:

Após desencarnar, André Luiz perambulou, durante oito anos, entre Espíritos desequilibrados, sofrendo perseguições, acusações, zombarias, além da fome e da sede que sentia, como se estivesse encarnado. Nesse lugar, a que os Espíritos dão o nome de Umbral, fugia de um lado para outro, sem que nada o pudesse livrar do sofrimento, nem das perseguições, nem da sua consciência atormentada. Era uma situação horrível, em que sentia a presença aterrorizante de Espíritos impiedosos, a ouvir lamentos de uns e gargalhadas de zombaria de outros, em meio à escuridão ou à neblina espessa.

Depois de muito sofrer, relata André Luiz: “E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza, me estendesse mãos paternas, em tão amargurosa emergência.” (Nosso Lar, cap. 2)

Orou, sem saber por quanto tempo, até que viu o nevoeiro dissipar-se aos poucos e aparecer à sua frente a figura de um velhinho simpático, que o atendeu com carinho, e o encaminhou à Colônia Espiritual Nosso Lar, onde se restabeleceu, estudou, reeducou-se espiritualmente e, mais tarde, conseguiu trabalho.

André Luiz conta, no livro Nosso Lar, que havia sido médico na sua última existência na Terra, mas era egoísta e materialista, cheio de amor-próprio e muito orgulhoso. Diz, também, que nunca se preocupara seriamente com o próximo. Por isso, ao desencarnar, passou por todo esse sofrimento. Por esta experiência de André Luiz, podemos avaliar o valor da oração sincera. Este é o tema da aula de hoje: o valor da prece.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Em ciclos anteriores, já estudamos o que é a prece: é a ligação mental de uma criatura com Deus, com Jesus, ou com os Bons Espíritos. Todos podemos e devemos orar, por nós mesmos e pelos outros. Podemos orar para pedir, agradecer e louvar.

Qual o valor da prece em nossas vidas? Muitas pessoas oram sem entender ou perceber o significado real da prece, apenas repetindo palavras inconscientemente como se fossem as de um recitativo. Julgam que, pela simples repetição de palavras decoradas, como se fossem uma fórmula mágica, as soluções para os seus problemas chegarão de forma automática. Não, a prece verdadeira não é isso! A prece verdadeira é uma comunhão com as Forças Superiores da Vida. Feita assim, a prece, além de movimentar recursos dos Bons Espíritos em nosso favor, ou em favor de alguém por quem pedimos, alimenta-nos espiritualmente, fortalecendo-nos a resistência às investidas do mal. Um resultado imediato da prece pode ser constatado tão logo a terminamos, pelo bem-estar que sentimos, além da disposição tranqüila para o enfrentamento de situações adversas, ou a tranqüilidade necessária à aceitação de situações que não conseguimos modificar.



A prece modifica as vibrações do ambiente:

André Luiz, ao sair do ambiente equilibrado de uma reunião espírita, fica chocado com a diferença entre o ambiente do Centro e o da rua: “Para nós outros, os desencarnados, a atmosfera interior impregnava-se de elementos balsâmicos, regeneradores. Cá fora, porém, o ar pesava. Compreendi, uma vez mais, a sublimidade da oração e do serviço da Espiritualidade superior, na intimidade das criaturas. A prece, a meditação elevada, o pensamento edificante, refundem a atmosfera, purificando-a.” Notando as observações de André Luiz, o instrutor Alexandre disse-lhe: “A modificação, evidentemente, é inexprimível. Ante as vibrações harmoniosas da paisagem interior, iluminada pela oração, e a via pública, repleta de emanações inferiores, há diferenças singulares.” (Missionários da Luz, cap. 5).



A prece liga as forças daqueles que oram em conjunto:

A irmã Zenóbia, André Luiz e mais alguns Espíritos procuravam ajudar um Espírito sofredor, que habitava o Umbral. Diante da revolta desse Espírito, que não queria ouvi-los, a irmã Zenóbia começou a orar, e o valor da prece se revelou quase imediatamente, conforme relata André Luiz: “Oh! mais uma vez reconheci que a prece é talvez o poder máximo conferido pelo Criador à criatura! Em seguida à súplica, sensibilizado, observei que de todos nós se irradiavam forças brilhantes que alcançavam o tórax de Zenóbia, como a reforçar-lhe as energias, e de suas mãos carinhosas e beneméritas, então iluminadas pela claridade doce e branda, emanavam raios diamantinos. A amorável amiga colocou-as sobre a fronte do desventurado, oferecendo-nos a certeza de que maravilhosas energias se haviam improvisado em benefício dele.” (Obreiros da Vida Eterna, cap. 6).



A prece produz barreiras que impedem a entrada de Espíritos desequilibrados num ambiente:

Dimas, médium espírita, havia desencarnado em sua própria casa. Conforme costume da época, o corpo estava sendo velado ali mesmo. Em dado momento, a relativa calma reinante no ambiente foi perturbada pela invasão de várias entidades desequilibradas, cuja presença – não fosse a intervenção imediata do Espírito encarregado de manter a paz merecida pelo desencarnante – teria provocado perturbação maior. Mas por que esses Espíritos conseguiram entrar naquele lar, se Dimas era um homem bom? O Espírito encarregado da guarda do velório explica a André Luiz: “Dimas, não obstante dedicado à causa do bem e compelido a grande esforço de cooperação na obra coletiva, descuidou-se de incentivar a prática metódica da oração em família, no santuário doméstico. Por isso tem defesas pessoais, mas a residência conserva-se à mercê da visitação de qualquer classe.” (Obreiros da Vida Eterna, cap. 14).



A ajuda exterior sempre se faz, mas ela se torna muito mais eficaz com a prece do interessado:

O irmão Jacob enfrentava algumas dificuldades no momento da sua desencarnação. Essas dificuldades tinham origem na sua desarmonia interior. Embora sua filha desencarnada procurasse auxiliá-lo, não conseguia aliviá-lo conforme desejava, até o momento em que recomendou-lhe a prece: “Lembre-se, paizinho, da necessidade de concentração na prece.” E ele aceitando a sugestão, busca forças na oração para modificar seu estado íntimo, e as consegue, conforme relata: “Rogando a Jesus me auxiliasse a encontrar o melhor caminho, observei que minha capacidade visual se dilatava.” A partir daí, passou a ver e comunicar-se com Bezerra de Menezes e o irmão Andrade, que ali estavam para auxiliá-lo. (Voltei, cap. “Em Posição Difícil”).



A prece ajuda na manutenção da vigilância que se deve manter em relação aos pensamentos:

Disse Jesus: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação.” (Mt, 26: 41). Sobre esse ensinamento do Mestre, o Espírito Hilário Silva, diz-nos que “... a oração e a vigilância, recomendados pelo Divino Mestre, constituem elementos indispensáveis para que estejamos serenos e valorosos nas menores ações da vida.” (Almas em Desfile, cap. 6).

PLANO DE AULA

1. TEMA: Os Dez Mandamentos - Parte I

2. OBJETIVO: O aluno deverá identificar nos Mandamentos uma diretriz divina para o aperfeiçoamento espiritual, que se consubstanciam numa orientação perfeita para o relacionamento correto da criatura para com Deus e para com o próximo.

3. BIBLIOGRAFIA:

Êxodo; 20: 1 a 12; Deuteronômio, 5: 6 a 16

Mt, 12: 1 a 8, 15: 4, 19: 19; Mc, 7:10; Lc, 6: 1 a 5; At, 7: 38

LE, itens 1 a 16; ESE, caps. 1 e 14

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), itens 268 a 273; Evolução em Dois Mundos (André Luiz / F. C. Xavier), cap.20

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Conversar com as crianças, a fim de saber que informações têm a respeito dos Dez Mandamentos, anotando com cuidado o que disserem para, ao longo da aula, a elas se reportar, retificando alguma posição equivocada.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Continuar a conversa, explicando que os Dez Mandamentos, ou o Decálogo, são diretrizes, recomendações ou princípios morais legados por Deus aos homens. São ensinamentos trazidos pelos Espíritos Superiores a Moisés, que os recebeu por via mediúnica, no Monte Sinai. Esses Mandamentos constituem, até hoje, o alicerce do Direito e da Justiça no Mundo. São princípios eternos, imutáveis. Não devem ser confundidos com as leis disciplinadoras estabelecidas por Moisés, que se viu obrigado a conter, pelo temor, um povo ainda atrasado, turbulento e indisciplinado. Para imprimir autoridade às suas leis, o Profeta teve de lhes atribuir origem divina, como o fizeram outros legisladores dos povos primitivos.

A seguir, explicar que nesta aula estudaremos apenas os quatro primeiros mandamentos da lei moisaica. Eles prescrevem a conduta que devemos observar em relação a Deus (I, II e III Mandamentos) e aos nossos genitores (IV Mandamento). Vejamos como eles se apresentam:

I. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo da Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis nem lhes prestareis culto soberano.

Explicação: Este mandamento explica a existência de um Deus único, Criador do Universo, e condena a idolatria, ou seja, a adoração de ídolos e imagens, o que era muito comum entre povos da Antigüidade. Moisés combateu severamente a adoração de ídolos, posição que os Judeus observam até hoje. No Cristianismo nascente não eram usadas imagens. Mas, com o passar do tempo, ao caracterizar-se como Catolicismo Romano, foi sendo influenciado pelas práticas pagãs dos Romanos e de outros povos que usavam ídolos. Essa a razão por que existem imagens nos templos católicos até hoje.

O Mandamento relembra, ainda, aos Hebreus que foi Deus que os amparou e retirou da servidão (escravidão) no Egito. Essa libertação foi conduzida por Moisés, que os encaminhou à Terra Prometida (Israel). Seguindo essa recomendação, os Hebreus permaneceram monoteístas (adorando um único Deus), sendo preparados durante séculos para a chegada de Jesus. Em obediência a esse mandamento e aos exemplos de Jesus, que também os seguiu, o Espiritismo não adota imagens, ídolos ou quaisquer outras coisas semelhantes.

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

Explicação: Não pronunciar em vão significa que não devemos, a pretexto de qualquer coisa, invocar o nome de Deus. Deus, como Pai e Criador, deve ser respeitado e, quando nos referirmos a Ele, devemos fazê-lo

com muito cuidado e reverência. Nossos pensamentos e palavras devem ser-Lhe dirigidos para pedir, agradecer e louvar, sempre respeitosamente. Assim, não devemos envolver o nome de Deus em juramentos, brincadeiras e, principalmente, em anedotas, por se tratar de conduta imprópria de um cristão sincero.

III. *Lembrai-vos de santificar o dia de sábado.*

Explicação: Os Judeus sempre consideraram o sábado como o dia de descanso, guardando-o como dia dedicado à ida ao templo. Os primeiros cristãos, pelo fato de Jesus ter ressuscitado num domingo, passaram a considerar esse como o dia consagrado ao repouso e à religião. Atualmente, apenas os Adventistas do Sétimo Dia, entre os cristãos, que, tomando o mandamento literalmente, conservam a tradição judaica de guardar o sábado.

Na Antigüidade, foi necessária a inclusão de um mandamento específico, estabelecendo o “Dia do Senhor” para evitar a exploração dos trabalhadores, face à ganância daqueles que tinham empregados. Percebe-se claramente tratar-se de uma preocupação com o repouso, pela extensão das recomendações. Veja-se como está no Deuteronômio: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra nele; nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem a tua serva, nem teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está dentro de tuas portas: para que teu servo e a tua serva descansem como tu.” (Deuteronômio, 5: 13 e 14).

Um dia de repouso depois de seis de trabalho é uma prática que visa à recuperação das energias físicas e mentais despendidas no esforço diário. Esse repouso é muito importante e pode se dar num dia qualquer, seja num sábado, num domingo ou num outro dia da semana. Sabe-se, perfeitamente, que se a ausência de trabalho leva ao vício, sabe-se, também, que o excesso de trabalho embrutece a criatura. Por isso, a Sabedoria Divina colocou o descanso semanal como preceito religioso. Nesse dia, distante da luta diária pelo seu pão, o ser humano tem a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo e refletir sobre sua vida, seu futuro.

Nós espíritas, aprendemos, com Jesus, que o mandamento não se refere a um dia específico e sim a um dia de descanso, que o homem poderá escolher, depois de um período de trabalho. Ao ser interrogado pelos fariseus por que os seus discípulos colhiam espigas no sábado, o Mestre responde, usando como argumentos fatos da vida diária dos Judeus e, ao final, diz-lhes: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.” (Mc, 2: 27). Além do mais, não consideramos nem o sábado, nem o domingo especificamente como o “Dia do Senhor”, visto entendermos, também com Jesus, que devemos dedicar todos os dias ao Senhor, como ele próprio ensinava e exemplificava.

IV. *Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.*

Explicação: Que é honrar? É respeitar, amar, obedecer às orientações daqueles que tomaram, perante o Alto, a responsabilidade do encaminhamento de um Espírito, adotando-o na condição de filho. Deus colocou, entre Suas leis, essa que lembra ao filho o dever de gratidão para com aqueles que o receberam na Terra, deram-lhe um corpo, cuidaram da sua saúde, alimentaram-no, educaram-no, e o encaminharam no mundo, até que tivesse condições de dirigir a própria vida. Lembra o Mandamento que, mais tarde, os filhos devem amparar os pais – ainda que sejam adotivos –, servindo-os na velhice, pois estes muito trabalharam, sofreram e se dedicaram, anos a fio, para torná-los felizes e fazê-los progredir. Honrar pai e mãe é, assim, expressar gratidão, demonstrar amor filial. É, enfim, também cumprir o mandamento cristão do amor ao próximo.

c) **Fixação e/ou avaliação:** Interrogatório.

O Evangelizador deverá fazer perguntas, conforme sugestões abaixo, e reportar-se a possíveis questões levantadas pelas crianças, anotadas durante o fase de incentivação inicial.

1. Que é Decálogo?
2. Que significam “mandamentos”?
3. Qual a importância de se conhecer e praticar os ensinamentos contidos nos “Dez Mandamentos”?
4. O que significa “honrar pai e mãe”? Como devemos cumprir esse Mandamento?
5. Nós, espíritas, desobedecemos a Lei de Deus ao não guardarmos o sábado?

d) **Material didático:** _____

PLANO DE AULA

1. TEMA: Os Dez Mandamentos - Parte II

2. OBJETIVO: O aluno deverá identificar nos Mandamentos uma diretriz divina para o aperfeiçoamento espiritual, que se consubstanciam numa orientação perfeita para o relacionamento correto da criatura para com Deus e para com o próximo.

3. BIBLIOGRAFIA:

Êxodo; 20: 1 a 12; Deuteronômio, 5: 12 e 13

Mt, 5: 21, 27, 28 e 37, 19: 18, 7: 12, 22: 34 a 40; Lc, 6: 31, 12: 15, 13: 14 a 16; Rm, 13: 9; Ef, 4:28
ESE, caps. 1 e 11

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), itens 62, 268 a 273; Evolução em Dois Mundos (André Luiz / F. C. Xavier), cap.20; Fonte Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 142)

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador deverá recordar, por meio de perguntas, quais os Mandamentos estudados na última aula. Isso deverá ser feito rapidamente, de modo a introduzir o assunto desta aula, que é continuação da anterior. Após isso, o Evangelizador distribuirá tiras de papel com os restantes seis Mandamentos, solicitando sejam lidos em ordem crescente. Após a leitura de cada um, incentivar comentários, completando-os, com base nas explicações abaixo:

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Explicar inicialmente que os quatro Mandamentos estudados anteriormente se referem aos deveres para com Deus e com os pais, e que os de hoje se referem à conduta que deve ser observada em relação ao próximo.

V. Não mateis.

Explicação: Este Mandamento chama a atenção para o respeito que devemos ter pela vida de quem quer que seja. Quis Deus, estabelecendo este Mandamento, deixar claro o valor da vida, e que ninguém tem, sob nenhuma desculpa, o direito de tirar a vida de outrem. À época de Moisés – há mais de três mil anos – o valor da vida ainda não era devidamente compreendido; entretanto, hoje, a Humanidade, apesar dos conflitos e incompreensões ainda existentes, está mais esclarecida quanto à necessidade da sua preservação, nos diversos níveis em que se ela manifesta. A esse respeito, Emmanuel ensina: “À medida que evoluídes no sentimento evangélico, compreenderéis que todos os matadores se encontram em oposição ao texto sagrado.” Interrogado sobre a caça, esclarece: “... o homem espiritual do futuro, com a luz do Evangelho na inteligência e no coração, terá modificado o seu ambiente de lutas, auxiliando igualmente os esforços evolutivos dos seus companheiros do plano inferior, na vida terrestre.” (O Consolador, item 62).

VI. Não cometais adultério.

Explicação: Este Mandamento se refere à fidelidade, ao respeito que se deve manter diante de um compromisso afetivo assumido por uma pessoa em relação a outra. O cônjuge que não respeitar esse compromisso estará em falta não apenas relativamente ao outro, mas também perante Deus. Significa, ampliando o entendimento, que não devemos agir de modo ilícito, adulterando idéias, documentos, até mesmo produtos materiais, com o intuito de tirar proveito ou prejudicar o próximo.

VII. Não roubeis.

Explicação: Relaciona-se com o respeito que devemos ter diante da propriedade alheia, ou seja que não podemos tirar dos outros aquilo que lhes pertence. Incorre, assim, em falta grave, perante a Lei de Deus, aquele que se apropria de algo pertencente ao próximo. Este Mandamento é para resguardar o direito de propriedade legítima, sem o qual não haveria ordem no mundo. Entretanto, não deve ser interpretado como se dirigido somente às coisas materiais. As leis do mundo vêm-se aperfeiçoando ao longo dos tempos, mas ainda estão longe da Lei de Deus. Hoje, embora a lei humana garanta o direito autoral, ou seja, o direito de propriedade e os frutos decorrentes de criações no campo das idéias e das artes, ainda há muitos roubos que não são relacionados entre os crimes punidos pelos tribunais humanos. Existem pessoas que roubam esperança, otimismo, alegria, tempo, confiança, tranquilidade.

VIII. *Não presteis falso testemunho contra o vosso próximo.*

Explicação: A mentira se caracteriza sempre como ação má. A pessoa que mente para fugir à responsabilidade de um ato praticado e que não quer seja do conhecimento de outras, demonstra ter um caráter fraco, incapaz de enfrentar a verdade e de assumir a responsabilidade dos seus atos. Entretanto, se é condenável a mentira quando praticada no sentido de esconder algo, muito mais condenável se torna quando usada no sentido de prejudicar alguém. Aí ela se caracteriza como falso testemunho. E toda vez que prestarmos falso testemunho estaremos infringindo a Lei Divina. Por isso, em qualquer situação, seja perante um tribunal ou fora dele, devemos ser verdadeiros, pois caso contrário, estaremos nos complicando espiritualmente. Jesus ratificou também este Mandamento, ao ensinar: “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim, :Não, não; porque o que passa disso é de procedência maligna.” (Mt, 5: 37).

IX. *Não desejeis a mulher do vosso próximo.*

Explicação: O objetivo deste Mandamento é educar a criatura humana, no sentido de respeitar a união conjugal do próximo, garantindo a integridade da família, pela condenação da promiscuidade. É claro que se refere também ao homem, pois conforme aprende-se no Espiritismo, os direitos do homem e da mulher são iguais, logo os deveres também o são. Jesus adverte, de modo mais claro, a respeito da responsabilidade espiritual daquele que não sabe manter a pureza dos seus pensamentos: “Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo que qualquer um que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela.” Mt, 5: 27 e 28).

X. *Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.*

Explicação: Cobiçar quer dizer desejar ardentemente, com ânsia, principalmente bens ou gozos materiais. Desejar possuir coisas é mais do que natural. O que é errado é centralizarmos nosso desejo de posse naquilo que constitui propriedade de alguém. Ao invés de a criatura gastar suas energias cobiçando as coisas das outras, seria mais acertado usar sua atenção e suas energias no sentido de, pelo trabalho, esforço e perseverança conseguir, por sua vez, aquilo que almeja ter. A cobiça, a inveja, a ambição, o desejo desmedido de posses de bens terrenos são próprios de Espíritos ainda muito imperfeitos, desequilibrados, materialistas.

Os Dez Mandamentos constituem, até hoje, a base fundamental da Justiça no mundo. São leis eternas, imutáveis, que determinam a postura do homem diante de Deus e do próximo. Baseavam-se, essas leis, mais na proibição do que na compreensão. À época de Moisés, havia necessidade de serem explicitadas minuciosamente, face a ignorância e a rudeza do povo judeu.

Mais de mil anos após o recebimento do Decálogo por Moisés, Jesus resumiu-o em apenas dois mandamentos, ao responder a pergunta de um fariseu, doutor da lei, que lhe perguntara qual seria o maior mandamento da lei: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.” (Mt, 22: 34 a 40). Por “toda a lei e os profetas”, deve-se entender: “...o Decálogo e todas as leis que foram até hoje ensinadas pelos profetas”.

Como se vê, Jesus tirou o caráter proibitivo da antiga Lei, sem tirar-lhe a eficácia. Os ensinamentos do Mestre não contêm a negativa inicial: “Não...” Ao invés de se fixar na negação do mal, Jesus incentiva a prática do bem, levando o homem a compreender que não deve praticar nenhuma daquelas ações proibidas no Decálogo, menos pelo temor da punição de Deus e mais por ver, no semelhante, alguém com os mesmos direitos que ele. Daí, outras recomendações suas: “Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas.” (Mt, 7: 12). “Tratai todos os homens como queiríeis que eles vos tratassem.”(Lc, 6: 31).

c) Fixação e/ou avaliação. Diálogo.

Serão levadas a efeito durante o próprio desenvolvimento da aula, devendo o Evangelizador, ao final, enfatizar os ensinamentos positivos de Jesus.

d) Material didático: Tiras de papel, contendo os seis Mandamentos estudados nesta aula.



V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencem.



V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencem.



V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencem.



V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencem.



V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencem.



PLANO DE AULA

1. TEMA: A Missão de Jesus

2. OBJETIVO: As crianças reconhecerão em Jesus o maior e o mais perfeito missionário que a Terra conheceu.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 6: 26; 7:29; 9:35; Mc, 8: 34; Lc, 4:15, 20, 30 a 32; 10: 25-37; 1 Jo, 4: 20

ESE, 1: 3 e 4; LE, 625 a 627; GE, cap. 15

A Caminho da Luz (Emmanuel / F.C. Xavier), caps. 1 e 12; Jesus no Lar (Neio Lúcio / F. C. Xavier), cap. 1

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Estabelecer conversa com as crianças, no sentido de discutir qual das atividades de Jesus foi a mais importante, se as curas, se as palavras, se os ensinamentos através dos exemplos.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Depois de estabelecida a conversação, apresentar as seguintes considerações, para, ao fim da aula, concluir, mostrando Jesus como o missionário da Boa Nova.

As religiões, de modo geral, ensinam que a cada época Deus envia à Terra um Espírito missionário, portador de novas verdades religiosas, em consonância com a necessidade ou o progresso dos povos. Esse missionário recebe o nome de mestre, de iluminado, de profeta, de santo, conforme o meio em que reencarna. Jesus se situa entre os grandes benfeitores da Humanidade, mas a sua figura é vista diferentemente pelas várias correntes religiosas do mundo, existindo pelo menos três definições bem distintas

Certas correntes religiosas, principalmente do Oriente, reconhecem a missão dos profetas judeus e incluem Jesus entre eles, deixando de reconhecer-lhe a estatura espiritual que, inegavelmente, o coloca em destaque diante de todos os outros benfeitores que a Terra conheceu, em todos os tempos. Essas correntes religiosas do Oriente, por considerarem Jesus apenas mais um profeta, deixam de reconhecer a amplitude universal do seu Evangelho, como se a sua missão se restringisse apenas ao âmbito do povo judeu.

Uma outra posição, num outro extremo, a da Igreja Católica Romana e de todo o Protestantismo, que consideram Jesus a encarnação do próprio Deus. Essas religiões ensinam que Deus é constituído de três pessoas numa só: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Segundo elas, o Filho se encarnou entre os homens, na figura de Jesus. Daí ouvirem-se expressões como essas: “Deus menino...”, referindo-se a Jesus quando criança, ou “Deus se fez homem...”, referindo-se a Jesus já adulto.

O Espiritismo tem uma terceira posição, que fica entre as outras duas, pois ensina que Jesus nem é um missionário comum, nem é Deus. É um Espírito, filho de Deus como nós, portanto nosso irmão. Sua natureza não é diferente da nossa. O que o faz diferente de nós é apenas evolução. É um Espírito que foi criado há muitíssimos milênios e cuja evolução se perde na noite dos tempos. Jesus é, fora de qualquer dúvida, o Espírito mais evoluído que a Terra conheceu, não sendo possível qualquer comparação com outros missionários.

Jesus não veio à Terra para criar uma nova religião ou uma nova seita. Veio exatamente para libertar o homem do jugo dos sacerdotes, exercido no interior das religiões. Entretanto, com o passar do tempo, o próprio movimento cristão, que não soube interpretar os ensinamentos do Mestre em toda a sua amplitude, foi restringindo-lhe o alcance. Os líderes religiosos, por estarem mais interessados em dominar do que em iluminar as criaturas com as claridades do Evangelho, foram centralizando as práticas religiosas em cultos e rituais complicados, onde a figura renovadora e atuante de Jesus cedia espaço à figura de Jesus morto. Com o passar do tempo, a mensagem viva da Boa Nova deixou de ser estudada nos templos com aquela objetividade, clareza e aplicabilidade na vida diária, que caracterizavam os ensinamentos de Jesus. A figura do Mestre, presente nos atos diários da vida quotidiana, foi sendo substituída por outra, imobilizada num crucifixo. O apelo religioso não mais era o de seguir Jesus-vivo, mas sim de chorar Jesus-morto. A prática religiosa que foi vivenciada por Jesus de forma, tão dinâmica, passou a

ser uma contemplação mística, extática, no interior dos templos, em torno de um Jesus morto, ensinando-se, concomitantemente, que a sua vinda à Terra teve como objetivo oferecer a Deus seu sangue, inocente de qualquer culpa, para salvação da Humanidade.

Jesus já sabia que sua mensagem seria desvirtuada e adaptada ao gosto e ao interesse daqueles que desejavam o poder religioso. Por isso é que prometeu mandar o Consolador para ensinar todas as coisas e para relembrar os seus ensinamentos (Jo, 14: 15 a 17 e 26). Cumprindo a sua promessa, o Mestre mandou-nos o Espiritismo, que trouxe-nos de novo os seus ensinamentos libertadores, na sua pureza, simplicidade e alcance originais. O Espiritismo veio, então, para relembrar à Humanidade as propostas de aprimoramento espiritual apresentadas por Jesus, propostas essas dirigidas a todos os seres humanos, de todos os quadrantes da Terra.

A mensagem de Jesus é uma proposta de libertação do espírito humano, através de um novo conceito de religião. Religião não-contemplativa e não-apartada da vida diária. Segundo os ensinamentos e os exemplos de Jesus, a religião deve estar presente e influir nos atos da vida comum, o que leva o Homem a concluir que todos os momentos da vida são sagrados, todos os lugares são sagrados, de vez que Deus está em todos os momentos em todos os lugares.

Os exemplos de Jesus nesse sentido são profundamente marcantes, pois orava, meditava, ensinava, amparava, curava, exortava ao bem, enfim, praticava todos os atos conceituados como atos religiosos, onde quer que estivesse, a qualquer hora do dia ou da noite, exatamente para demonstrar que o bem deve ser praticado em todos os momentos da vida, e que a casa de Deus não é apenas o templo religioso, mas sim o Universo inteiro.

Jesus mudou completamente a concepção de relacionamento da criatura humana com o Criador. Libertou o Homem do temor a Deus, ensinando-lhe que Deus é Pai, é amor: “Pai Nosso, que estás nos céus...”; “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus...” (Mt 6: 9; 7:11). É a figura do Pai justo, compassivo, paciente, misericordioso, em contraposição à figura colérica, vingativa e cheia de preferências pessoais que os judeus cultuavam. Jesus mostrou também que Deus não é aquele soberano postado no interior dos templos a aguardar oferendas e bajulações dos Homens e que quanto mais estes o agradassem, mais bênçãos receberiam. Jesus ensinou que podemos buscar em Deus o amparo necessário à execução de nossas tarefas, mas que o esforço é individual e que ninguém progride com o esforço alheio: “Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me...” (Mc, 8: 34).

Mudou, também, a concepção do relacionamento do Homem com o próximo, ensinando que de nada adiantava tentar agradar a Deus no templo, se não se buscasse viver em paz na vida comum: “Portanto, se trouxeres a tua oferta diante do altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão... (Mt, 5: 23 e 24). Nenhum missionário enfatizou tanto o próximo como caminho para Deus. Por bem entender os ensinamentos do Mestre é que o Apóstolo João diz, numa de suas cartas: “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (1 Jo, 4: 20). Ninguém falou e exemplificou tanto o perdão quanto o Mestre, que respondendo a Pedro, que lhe perguntara quantas vezes deveria perdoar, se até sete vezes, responde-lhe: “Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete.” (Mt, 15: 21 e 22). Isto é, infinitamente. Quando o doutor da lei perguntou a Jesus o que deveria fazer para ter vida eterna, o Mestre demonstrou-lhe que deveria usar na vida diária aqueles preceitos que conhecia e recitava apenas como prática religiosa. E para exemplificar contou-lhe a parábola do Bom Samaritano (Lc, 10: 25 a 37) como ilustração do “ama ao teu próximo como a ti mesmo” que os Judeus conheciam de cor, mas não praticavam.

Até Jesus, a religião era toda mística, misteriosa e do domínio completo dos sacerdotes, que se apresentavam como intermediários entre o Homem e Deus. O Homem era inteiramente passivo, não lhe competindo entender, mas apenas seguir os preceitos da religião. Com Jesus, o conceito de religião muda completamente no mundo, transformando a área do sentimento e do misticismo passivo e entrando no domínio do entendimento, da razão. Jesus veio ensinar a compreensão e a aplicação inteligente dos preceitos religiosos. Quando o fariseu o censurou por haver curado no sábado, o Mestre chamou-o à razão, buscando fazê-lo raciocinar, ao perguntar-lhe o que faria se naquele dia caísse um boi ou uma ovelha de sua propriedade numa vala. No Sermão da Montanha - peça considerada por muitos como um hino ao sentimento - Jesus fala também à razão, quando demonstrou ao Homem que se Deus cuida das aves e das plantas, como não haveria de prover as necessidades de seus filhos: “... Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt, 6: 26). Foi o Mestre do diálogo aberto, do ensinamento ao nível de todas as criaturas, qualquer que fosse o seu degrau evolutivo, o seu nível de compreensão.

Os mestres religiosos, em geral, não trabalham para ganhar o próprio sustento. Apartam-se da “vida profana”. Jesus, ao contrário, mostrou que a religião não é incompatível com o trabalho. Servindo como carpinteiro – profissão de criaturas simples –, deixou a mais ampla e profunda mensagem religiosa que a Terra já recebeu.

Os mestres religiosos ensinam os mais belos conceitos, mas, em geral, permanecem longe da prática da vida. Quase todos ficam apenas no campo da pregação teórica, no campo do ideal. Também nesse aspecto o testemunho de Jesus é marcante. Ele foi, inquestionavelmente, o Mestre do exemplo, pois além de ensinar, usando frases simples, claras, acessíveis a todos, exemplificava tudo, vivendo, ele próprio, os ensinamentos. Ensinou e vivenciou seus ensinamentos de modo exuberante. Desde a lição inextinguível da manjedoura, à morte gloriosa na cruz, ninguém prodigalizou à Humanidade tantos exemplos vivos de fé, bondade, abnegação, perdão e amor, quanto o Mestre Nazareno.

Jesus se destaca de todos os demais missionários que vieram à Terra por características marcantes de sua ação. De modo geral, os gurus, os iniciados, os mestres, se fixam num determinado local, estabelecendo ali uma espécie de santuário. Como o Mestre nunca agiu assim, não há um lugar especialmente consagrado a ele. Jesus, na medida em que os meios de locomoção da época lhe permitiam, deslocava-se em busca dos aprendizes da Boa Nova, levando-lhes sua palavra amorosa e libertadora, estivessem eles nas ruas, nas estradas, à beira do lago, no trabalho, no lar...

O Mestre nunca enfatizou a necessidade do estudo, da meditação e da oração nos templos, mas no lar, longe da suntuosidade e do luxo dos ambientes religiosos. Ali, na casa de Simão Pedro, em noite memorável, inicia, Ele próprio, O Culto do Evangelho no Lar, ensinando a prática do estudo, da conversação nobre, da meditação elevada e da oração em torno da mesa, com os familiares do Apóstolo (Jesus no Lar, cap. I).

Jesus foi o Mestre que, trabalhador humilde, pobre e sem títulos, usando as coisas mais simples da vida, como a semente, o peixe, o pão, a água, deixou, através da sua palavra amorosa e sábia e do exemplo marcante, a mais profunda e libertadora mensagem de todos os tempos.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

As perguntas abaixo poderão ser apresentadas às crianças, e depois, comentadas e discutidas com elas:

01. Como algumas religiões orientais interpretam a missão de Jesus na Terra?
02. Quem abriu na Terra o primeiro Culto Cristão no Lar?
03. Qual o caminho para Deus apontado por Jesus ?
04. Cite alguns ensinamentos de Jesus que só o Espiritismo divulga e prega.
05. Por que Jesus prometeu que mandaria o Consolador?
06. Qual era a idéia de Deus que tinha o povo hebreu?
07. Jesus modificou a idéia que os Judeus tinham em relação à prece?
08. Por que Jesus pode ser citado como o Mestre do exemplo?
09. Jesus foi um profissional religioso?
10. Jesus estabeleceu algum lugar como sagrado?

d) Material didático: _____

PLANO DE AULA

1. TEMA: Parábola - O Filho Pródigo

2. OBJETIVO: A criança deverá ser levada a concluir que Jesus contou essa parábola para chamar a atenção sobre a misericórdia, evidenciando que ninguém está perdido para sempre.

3. BIBLIOGRAFIA:

Lc, 15: 11 a 32

ESE, 14: 9

Pão Nosso (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 24 e 157

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador deverá perguntar às crianças se sabem o que significa *parábola* e se conhecem o nome de alguma. Anotar a participação das crianças, inserindo, na sua exposição, sempre que possível, algo do que responderam.

b) Desenvolvimento: Narração e diálogo.

Jesus usou muitos métodos diferentes para deixar-nos os seus ensinamentos. Usava freqüentemente exemplos concretos a fim de se fazer melhor entendido, valendo-se de pequenas histórias para ilustrar aquilo que ensinava. A essas histórias, dá-se o nome de parábolas. Em O Novo Testamento há 34 parábolas. Dentre as mais conhecidas está a da lição de hoje.

O Evangelizador deverá contar a parábola do Filho Pródigo, tendo antes explicado o que é parábola e porque Jesus se valia desse método de ensino.

“Um certo homem tinha dois filhos;

E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.

E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente.

E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.

E, foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos.

E desejava encher seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.

E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!

Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;

Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.

E, levantando-se, foi para o seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.

E o filho lhe disse: Pai pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.

Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;

E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos; e alegremo-nos;

Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se.

E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças.

E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo.

E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo.

Mas ele se indignou, e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele.

Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos;

Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.

E ele disse ao filho: Filho, tu sempre estás comigo e todas as minhas coisas são tuas;

Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se.”

Depois de haver contado a parábola, o Evangelizador deverá incentivar as crianças a comentá-la, perguntando-lhes, por exemplo, quais os pontos que mais lhes chamaram a atenção, aduzindo, ao final, alguns comentários como os que se seguem:

A parábola encerra vários ensinamentos e não deve ser enfocada apenas no que se refere à ingratidão do filho que, não valorizando os bens que seu pai generosamente colocou-lhe nas mãos, esbanjou tudo. Em verdade, ele errou, mas reconheceu o erro, o que é muito importante. Reconheceu o erro, mas não ficou apenas se lamentando. Teve uma atitude de coragem e de humildade, retornando ao lar paterno, agora enriquecido com a sua experiência pessoal, haurida no sofrimento, pois diante da necessidade, da fome, ele começou a dar valor àquilo que tivera no lar paterno e que desprezara.

Por essa parábola, vê-se que se fosse apenas aplicada a justiça, o pai não deveria receber de volta o filho, pois já lhe havia dado tudo aquilo a que tinha direito. Ele não poderia reclamar mais nada. É assim que raciocinam e agem aqueles que se apegam ainda à lei do “olho por olho, dente por dente”.

Mas, o pai daquele jovem, que poderia tê-lo repellido, acolheu-o. E acolheu-o com alegria. Nessa atitude paterna, Jesus ensina, de forma notável, o perdão, a misericórdia, a alegria de um pai ao ter de volta seu filho que se havia perdido. Deixa o Mestre ali, um forte exemplo contra a idéia terrível das penas eternas. Deixa um verdadeiro desmentido àqueles que teimavam e outros que teimam ainda hoje em colocar Deus como um juiz inflexível, capaz de condenar seus filhos ao sofrimento eterno, às penas do Inferno. Se Jesus mostra um pai terreno agindo com benevolência e misericórdia em relação ao filho que reconhece ter pecado contra ele, quanto mais não fará o Pai Celestial? Pode a misericórdia de um homem ser superior à misericórdia de Deus?

A parábola alerta também quanto aos sentimentos inferiores que animaram o outro filho, aquele que permaneceu em casa. Ele não se alegra como o pai. Ao contrário, numa demonstração de inveja, de egoísmo, de sovinice, contraria a vibração de alegria e de amor que envolve seu pai e a todos da casa, reclamando revoltado contra a generosidade paterna. Critica-o duramente por ter-se tocado de compaixão e usado de benevolência e misericórdia com o seu irmão.

De que valeu ao filho mais velho aquele tempo que permaneceu junto do pai – homem generoso e justo –, se não aprendeu-lhe as lições de bondade? Agindo assim, ele se revela interesseiro, egoísta. Tudo indica que ficou com o pai por interesse na herança, e que agora, vendo o irmão voltar sem nada, ficou com receio de que o pai dividisse de novo os bens, embora o irmão tenha pedido ao pai, humildemente apenas a condição de empregado, de simples diarista (jornaleiro, como ele diz) “Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.”

Emmanuel, ao comentar a atitude dos dois irmãos, diz “Esse tipo de homem egoísta é muito vulgar no quadros da vida. Ante o bem-estar e a alegria dos outros, revolta-se e sofre, através da segura que o aniquila e do ciúme que o envenena. Lendo a parábola com atenção, ignoramos qual dos filhos é o mais infeliz, se o pródigo, se o egoísta, mas atrevemo-nos a crer na imensa infelicidade do segundo, porque o primeiro já possuía a bênção do remorso em seu favor.” (Pão Nosso, cap. 157).

c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo.

O Evangelizador fará a avaliação através de perguntas, como as sugeridas abaixo, na parte final da aula, ocasião em que fará também a fixação, dando ênfase aos pontos mais relevantes da lição:

Foi corajosa ou covarde a decisão do moço ao voltar à casa paterna.?

Qual dos irmãos era mais feliz?

Se o pai dos moços se baseasse apenas na justiça, teria recebido o filho de volta?

Por que o pai mandou fazer uma festa?

Foi egoísta a atitude do irmão mais velho?

Qual a atitude mais educativa do pai: deixar o filho na miséria, para aprender, ou dar-lhe nova oportunidade?

Através dessa parábola, o que Jesus ensinou a respeito das penas eternas?

d) Material didático: _____

PLANO DE AULA

1. TEMA: Parábola - Os Trabalhadores da Última Hora

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar nessa parábola um importante chamamento de Jesus para que a criatura aproveite melhor o tempo, buscando o auto-aprimoramento espiritual.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 20: 1 a 16.

ESE, cap. 20.

Parábolas Evangélicas à Luz do Espiritismo (Rodolfo Calligaris).

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador deverá iniciar a aula dizendo às crianças que hoje vai ser estudada mais uma parábola das que Jesus contou. Depois deverá perguntar se alguém se lembra do que significa parábola. A seguir, perguntará se alguém já ouviu falar da Parábola dos Trabalhadores da Última Hora.

b) Desenvolvimento: Narração. O Evangelizador distribuirá o texto, ou narrará, a Parábola dos Trabalhadores da Última Hora, já transcrita em palavras mais acessíveis às crianças.

Depois de lida ou narrada a parábola, perguntar às crianças por que Jesus a teria contado. Sabendo que um Espírito como Jesus não viria à Terra para contar estórias com o fim de distrair as pessoas, devemos procurar os ensinamentos que certamente estão contidos nela.

À primeira vista, parece que os operários que se queixaram tinham razão de reclamar contra a decisão do senhor da vinha em pagar-lhes o mesmo salário, pelo fato de terem trabalhado mais tempo que os outros, que só tiveram uma hora de serviço. Esse é o raciocínio humano, é a idéia da justiça do mundo, que só considera o lado exterior das coisas. No caso da parábola, os operários não tinham razão de reclamar, porque estavam recebendo exatamente o salário que haviam combinado na praça com o seu patrão. Era o salário comum naquela época, para o trabalho de um dia, uma jornada, ou um jornal, como diziam. O dono da vinha havia combinado pagar um denário e cumpriu a sua palavra.

Depois desses comentários, distribuir as palavras recortadas (ou escrevê-las no quadro-de-giz, ou num cartaz) pedindo-lhes encontrar no texto alguma ligação com elas, mais ou menos de acordo com as interpretações que se seguem:

Fé: O primeiro ensinamento é o da fé. Aqueles homens que foram contratados por último tiveram fé. O seu pensamento forte, além de ir a Deus, deve ter alcançado o dono da vinha, que, por certo, foi tocado pela vibração desejosa de trabalho que eles mantinham e, por isso, os contratou, embora já fosse tarde.

Persistência: Uma demonstração viva da fé é a persistência com que ficaram, até quase o fim do dia, buscando quem os empregasse. Não adiantaria nada apenas ter fé, pedirem a Deus, e irem-se embora, com preguiça. Eles permaneceram até quase o fim do dia no local onde habitualmente os trabalhadores eram contratados, esperando ser chamados ao trabalho. Ficando ali até a tarde, puderam conseguir um meio de ganhar seu pão honestamente.

Confiança: Os trabalhadores que foram contratados à última hora não ficaram discutindo o quanto ganhariam. Aceitaram o trabalho, sem saber o quanto receberiam. Aproveitaram imediatamente a oportunidade de trabalho que lhes foi oferecida. Confiaram no dono da vinha. Confiaram no valor do seu trabalho. Sabiam que do trabalho viria algum resultado bom.

Decisão: os trabalhadores que foram contratados por último decidiram imediatamente aceitar o trabalho que lhes era oferecido. Essa atitude mostra que eles sabiam o que queriam, e logo que a oportunidade surgiu, a pegaram. Se tivessem ficado indecisos, o resto do tempo do dia teria passado e eles não teriam oportunidade de trabalhar.

Dedicação: Aqueles homens que foram contratados por último devem ter-se entregue ao trabalho com muita coragem e dedicação, valorizando a oportunidade que lhes era dada. Esse esforço, essa dedicação por certo foram notados pelo dono da vinha, que se decidiu pelo pagamento igual.

Inveja: podemos tirar valioso ensinamento quanto à inveja. Só poderia ser considerada uma reação invejosa aquela dos homens que haviam trabalhado desde a manhã, pois o dono da vinha estava pagando exatamente conforme havia combinado. Não devemos nos preocupar com o que os outros fazem com aquilo que lhes pertence. O dono da vinha pagou o quanto ele achou que era justo. É muito importante nos preocuparmos com a nossa vida, com aquilo que é da nossa responsabilidade. Só devemos nos preocupar com a vida dos outros quando notamos que precisam de nós. Aí, sim, devemos observar as ações do nosso próximo, não para questioná-las, mas para vermos em que podemos ajudar.

Justiça: Nem sempre um controle numérico, matemático nos permite fazer justiça. Se o dono da vinha fosse pagar apenas com base no número de horas, os valores seriam diferentes. Entretanto, ele levou em conta outros fatores que não podem ser medidos matematicamente. Esses valores nem sempre aparecem aos olhos das criaturas que não estão firmemente empenhadas em fazer justiça. Só aqueles realmente desejosos de acertar é que desenvolvem a sensibilidade capaz de fazê-los ver além dos números. O dono da vinha era dotado dessa sensibilidade.

Escolha: Ao dizer que “muitos são os chamados e poucos os escolhidos”, Jesus não quis dizer que há alguma preferência especial por esta ou aquela pessoa, que não seja baseada no mérito. O Mestre chama a atenção para o fato de que entre os chamados há aqueles que são os escolhidos, porque fazem por merecer, como os trabalhadores da última hora.

c) Fixação e/ou avaliação: Feitas no decorrer da própria aula.

O Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, procurando trabalhadores para a sua plantação de uvas. Combinou, com os que encontrou, que pagaria um denário a cada um, por dia, e eles foram ao trabalho na vinha.

O dono da vinha saiu de novo, no início da manhã, e encontrou numa praça algumas pessoas desocupadas, e, convidando-as para trabalhar, disse-lhes que pagaria o que fosse justo. E elas foram para a vinha.

Saiu novamente no final da manhã e no meio da tarde e fez o mesmo; depois, no final da tarde, encontrando pessoas desocupadas, perguntou-lhes: “Por que estão sem trabalhar o dia inteiro?” E eles responderam: “porque ninguém nos contratou.” Então o dono da vinha convidou-os também a trabalhar, dizendo que lhes pagaria o que fosse justo.

Ao cair da tarde, o dono da vinha chamou um empregado que cuidava dos seus negócios e disse-lhe: “Chama os trabalhadores que estão no campo e paga-lhes o que é de direito, começando pelos últimos e indo até os primeiros.”

Então vieram os que começaram a trabalhar por último, no final da tarde, e foi-lhes pago um dinheiro a cada um. Depois chegaram aqueles que haviam sido contratados primeiramente, e pensaram que fossem receber mais; entretanto, cada um recebeu apenas um denário. Ficaram descontentes, e foram reclamar com o dono da vinha: “Os que chegaram por último trabalharam apenas uma hora e receberam o mesmo que nós, que trabalhamos durante todo o dia, suportando o calor.”

Então disse o senhor a um deles: “Meu amigo, não o estou prejudicando. Não combinamos que você receberia um denário por dia? Toma o que lhe pertence e vai embora; eu quero dar a quem chegou por último o mesmo que dei a você. Ou não me é permitido fazer o que quero com aquilo que é meu? Ou o seu olho é mau porque sou bom?”

Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

PERSISTÊNCIA	INVEJA	DEDICAÇÃO	FÉ
DECISÃO	ESCOLHA	CONFIANÇA	JUSTIÇA

d) Material didático: Folhas com texto e tiras de papel, ou quadro-de-giz.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Há Muitas Moradas na Casa de Meu Pai

2. OBJETIVO: A criança tomará conhecimento de que Jesus revelou a existência de outros mundos habitados, além da Terra, onde existe vida, e que os Espíritos transmigram de um mundo a outro.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 14: 1 a 3, 14: 15 a 17 e 26

ESE, cap. 3; LE, 55 a 58, 172 a 188

A Caminho da Luz (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 3, 7 e 25; Nosso Lar (André Luiz / F. C. Xavier); Fonte Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 44

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador perguntará às crianças se as pessoas, ao tempo de Jesus, sabiam da existência de outros planetas. Por certo responderão negativamente. Chamará a sua atenção para a revelação sobre outros mundos feita por Jesus. Depois perguntará: por que teria o Mestre tocado nesse assunto, se ele era carpinteiro e não astrônomo?

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Sabemos que os Egípcios tinham conhecimentos avançados de astronomia e que os Gregos sabiam da redondeza da Terra, conheciam a medida da sua circunferência, a distância da Terra à Lua, ao Sol, etc. Esses conhecimentos não tiveram divulgação e o povo em geral acreditava, até a Idade Média, que a Terra era plana e se situava no centro do Universo. Pensavam que tudo, inclusive o Sol, girasse em torno do nosso pequeno mundo!

Jesus, por certo, não quis dar aulas de astronomia, mas afirmou que existem outros mundos e, mais, que esses mundos são habitados: “Há muitas moradas na casa de meu Pai” (Jo, 14: 2), disse o Mestre, embora não fosse entendido àquela época. Ele fez essa revelação sabendo naturalmente que não a compreenderiam, por isso mesmo prometeu que pediria ao Pai enviar outro Consolador, dizendo: “Mas aquele Consolador, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (Jo, 14: 15 a 17 e 26).

A afirmativa de Jesus a respeito de outros mundos habitados ficou no Evangelho de João, sem explicação, nem comentários por parte dos teólogos das várias correntes cristãs, até o surgimento da Terceira Revelação, o Espiritismo, que realmente relembra, dentre muitas outras coisas, esse ensinamento de Jesus e dá-lhe explicação, à luz da Ciência, pois a astronomia revelou a existência de outros sóis e planetas, em quantidade que escapa à nossa compreensão.

Hoje, embora a Ciência ainda não reconheça oficialmente a existência de vida em outros planetas, ninguém, a não ser pelo ranço religioso, tem coragem de negá-la.

Por que teria Jesus revelado a existência de outros mundos habitados? Não foi o Mestre o grande evangelizador, a maior expressão espiritual que a Terra conheceu em todos os tempos? Por que viria ele falar de astronomia?

Ao revelar a existência de outros mundos, ampliou a própria concepção que se tinha de Deus, que era visto como um deus terrestre, a bem dizer um soberano do nosso mundo. Jesus, ao falar em outros mundos, mostrou que também esses são governados pelo mesmo Deus, visto ser Ele único. Ora, se Ele é único, deve ocupar-se também com os outros mundos, logo não pode ser “aquele velhinho sentado num trono reluzente a governar a Terra, aguardando o dia do Juízo Final, para colocar os bons à sua direita e os maus à sua esquerda”, conservando os primeiros no céu e mandando os segundos para o Inferno, conforme ensinam algumas religiões.

O Consolador prometido por Jesus veio explicar a utilidade desses outros mundos, como morada de Espíritos de variados graus evolutivos, tanto aqueles que estão abaixo do nosso, quanto outros que se encontram acima do nível de evolução em que nos encontramos. Do mesmo modo que o aluno frequenta determinada escola que esteja à altura do seu adiantamento, o Espírito se encarna naquele mundo que seja compatível com a sua evolução.

Assim, sabemos que a morada de Espíritos inferiores a nós, em evolução, deve ser um mundo que tenha menor grau de adiantamento, e a morada daqueles que estão acima de nós deve, necessariamente, ser superior à nossa Terra. Essa correspondência só não é estritamente observada no caso do desempenho de missões sacrificiais, quando um Espírito mais adiantado encarna-se num mundo atrasado, a fim de auxiliar alguém, ou um grupo, ou, no caso de grandes benfeitores, a Humanidade toda daquele orbe.

Não há uma classificação absoluta de mundos, mas em O Evangelho segundo o Espiritismo pode-se ver uma escala que Kardec depreendeu a partir do ensinamento dos Espíritos:

Mundos Primitivos: são aqueles destinados às primeiras encarnações da alma humana, onde reina mais a animalidade, o primitivismo, do que a maldade. Ali, a inteligência ainda não se encontra tão desenvolvida que possa gerar o mal calculado e frio. Há mais manifestações do instinto de sobrevivência do que propriamente de maldade.

Mundos de Expições e de Provas: nestes mundos predomina o mal, predominam as paixões grosseiras, e os interesses materiais são colocados acima daqueles intelectuais e morais. Nesses mundos impera a injustiça, o forte domina o fraco, o mais inteligente explora o ignorante. Neles, inteligência se encontra mais desenvolvida, porém colocada a serviço do egoísmo, que produz a miséria, a fome, a doença, o sofrimento enfim. Nesta categoria encontra-se presentemente a nossa Terra.

Mundos de Regeneração: aqui, embora não se trate de um mundo onde impere o bem absoluto, já não há a predominância do mal. Esses mundos são habitados por Espíritos ainda imperfeitos, mas dotados da vontade de progredir, já não mais acomodados com os seus erros. São os chamados Espíritos de boa vontade. É a essa categoria que a Terra deverá chegar no próximo milênio, conforme ensinam os Espíritos. Pode-se fazer idéia de como convivem as criaturas num mundo de regeneração, tomando-se por base a colônia espiritual Nosso Lar, descrita por André Luiz, no livro do mesmo nome.

Mundos Felizes: Nestes mundos o bem sobrepuja o mal. São agrupamentos de Espíritos que se empenham mais firmemente na sua transformação moral. Vive-se ali um clima de fraternidade legítima, onde as criaturas, por sentirem mais fortemente a sua filiação a Deus, sentem-se, conseqüentemente mais irmãs entre si.

Mundos Celestes ou Divinos: são habitações de Espíritos depurados, onde reina exclusivamente o bem. A nós, que ainda vivemos cercados pela maldade e pelo sofrimento, não é fácil fazer uma idéia de como vivem os seus felizes habitantes. Os Espíritos ensinam que ali se vive o bem constante, não mais conhecendo, os que ali residem, a angústia, o desespero, a frustração, o dasânimo, o desencanto, a falta de fé, a solidão, a doença, nem a dor. Vivem num estado de felicidade permanente.

Pelos esclarecimentos que a Doutrina Espírita nos propicia, vemos que a Terra, que foi considerada por muitos séculos como o centro do Universo, morada exclusiva de Deus, é uma modesta “morada da casa do Pai”. É um planeta onde somos testados a toda hora a respeito da nossa disposição de permanecer no bem, ou de retornar ao mal. Entretanto, não devemos considerar ruim a nossa casa planetária. Se bem observarmos, é ela acolhedora e cheia de beleza, dotada de elementos capazes de produzir abundantemente tudo aquilo de que o homem necessita. Ela encerra recursos capazes de propiciar a produção de alimento, de moradia, de vestuário para uma população muito maior do que essa que hoje a habita.

Se bem atentarmos para as lições de Jesus, veremos que a Terra não é o vale de lágrimas apontado pelos pessimistas, nem o resvaladouro perigoso, declarado por muitos teólogos, onde o homem é continuamente tentado pelos poderes do mal. É a escola bendita que Deus nos propicia para que prossigamos nossa caminhada evolutiva, despojando-nos do mal que ainda abrigamos em nós, aprendendo, com Jesus, a vivência no bem.

Não devemos, portanto, menosprezar o nosso planeta por sabê-lo cheio de misérias e de sofrimentos. Sabemos que essa condição não é permanente, mas transitória. Devemos, sim, nos lembrar de que a Terra tem todas as condições de se tornar um planeta de regeneração, desde que nós, seus habitantes, o queiramos. Basta que nos lembremos de que Jesus, o Excelso Missionário, não desprezou a Terra, tendo vindo, em pessoa, viver entre nós como Espírito encarnado, durante 33 anos, para deixar-nos sua lição amorosa de consolação e de esperança, mostrando-nos o caminho para a ascensão espiritual.

c) Fixação e/ou avaliação: Preenchimento de lacunas.

Reproduzir o exercício abaixo, fazendo as crianças completar as frases, usando as palavras entre parênteses:



1. Disse _____: “Há muitas _____ na _____ de meu _____.”
(moradas, Jesus, casa, Pai).
2. O Espiritismo veio _____ que Jesus, com a frase acima, estava _____ a _____ dos _____ e que eles são _____.
(pluralidade, ensinando, habitados, explicar, mundos).
3. Existem, no Universo, _____ superiores à _____, mas também existem outros que lhe são _____, conforme ensinaram os _____.
(Espíritos, Terra, inferiores, mundos).
4. O nosso _____ é _____ de provas e _____ não porque seja ruim, mas porque é _____ por Espíritos ainda imperfeitos.
(ainda, planeta, expiações, habitado).



1. Disse _____: “Há muitas _____ na _____ de meu _____.”
(moradas, Jesus, casa, Pai).
2. O Espiritismo veio _____ que Jesus, com a frase acima, estava _____ a _____ dos _____ e que eles são _____.
(pluralidade, ensinando, habitados, explicar, mundos).
3. Existem, no Universo, _____ superiores à _____, mas também existem outros que lhe são _____, conforme ensinaram os _____.
(Espíritos, Terra, inferiores, mundos).
4. O nosso _____ é _____ de provas e _____ não porque seja ruim, mas porque é _____ por Espíritos ainda imperfeitos.
(ainda, planeta, expiações, habitado).



1. Disse _____: “Há muitas _____ na _____ de meu _____.”
(moradas, Jesus, casa, Pai).
2. O Espiritismo veio _____ que Jesus, com a frase acima, estava _____ a _____ dos _____ e que eles são _____.
(pluralidade, ensinando, habitados, explicar, mundos).
3. Existem, no Universo, _____ superiores à _____, mas também existem outros que lhe são _____, conforme ensinaram os _____.
(Espíritos, Terra, inferiores, mundos).
4. O nosso _____ é _____ de provas e _____ não porque seja ruim, mas porque é _____ por Espíritos ainda imperfeitos.
(ainda, planeta, expiações, habitado).



d) Material didático: Cópias xerox do exercício de fixação.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Parábola - Os primeiros lugares e os convidados

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar na parábola dos primeiros lugares e dos convidados dois ensinamentos de Jesus concitando-nos ao exercício da humildade e a fazermos o bem desinteressadamente.

3. BIBLIOGRAFIA:

Lc, 14: 1 e 7 a 11

ESE, 7: 5 e 6

Parábolas Evangélicas (R. Calligaris), nº 19.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Narração.

O Evangelizador contará para as crianças a “Parábola dos primeiros lugares e dos convidados”, como segue:

Jesus entrou em um dia de sábado na casa de um dos principais Fariseus para aí fazer com eles uma refeição. Os que lá estavam observavam o Mestre, e ele aproveitou o momento para deixar duas lições, que poderão ser retiradas do texto evangélico:

*7 E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes:
8 Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar, para que não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu;*

9 E, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o teu lugar a este; e, então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar;

10 Mas, quando fores convidado, vai, e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então terá honra diante dos que estiverem contigo à mesa.

11 Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.

12 E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado.

13 Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos.

14 E será bem-aventurado; porque eles não têm com o que te recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos. (Lc, 14:1 e 7 a 14)

b) Desenvolvimento: Exposição.

Jesus, desde o início de sua missão, deu-nos exemplos de humildade: o seu nascimento na manjedoura e a sua condição de filho de um carpinteiro, o que o levou a conviver num lar de gente simples, constituem provas disso. Em sua passagem aqui na Terra não apenas ensinou, mas exemplificou, em diversos momentos, a virtude da humildade.

A humildade é uma das mais importante dentre as virtudes, e ela se revela no homem por meio de gestos de compreensão, modéstia, simplicidade, gentileza, etc. Ela é o oposto do egoísmo e do orgulho.

Na parábola dos “primeiros lugares”, Jesus quis dar uma diretriz de conduta que devemos adotar na vida diária, em nosso próprio benefício. Disse Ele que “todo aquele que se exalta será humilhado; e todo o que se humilha será exaltado”. Kardec, analisando a parábola, diz que o Espiritismo ensina que, muitas vezes, aqueles que são considerados grandes, os poderosos, na Terra são pequenos no mundo espiritual, e, ao contrário, as pessoas que se apresentam simples e humildes quando encarnadas, mostram-se grandes na Espiritualidade. Aos primeiros nada resta senão deixar aqui, ao desencarnarem, os seus títulos, riquezas, glórias, etc. Os demais - os humildes - levam consigo as virtudes adquiridas ou desenvolvidas ao longo do tempo, e, por isso, mostram-se felizes no mundo espiritual.

Claro que o fato de uma pessoa possuir títulos, riquezas, conseguir poder e lugares de destaque neste mundo não significa que ela está fadada a ser rebaixada no Mundo Espiritual. Sua posição lá vai depender do bom ou do mau uso que ela fizer das oportunidades que recebeu na Terra. Entretanto, deve-se notar que pobreza não é sinônimo de humildade. Há muitos pobres orgulhosos e arrogantes, como há ricos humildes e simples. Na verdade, é mais fácil a pessoa se tornar orgulhosa quando tem muito dinheiro, muito poder, ou quando possui muitos títulos, pois a prova do poder, seja ele econômico ou intelectual, é uma prova difícil.

Jesus sempre chamou a atenção para que não se faça o bem somente àqueles a quem amamos, mas a todos, indistintamente: “Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é que com isso fazeis mais do que os outros?” (Mt, 5: 46 e 47).

Com a Parábola dos Primeiros Lugares e dos Convidados, Jesus ensina também que devemos fazer o bem pelo bem, e não pela recompensa que poderemos obter com a sua prática. É claro que o Mestre, nessa parábola, não está aconselhando a não convidarmos amigos vizinhos, parentes a jantarem ou ceiares conosco. Não se pode tomar as palavras de Jesus no sentido literal, ou seja, ao pé da letra; há que se apreender-lhes o sentido profundo. Quando o Mestre ensina simbolicamente que não devemos convidar para um jantar ou uma ceia apenas os amigos, os irmãos, os parentes, vizinhos ricos, ele quer dizer que não devemos fazer o bem somente àqueles que nos podem retribuir, pois isso seria apenas uma troca, sem nenhuma demonstração de serviço ao próximo. Ele fala nos aleijados, nos cegos e mancos porque, àquela época, as pessoas que tinham defeitos físicos eram totalmente marginalizadas, e, de modo quase absoluto, pobres.

Assim, aprendemos nessa parábola que é importante não ficarmos ansiosos em disputar os “primeiros lugares” tão somente no intuito de nos destacarmos no seio da sociedade, por vaidade e interesse pessoal. Caso sejamos chamados a colaborar com o bem comum, façamo-lo com desprendimento, dedicação e, acima de tudo, com o desejo ardente de servir. Servir com amor, sem pensar, em momento algum, em reconhecimento por parte das pessoas que estão sendo beneficiadas. Este deve ser o comportamento de todo aquele que se considera cristão, pois assim o Cristo serviu a todos.

c) Fixação e/ou avaliação: Palavras cruzadas.

O Evangelizador fará cópias da página 26 e recortará os exercícios, distribuindo um a cada criança, solicitando-lhe que encaixem as palavras em torno da palavra HUMILDADE, conforme o exemplo abaixo:

H ONRADEZ
PONT U ALIDADE
M ODÉSTIA
GENT I LEZA
DE L ICADEZA
BON D ADE
C A LMA
CARI D ADE
CORT E SIA

Obs. 1. Se o Evangelizador notar dificuldade na resolução do exercício, poderá escrever a palavra HUMILDADE no quadro-de-giz e dar um exemplo.

2. O exercício poderá ser feito no quadro-de-giz, ou num cartaz, onde o evangelizador escreverá a palavra HUMILDADE em caracteres maiúsculos e as demais em letras minúsculas, ao lado, e solicitar às crianças que coloquem-nas nos devidos lugares.

d) Material didático: Papel com exercício, ou cartaz, ou quadro-de-giz.

<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I					X	X	X			CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D				X	X	X	X			DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X			CARIDADE					D				X	X	X	X			PONTUALIDADE					E				X	X	X	X			<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I							X	X	X	CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D						X	X	X	X	DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X	CARIDADE					D						X	X	X	X	PONTUALIDADE					E						X	X	X	X
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I					X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CARIDADE					D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
PONTUALIDADE					E				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I							X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CARIDADE					D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
PONTUALIDADE					E						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I					X	X	X			CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D				X	X	X	X			DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X			CARIDADE					D				X	X	X	X			PONTUALIDADE					E				X	X	X	X			<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I							X	X	X	CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D						X	X	X	X	DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X	CARIDADE					D						X	X	X	X	PONTUALIDADE					E						X	X	X	X
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I					X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CARIDADE					D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
PONTUALIDADE					E				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I							X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CARIDADE					D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
PONTUALIDADE					E						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I					X	X	X			CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D				X	X	X	X			DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X			CARIDADE					D				X	X	X	X			PONTUALIDADE					E				X	X	X	X			<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I							X	X	X	CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D						X	X	X	X	DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X	CARIDADE					D						X	X	X	X	PONTUALIDADE					E						X	X	X	X
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I					X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CARIDADE					D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
PONTUALIDADE					E				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I							X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CARIDADE					D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
PONTUALIDADE					E						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I					X	X	X			CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D				X	X	X	X			DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X			CARIDADE					D				X	X	X	X			PONTUALIDADE					E				X	X	X	X			<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I							X	X	X	CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D						X	X	X	X	DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X	CARIDADE					D						X	X	X	X	PONTUALIDADE					E						X	X	X	X
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I					X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CARIDADE					D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
PONTUALIDADE					E				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I							X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CARIDADE					D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
PONTUALIDADE					E						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I					X	X	X			CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D				X	X	X	X			DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X			CARIDADE					D				X	X	X	X			PONTUALIDADE					E				X	X	X	X			<table border="1"> <tr><td>MODÉSTIA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>H</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>GENTILEZA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>U</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>HONRADEZ</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>M</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>CORTESIA</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>I</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CALMA</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td></td><td>L</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>BONDADE</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>DELICADEZA</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td></td><td>A</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>CARIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>D</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> <tr><td>PONTUALIDADE</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>E</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td></tr> </table>	MODÉSTIA	X	X	X	X	H										GENTILEZA					U										HONRADEZ	X	X	X	X	M										CORTESIA					I							X	X	X	CALMA	X	X			L										BONDADE	X				D						X	X	X	X	DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X	CARIDADE					D						X	X	X	X	PONTUALIDADE					E						X	X	X	X
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I					X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
DELICADEZA	X	X	X		A				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
CARIDADE					D				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
PONTUALIDADE					E				X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																			
MODÉSTIA	X	X	X	X	H																																																																																																																																																																																																																																																																										
GENTILEZA					U																																																																																																																																																																																																																																																																										
HONRADEZ	X	X	X	X	M																																																																																																																																																																																																																																																																										
CORTESIA					I							X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CALMA	X	X			L																																																																																																																																																																																																																																																																										
BONDADE	X				D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
DELICADEZA	X	X	X		A						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
CARIDADE					D						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	
PONTUALIDADE					E						X	X	X	X																																																																																																																																																																																																																																																																	

PLANO DE AULA

1. TEMA: Jesus e a Samaritana

2. OBJETIVO: As crianças reconhecerão, no diálogo de Jesus com a Samaritana, que o Mestre levava o Evangelho a todos indistintamente e que não há lugares especiais para se adorar a Deus.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 4: 4 a 26

ESE, Introdução, 3ª Parte

Boa Nova (Humberto de Campos / F. C. Xavier), cap. 17

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Estabelecer conversa com as crianças, perguntando-lhes se já ouviram falar num homem samaritano. Por certo dirão conhecer a Parábola do Bom Samaritano. Dizer-lhes, então, que hoje conhecerão uma mulher samaritana.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Depois de estabelecida a conversação, o Evangelizador fornecerá cópias do trecho abaixo e pedirá às crianças que acompanhem a sua leitura, ou que elas próprias leiam:

3 Deixou a Judéia, e foi outra vez para a Galiléia.

4 E era-lhe necessário passar por Samaria.

5 Foi pois a uma cidade, de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacob tinha dado a seu filho José.

6 E estava ali a fonte de Jacó. Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto à fonte. Era isto quase à hora sexta. (A hora sexta era meio-dia, pois começavam a contar às 6 horas da manhã).

7 Veio uma mulher de Samaria tirar água: Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber.

8 Porque seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.

9 Disse-lhe pois a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos).

10 Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz - Dá-me de beber; tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

11 Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo: onde pois tens a água viva?

12 És tu maior que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e o seus filhos, e o seu gado?

13 Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber dessa água tornará a ter sede;

14 Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.

15 Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la.

16 Disse-lhe Jesus: Vai, chama o teu marido e vem cá.

17 A mulher respondeu, e disse: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido;

18 Porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.

19 Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta.

20 Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.

21 Disse-lhe Jesus: Mulher, cre-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.

22 Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus.

23 Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem.

24 O Pai é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e verdade.

25 A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama Cristo) vem; quando ele vier nos anunciará tudo.

26 Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo.

27. E nisto vieram os seus discípulos e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela?

Para se entender por que o Evangelista João insere essa conversa de Jesus com a mulher samaritana no seu Evangelho, é necessário termos, primeiro, algumas informações a respeito do local onde se deu esse encontro e do relacionamento entre judeus e samaritanos.

O diálogo se deu à beira do poço de Jacó. Esse poço, que era alimentado por uma fonte subterrânea, ficava ao sul, a cinco minutos a pé da cidade de Sicar. Era muito profundo, sendo necessário, portanto, que aquele que fosse apanhar água levasse uma vasilha amarrada à ponta de uma corda. Como Jesus era um viajante, não levava consigo os apetrechos necessários à retirada da água, por isso ele a pediu à samaritana.

À primeira vista, o diálogo entre Jesus e a Samaritana pode parecer uma conversa banal, sem maior importância. Mas, se bem observarmos, veremos que Jesus, como sempre, se aproveita da oportunidade para deixar seus ensinamentos. O Mestre não discriminava a mulher, pois se dirige com naturalidade àquela mulher desconhecida, o que não era comum, nem mesmo entre pessoas da mesma religião. Daí os discípulos, ao voltarem, “(...) maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou por que falas com ela?” (Jo, 4. 27). Se o Mestre não deixa de dirigir-se a ela por ser mulher, muito menos por ser samaritana, embora os judeus e os samaritanos cultivassem grande animosidade, de longa data.

Os samaritanos tinham aversão profunda pelos judeus, embora tivessem, ambos os povos, origem comum. Após o cisma das dez tribos, Samaria se constituiu a capital do reino que se separou de Israel. Os desentendimentos entre eles era de ordem religiosa. Construíram para si, no alto do monte Garizim seu próprio templo, não participando, por isso, das solenidades religiosas no templo de Jerusalém, onde os demais judeus faziam sua adoração a Deus.

Os samaritanos adotavam apenas os cinco livros básicos, ou seja o Pentateuco (Os cinco livros básicos: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), e rejeitavam todos os demais que foram a ele anexados posteriormente. Profundamente tradicionalistas, seus livros eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antigüidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram hereges e, por isso mesmo, desprezados e perseguidos. Deu-se entre os samaritanos e os judeus um desentendimento religioso semelhante àquele entre protestantes e católicos, ocorrido na Europa nos séculos XVI e XVII. Diz Kardec que os samaritanos eram os protestantes daquela época. As divergências religiosas eram tão marcantes, que eles não se falavam. Daí a dupla estranheza da mulher, quando Jesus pede-lhe de beber. Tratava-se de um homem desconhecido e, além disso, de outra religião: era judeu.

Através do diálogo que manteve com a mulher samaritana, Jesus demonstra, também, que as verdades que trazia não se destinavam exclusivamente aos judeus, como estes pensavam. Os judeus cultivavam a terrível idéia exclusivista de “povo eleito”, “povo de Deus”, uma visão religiosa de dolorosa estreiteza que, infelizmente, permanece em alguns setores religiosos até os nossos dias. Jesus não veio para evangelizar apenas um povo, mas a Humanidade inteira, encarnada e desencarnada. Por isso, mais de uma vez deixou suas lições tomando como referência pessoas que não pertenciam ao estreito círculo dos judeus, como, no caso, uma samaritana (Vide Parábola do Bom Samaritano, Lc, 10. 25 a 37).

Jesus disse-lhe que se ela soubesse quem ele era, seria ela quem lhe pediria de beber e ele lhe daria “a água viva”, ou seja aqueles ensinamentos libertadores que trazia. Querendo reunir mais pessoas ali para ouvirem seus ensinamentos, Jesus pede-lhe que vá chamar o seu marido. Como ela vivesse com um homem com quem não se casara, disse a Jesus que não tinha marido. E o Mestre lhe revela saber que efetivamente ela não tinha marido, mas que já tivera cinco.

Diante dessa afirmativa, a mulher deduz que aquele homem com quem conversava deveria ser um profeta, um homem de Deus, pelos poderes que tinha de ler o seu íntimo, como se fosse um livro aberto. Tanto os judeus, quanto os samaritanos tinham muito respeito pelos profetas. Ouvindo a resposta do Mestre, a samaritana concluiu que se aquele homem era um profeta, era um homem santo, um homem de Deus. Como profeta judeu, ele deveria adorar a Deus no templo, em Jerusalém. Logo, ela, para estar com Deus deveria adorá-Lo também onde os judeus O adoravam. Daí a sua conclusão: “Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.” Em verdade, Jesus não disse isso. Foi dedução dela.

A conclusão da samaritana teve como base o costume milenar do comparecimento ao templo a fim de a criatura encontrar-se com Deus e ali levar-Lhe a oferenda ou fazer-Lhe a adoração. Ela raciocinou corretamente,

de acordo com os costumes religiosos. Jesus, entretanto, vinha trazer um novo ensinamento, vinha libertar o Homem da necessidade de comparecer à “casa de Deus”, a fim de orar, de entrar em comunhão com Ele. O Mestre, ao dizer: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”, ensina que a casa do Pai é o Universo, logo que Ele está em todos os lugares, não sendo necessário, então, irmos a um determinado lugar a fim de nos encontrarmos com Deus. Isto fica perfeitamente claro quando Jesus responde à samaritana: “Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” (Jo, 4. 21, 23 e 24).

É exatamente com base nesses ensinamentos e em muitos exemplos de Jesus que o Espiritismo não tem templos, santuários, locais tidos como sagrados para o culto religioso, para as orações solenes, para o “encontro com Deus”. Por isso as casas espíritas não se caracterizam como “casas de oração”, mas como casas de trabalho. Trabalho-estudo, trabalho- evangelização da criança, do jovem, do adulto, do desencarnado, trabalho-assistência em favor dos mais necessitados materialmente. Tudo executado à luz da oração. Por não ter um santuário religioso externo, o espírita é levado, pela compreensão, a sentir-se sempre em presença de Deus e a promover seu culto no interior do santuário do seu coração.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

O Evangelizador poderá distribuir uma tira de papel com perguntas para cada aluno ou grupo de alunos, a fim de que façam perguntas uns aos outros, ao final da aula. A seguir, sugestões de perguntas:

01. Por que a mulher samaritana estranhou quando Jesus lhe pediu de beber?

02. Por que Jesus não podia beber diretamente, sem auxílio da samaritana?

03. Os discípulos acharam natural encontrar Jesus conversando com uma mulher?

04. Por que a samaritana concluiu que Jesus era um profeta?

05. Os samaritanos seguiam também os Mandamentos da Lei e as Leis de Moisés?

06. O que significa a “água viva” que Jesus disse poder dar à samaritana?

07. A samaritana acreditava na vinda do Messias?

08. Jesus chegou a declarar-se ser ele próprio o Messias?

09. Será que Jesus comparecia aos templos para orar a Deus?

10. Um centro espírita pode ser considerado uma casa de oração?

11. Qual o ensinamento que tiramos das palavras de Jesus, quando ele disse que não se deveria adorar a Deus nem em Garizin nem em Jerusalém?¹

d) Material didático: Tiras de Papel.

PLANO DE AULA

1. TEMA: A Propagação do Cristianismo - aspectos, personagens.

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar, nos primeiros trabalhadores cristãos, missionários encarregados de preservar e propagar a mensagem de Jesus.

3. BIBLIOGRAFIA: Evangelhos; Atos dos Apóstolos; Epístolas
ESE, cap. 1
A Caminho da Luz (Emmanuel /F. C. Xavier); Paulo e Estêvão (Emmanuel/F. C. Xavier)

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador deverá iniciar a aula perguntando às crianças se sabem o que significa a palavra “apóstolo”. Depois, pedir-lhes que falem sobre o trabalho realizado por eles. Pedir que citem os nomes de alguns apóstolos de Jesus.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Antes de sua vinda, Jesus já havia mandado vários missionários, que prepararam o ambiente para o desenvolvimento da sua missão. A sua palavra, no dizer de Emmanuel “vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do amor”. (A Caminho da Luz, cap. 12). Conforme já estudamos, Jesus veio ao mundo trazer uma nova concepção religiosa, uma nova maneira de ver o relacionamento do homem com Deus e ensinar como Deus age em relação ao homem. Seus ensinamentos foram realmente renovadores, pois modificou a visão que se tinha de Deus, que era, até então, apresentado como um soberano que concedia favores àqueles que O bajulavam com oferendas, e se mostrava irado e vingativo contra os que Lhe pareciam indiferentes, ou que Lhe desobedeciam. Jesus veio ensinar que Deus é Pai amoroso, justo e misericordioso e que a melhor oferenda que se faz a Ele é amar o próximo.

Durante os anos de sua pregação, Jesus reuniu um grupo de Espíritos que já estavam comprometidos com ele, antes de se encarnarem. Por isso, quando o Mestre os chamou para iniciarem juntos a pregação da Boa Nova, eles o atenderam imediatamente. Ficaram conhecidos como “apóstolos”, que significa “enviados”. Eram homens simples que, embora não tivessem tido oportunidade de freqüentar escolas avançadas, entregando-se, quase todos a trabalhos rudes, revelaram muita maturidade espiritual, pois prosseguiram, com dedicação e coragem, no trabalho de divulgação do Evangelho, depois que Jesus retornou aos Planos Espirituais.

Os Apóstolos, inicialmente em número de doze, notabilizaram-se pela fidelidade aos ensinamentos de Jesus, divulgando-os em diversas regiões, além dos limites da Palestina. Além desses que conhecemos como apóstolos, outros seguidores, cujos nomes a História não registrou, contribuíram decisivamente para a difusão dos princípios evangélicos. Os Apóstolos que, inicialmente, levaram a palavra de Jesus a pontos os mais diversos do mundo então conhecido foram: Simão, a quem Jesus chamou Pedro, André, irmão de Pedro, Tiago, chamado Maior e João, seu irmão, filhos de Zebedeu; Filipe, Bartolomeu (ou Natanael), Tomé, Mateus (ou Levi), Tiago, chamado Menor, Tadeu, Simão Cananita e Judas Iscariotes. Desses, João e Mateus escreveram “Evangelhos” (que significa “boa nova” ou “boas notícias”), que relatam a vida de Jesus e expõem os seus ensinamentos.

Dois outros seguidores dos ensinamentos de Jesus, Marcos e Lucas, escreveram também os seus “Evangelhos”. Marcos era jovem, conheceu Jesus, acompanhou Pedro e, mais tarde, viajou com Paulo. Lucas foi o único dos quatro Evangelistas que não conheceu Jesus pessoalmente, tendo escrito seu Evangelho com base em pesquisas junto a pessoas que conviveram com o Mestre, e em anotações, principalmente de Marcos.

Os Evangelhos foram escritos muitos anos após a morte de Jesus. Mas, a divulgação dos seus ensinamentos não cessou. Inicialmente, essa divulgação foi feita não só oralmente, mas também através de estudos promovidos com base nas anotações de Levi (que mais tarde teve o nome mudado para Mateus), conforme relata Emmanuel na obra “Paulo e Estêvão”. Deve-se ressaltar que o costume judaico de estudar as letras sagradas muito contribuiu para o registro e a divulgação dos ensinamentos de Jesus.

Embora Jesus se tenha encarnado entre os Judeus, seus ensinamentos não se destinavam apenas àquele povo que, erroneamente, se intitulava “povo de Deus”, ou “povo eleito”, como se Deus não fosse o Pai de todas as criaturas, de todos os povos. Jesus queria que sua mensagem corresse o mundo, que fosse divulgada entre todos os povos, embora soubesse que a missão não seria fácil. “Ide; eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos.” (Lc, 10: 3). Mas, apesar dos exemplos e das recomendações de Jesus, os Apóstolos sentiam grande dificuldade na pregação do Evangelho fora dos círculos judaicos, entre outros povos aos quais chamavam “gentios”.

Assim, no início, os ensinamentos eram transmitidos oralmente pelos discípulos, que se distribuíram pelas diversas regiões então conhecidas. Mais tarde, vieram os escritos: os Evangelhos e as Epístolas (cartas). Aqui, devemos destacar o trabalho realizado por Paulo, convocado ao trabalho do Evangelho pelo próprio Cristo, na estrada de Damasco. Paulo, pelo trabalho de divulgação que realizou fora do meio judaico ficou conhecido como o “Apóstolo dos Gentios”. No desempenho da sua nobre missão, realizou viagens missionárias a diversas cidades da Ásia Menor, da Grécia, tendo chegado até Roma. Foi muito perseguido, aprisionado, açoitado e até apedrejado. O seu trabalho foi fundamental na propagação dos ensinamentos de Jesus, e contribuiu muito para tornar viva e atuante a mensagem consoladora do Mestre. Paulo, além de ter fundado muitos núcleos cristãos, em lares de pessoas de boa vontade, escreveu quatorze “epístolas”, incentivando, exortando e esclarecendo as comunidades cristãs nascentes. Deve-se notar o papel fundamental que desempenharam esses núcleos domésticos como elementos continuadores do estudo do Evangelho de Jesus.

Quando lemos em “O Novo Testamento” que Paulo fundou muitas igrejas, devemos nos lembrar de que “igreja” naquele tempo significava “núcleo” e não a organização, nem a casa onde se faziam os estudos. Isso pode ser constatado, lendo-se o seguinte trecho da Carta de Paulo aos Romanos: “Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, (...). Saudai também a igreja que está em sua casa.” (Rm, 16: 3 e 5). O mesmo se nota na Carta a Filemom: “... e à nossa irmã Áfia, e a Arquipo, nosso camarada, e à igreja que está em tua casa.” (Fm, 1: 2).

Os ensinamentos de Jesus se espalharam no seio da sociedade romana. Muitos foram aqueles que se tornaram, então, adeptos das novas idéias, muito embora as perseguições que se iniciaram por ordem dos governantes romanos, os quais sentiam mal-estar com os postulados da doutrina que surgia. Milhares de cristãos foram eliminados por meio do açoite, do fogo, dos leões do circo e por outros métodos. Mas, diz-nos Emmanuel: “A doutrina cristã, todavia, encontrara nas perseguições os seus melhores recursos de propaganda e de expansão”.

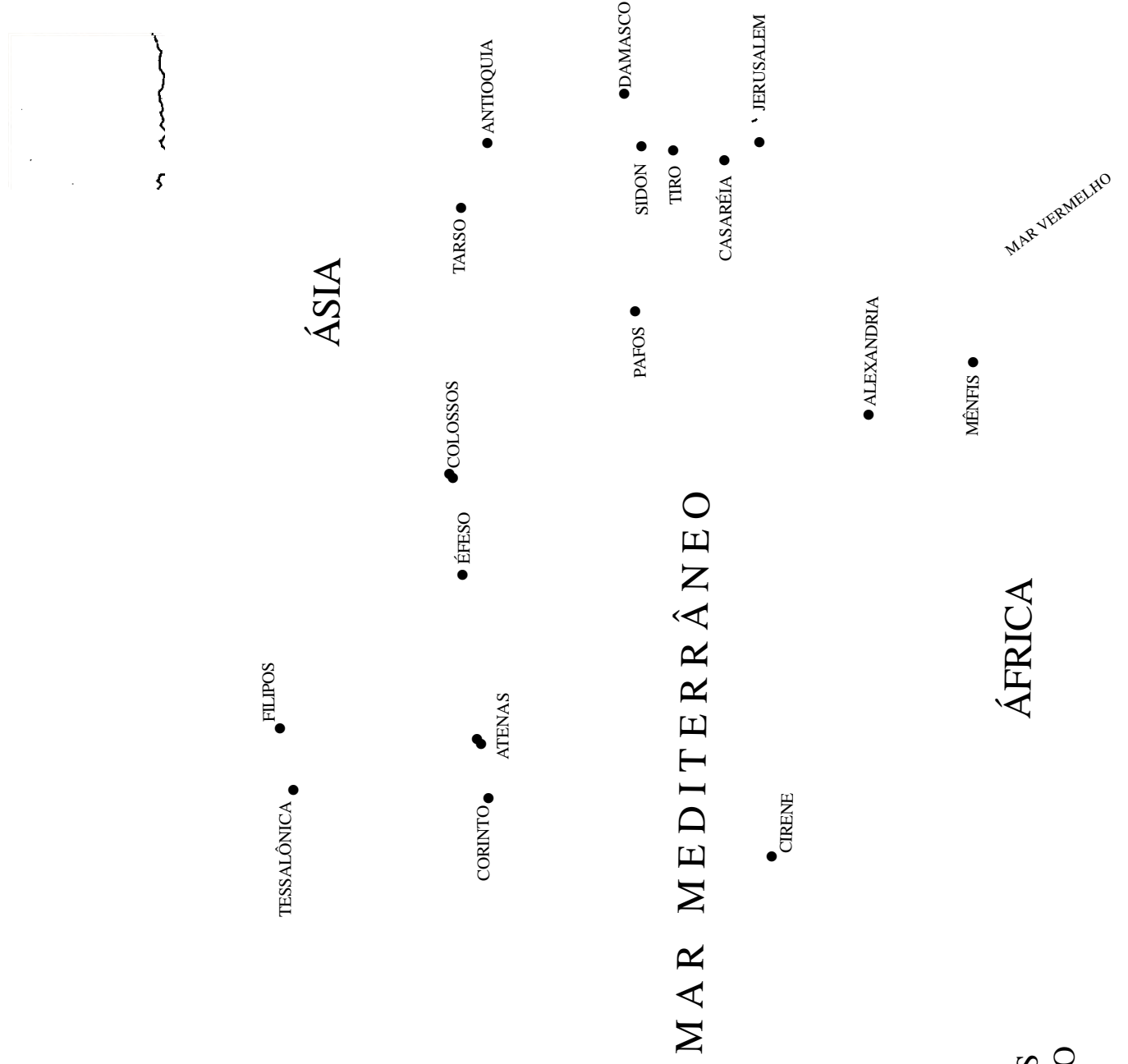
Graças ao trabalho, ao denodo, à firmeza e à fé desses primeiros trabalhadores cristãos, pôde o Evangelho de Jesus espalhar-se pelo mundo, com sua mensagem consoladora e libertadora, felicitando milhões de criaturas. Mais tarde, no século XIX, após muitos percalços, a mensagem do Cristo ressurgiu renovada e revivida no Consolador Prometido: o Espiritismo, a III Revelação, assunto que estudaremos mais adiante.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

O Evangelizador, ao final da aula, deverá dizer às crianças mais ou menos isto: “Bem, até agora vocês perguntaram. Agora é a minha vez de perguntar para ver se vocês realmente aproveitaram a aula.”

01. O que queriam dizer os judeus ao se intitularem “povo eleito”?
02. Qual a importância do trabalho realizado pelos Apóstolos e seguidores de Jesus ?
03. Quantos eram os Apóstolos que conviveram com Jesus?
04. Vamos recordar alguns nomes dos Apóstolos ?
05. O que significava a palavra “igreja” nos tempos apostólicos?
06. Por que Paulo foi chamado o “Apóstolo dos Gentios”?
07. Ao divulgarmos, hoje, o Espiritismo, estaremos continuando o trabalho dos Apóstolos?
08. O que podemos fazer, como espíritas, para colaborar na obra de difusão do Evangelho de Jesus ?
09. Qual, dentre os quatro Evangelistas, não conheceu Jesus pessoalmente?
10. Qual a finalidade de Paulo ter escrito quatorze cartas?

d) Material didático: Gravuras sobre a época de Jesus; exemplar da Bíblia ou do Novo Testamento; mapa (que deverá ser colorido, pelo menos as partes dos mares, para realçar).



ALGUMAS DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES
CRISTÃS FUNDADAS NO PRIMEIRO SÉCULO

PLANO DE AULA

1. TEMA: Falsos Cristos e Falsos Profetas

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar nas palavras de Jesus sobre os chamados “falsos profetas” um alerta para não nos deixarmos enganar com aquelas pessoas que, dizendo falar em nome de Deus, exploram e confundem os simples e os humildes, tirando proveito particular disso.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 7: 15; 1 Jo, 4: 1; 1 Co, 12: 10; 14: 29.

ESE, cap. 21; LM, caps. 20 e 24; LE, 624.

O Livro da Esperança (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 72 e 73; Enciclopédia Britannica, verbete “Profeta”.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Sugestão de perguntas à turma: “Que significa a palavra profeta?”; “Quem pode citar nomes de profetas do Velho Testamento?”; “Que estará Jesus querendo dizer com falsos cristos e falsos profetas?”, etc.

b) Desenvolvimento: Exposição.

A palavra “profeta” vem do grego “prophetes”, que quer dizer “pessoa que fala em lugar de outra”, como porta-voz, e, também, “pessoa que prediz o futuro”. Como, de modo geral, as pessoas têm muita curiosidade a respeito do futuro, a idéia da predição do futuro ficou mais ligada à missão do profeta. Mas a missão dos profetas bíblicos não se restringia, como muitos pensam, em apenas predizer o futuro. É claro que, ao advertir alguém sobre um comportamento equivocado, o profeta aponta-lhe as conseqüências futuras que sofrerá, caso persevere naquela maneira de agir.

Os profetas eram muito respeitados pelos reis e pelo povo. Os reis de Israel tinham em suas cortes seus profetas, que atuavam como conselheiros, transmitindo orientações e, às vezes, advertências sérias do Alto. No sentido evangélico, como diz Kardec, o profeta é “todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual” (ESE., cap. 21, item 4). Os profetas bíblicos foram, assim, médiuns bastante aprimorados, missionários incumbidos de trazer novos ensinamentos, para esclarecimento espiritual. Existiram grandes profetas na Antigüidade, como Isaías, Elias, Jeremias, Miquéias. Os profetas, entre muitas revelações, anunciaram, com séculos de antecedência, a vinda de Jesus.

Os profetas relatados no Velho e no Novo Testamentos eram pessoas possuidoras de dons mediúnicos apurados, com a missão de trazer à Terra palavras do Alto e instruir os homens acerca das coisas espirituais, alertá-los e indicar-lhes o caminho a seguir, segundo a vontade de Deus. Entretanto, os profetas não eram apenas aqueles vinculados às cortes de Israel, nem apenas aqueles citados na Bíblia. Havia outros que viviam entre o povo, e eram considerados homens santos. Falando em nome de Deus, ensinavam, orientavam, esclareciam as pessoas.

Mas já àquele tempo havia médiuns que não trilhavam o caminho do bem, os assim chamados falsos profetas, aos quais se referiu Jesus: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores.” (Mt, 7: 15). Esses existem até hoje. São médiuns que se valem da ajuda de Espíritos ignorantes, irresponsáveis, zombeteiros, enganadores ou mesmo malévolos na utilização de suas faculdades mediúnicas. Infelizmente a ação dos falsos profetas não se restringe à influência pessoal que eles possam exercer sobre aqueles que acreditam neles. Muito mais danosa é a atividade desses falsos profetas quando o produto da sua atuação é publicado em forma de folhetos ou de livros. O livro mediúnico de origem duvidosa é extremamente prejudicial à divulgação da mensagem espírita. Em edições que às vezes alcançam dezenas de milhares, não raro, contendo histórias interessantes, emocionantes, atraentes, que encantam as pessoas menos dadas à análise, levam informações equivocadas e até anti-doutrinárias. Por isso é necessário que estudemos as obras da Codificação, a fim de nos capacitarmos a avaliar com segurança tudo o que se produz mediunicamente.

Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns, fornece subsídios para quem deseje estudar com segurança o assunto. No capítulo 20, trata da influência moral do médium na seleção dos Espíritos que se comunicam por seu

intermédio; e no capítulo 24, enfoca precisamente como se pode conhecer a identidade dos Espíritos e como fazer a distinção entre bons e maus Espíritos. É um estudo longo, mas necessário a todo aquele que se dispuser à análise de comunicações, quer seja em reuniões mediúnicas, quer seja para avaliação dessas inúmeras obras que estão sendo publicadas com informações duvidosas, mas que, à primeira vista, encantam a muitos.

Também em O Livro dos Espíritos encontramos alertamento quanto ao uso da mediunidade: “Qual o caráter do verdadeiro profeta?” pergunta Kardec. Ao que respondem os Espíritos: “O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Impossível é que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade.” (LE, 624).

Outro ensinamento de Jesus que nos possibilita avaliar um profeta é aquele em que nos chama a atenção para o resultado da sua ação: “Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Conhecê-la-eis, pois, pelos seus frutos.” Logo, deve-se analisar o modo de agir de um médium, atentando-se para o esforço que faz no sentido de promover o seu progresso espiritual, buscando ser humilde, benévolo, prestativo, desinteressado do recebimento de recompensas de qualquer espécie pelo seu trabalho. E quando se fala em recompensas, não se quer dizer apenas valores amoadados ou outros bens de ordem material. Incluem-se aí também as recompensas como agradecimentos, bajulações, endeusamentos, etc. Os médiuns que não se guardam contra esse tipo de recompensa são aqueles catalogados como falsos profetas.

O falso profeta se reconhece quando os seus atos se afastam de suas palavras, ou seja, os seus exemplos não se coadunam com o que dizem. Em geral, apelam para o nome de Deus e de Jesus, procurando, assim, envolver os mais simples e humildes, tirando destes, muitas vezes, bens e dinheiro. Os falsos profetas existem em todos os setores de atividades humanas, em todos os lugares, intrigando, promovendo discórdias, mentindo, confundindo e explorando as pessoas. Dentro de nossos Centros Espíritas, devemos tomar cuidado com esses irmãos infelizes, encarnados e desencarnados, que pregam e dão comunicações com caráter de misticismo, aconselhando a introdução de atos e cerimônias extravagantes, com o objetivo de macular a pureza doutrinária e dividir o movimento espírita, para prejudicar a obra de Jesus. Devemos estar alertas para tudo isso, para tais tipos de pessoas, verdadeiros “lobos com pele de ovelha”, como disse o Cristo.

“O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerandos para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas idéias.” (ESE, cap. 21. 7). Por isso o Evangelista João nos adverte: “Meus bem-amados, não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.” (1 Jo, 4:1).

O Apóstolo Paulo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, no capítulo 12, chama a atenção do leitor para a necessidade de se identificar o Espírito que se comunica. Ao falar dos diversos dons, ou seja, dos diversos tipos de mediunidade, fala da faculdade que deve ter aquele que dirige a reunião mediúnica, quando diz “(...) o dom de discernir Espíritos.” (12: 10). E no capítulo 14, alerta para a necessidade de análise das comunicações, para não se ir aceitando qualquer coisa só por vir de um Espírito desencarnado: “E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.” (14: 29).

O Espírito Erasto, em comunicação, inserida por Kardec no cap. 20 de O Livro dos Médiuns, diz: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma teoria errônea.”

“Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.”, ensinou Jesus, mostrando que devemos estar atentos, analisar sempre. Se o médium não é aquela pessoa empenhada na sua transformação moral, como nos ensina Kardec, não podemos esperar que seja canal de Espíritos equilibrados. Cuidemos para que a Doutrina siga a sua marcha, de modo firme e seguro, em benefício da Humanidade, não dando ouvidos aos “falsos profetas”. Estes, na realidade, merecem a nossa compreensão e as nossas preces, irmãos nossos que são.

Um livro dos tempos apostólicos, intitulado Didaquê, ensina que “O profeta para ser digno de respeito e acatamento deve ter piedade indubitável e conduta digna do Senhor.” Exemplo de um verdadeiro profeta, nascido no Brasil, é Francisco Cândido Xavier, cuja dedicação e conduta são inquestionáveis e sua conduta é verdadeiramente “digna do Senhor”.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

O Evangelizador poderá distribuir uma tira de papel com perguntas para cada aluno ou grupo de alunos, ao final da aula. A seguir, sugestões de perguntas:

d) Material didático: Tiras de papel com perguntas.



-
- 1- Que é profeta?
 - 2- Que devemos entender das palavras de Jesus quando disse: “Guardai-vos dos falsos profetas”?
 - 3- Cite alguns dos profetas do Velho Testamento.
 - 4- Disse Jesus que os falsos profetas são “lobos vestidos com pele de cordeiros”. Que significa isso?
 - 5- Que podemos fazer para não sermos iludidos por falsos profetas que possam surgir em nosso grupo de trabalho, ou por aqueles que publicam mensagens e livros anti-doutrinários?
 - 6- Podemos considerar Francisco Cândido Xavier um profeta?



-
- 1- Que é profeta?
 - 2- Que devemos entender das palavras de Jesus quando disse: “Guardai-vos dos falsos profetas”?
 - 3- Cite alguns dos profetas do Velho Testamento.
 - 4- Disse Jesus que os falsos profetas são “lobos vestidos com pele de cordeiros”. Que significa isso?
 - 5- Que podemos fazer para não sermos iludidos por falsos profetas que possam surgir em nosso grupo de trabalho, ou por aqueles que publicam mensagens e livros anti-doutrinários?
 - 6- Podemos considerar Francisco Cândido Xavier um profeta?



-
- 1- Que é profeta?
 - 2- Que devemos entender das palavras de Jesus quando disse: “Guardai-vos dos falsos profetas”?
 - 3- Cite alguns dos profetas do Velho Testamento.
 - 4- Disse Jesus que os falsos profetas são “lobos vestidos com pele de cordeiros”. Que significa isso?
 - 5- Que podemos fazer para não sermos iludidos por falsos profetas que possam surgir em nosso grupo de trabalho, ou por aqueles que publicam mensagens e livros anti-doutrinários?
 - 6- Podemos considerar Francisco Cândido Xavier um profeta?



-
- 1- Que é profeta?
 - 2- Que devemos entender das palavras de Jesus quando disse: “Guardai-vos dos falsos profetas”?
 - 3- Cite alguns dos profetas do Velho Testamento.
 - 4- Disse Jesus que os falsos profetas são “lobos vestidos com pele de cordeiros”. Que significa isso?
 - 5- Que podemos fazer para não sermos iludidos por falsos profetas que possam surgir em nosso grupo de trabalho, ou por aqueles que publicam mensagens e livros anti-doutrinários?
 - 6- Podemos considerar Francisco Cândido Xavier um profeta?



PLANO DE AULA

1. TEMA: Reencarnação no Novo Testamento

2. OBJETIVO: A criança tomará conhecimento de que a reencarnação era crença comum entre povos antigos e entre os Judeus, tendo Jesus a ela se referido muitas vezes. A criança será incentivada a desenvolver também o hábito da pesquisa, através do manuseio do Novo Testamento e das obras da Codificação Kardequiana.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jeremias, 1: 5

Mt, 16: 13 a 16; 17: 9 a 13; 18: 8 e 9; Lc, 1: 1 a 16; 9: 7 a 9; Jo, 1: 19 a 23; 3: 1 a 10

ESE, cap. 4; LE, 222, 612

A Reencarnação na Bíblia (Hermínio C. Miranda)

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

É indispensável que o Evangelizador leve um exemplar do Novo Testamento, e um de O Evangelho segundo o Espiritismo, para que seja atingido um dos objetivos da aula. O Evangelizador deverá avisar com antecedência, a fim de que as crianças que disponham dessas obras também as levem. No desenvolvimento da aula, deverá fazê-las manusear e ler o Evangelho segundo o Espiritismo e o Novo Testamento.

Estabelecer um diálogo, perguntando: “Vocês, que já sabem da reencarnação, acham que ela foi descoberta por Allan Kardec ou foi revelada por Jesus?” Poderá, ainda, completar: “Será que os povos que viveram antes de Jesus já conheciam a reencarnação?”

b) Desenvolvimento: Diálogo com base em textos.

Realmente, a reencarnação não foi descoberta por Allan Kardec, nem revelada por Jesus. O Espiritismo nos ensina que Allan Kardec estudou a reencarnação, dialogou com os Espíritos sobre ela, mas não a descobriu. Jesus, a seu tempo, falou da reencarnação, a ela se referindo em seus ensinamentos como verdade já conhecida pelos Judeus. Entretanto, a reencarnação era conhecida não apenas pelos Judeus, mas por muitos outros povos, como os Egípcios, os Hindus e os Gregos.

Mesmo no Velho Testamento há referências à reencarnação, como, por exemplo, a que se lê no Livro de Jeremias, cap. 1, versículo 5: “Antes que te formasse no ventre eu te conheci (...)” Nessa frase, vê-se a clara referência à existência anterior do Espírito em relação ao corpo, pois a afirmação “eu te conheci” não poderia referir-se ao corpo, de vez que ele ainda não existia.

Embora os Judeus não conhecessem a lei de evolução, nem a lei de causa-e-efeito, com a clareza como o Espiritismo explica, eles sabiam que o Espírito pode voltar à Terra num novo corpo. As provas de que, ao tempo de Jesus, a reencarnação era conhecida, é verificável nos textos do Novo Testamento, como se vê nas leituras abaixo:

Em João, cap. 3, versículos de 1 a 10, vemos que, na conversa com Nicodemos, Jesus, ele próprio, fala da necessidade de “nascer de novo”, e não é de pronto entendido pelo fariseu, que lhe diz: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” Ao que Jesus responde: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” Nicodemos ainda não compreende e torna a perguntar: “Como pode ser isso?” Jesus, estranhando o fato de ele, um homem culto desconhecer a reencarnação, disse-lhe: “Tu és mestre em Israel e não sabes isto?”

Em Mateus, cap. 16, versículos 13 e 14, encontramos o seguinte: “E, chegando Jesus das partes de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem, dizem os homens ser o filho do homem? E eles disseram: Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas.” Ora, se as pessoas pensavam que Jesus poderia ser a volta de Elias, de Jeremias ou de um outro profeta é porque eles sabiam que um Espírito pode voltar à Terra habitando um novo corpo carnal, logo acreditavam na reencarnação.

Aqueles que pensavam pudesse Jesus ser João Batista, por certo tinham ouvido falar de João Batista, mas não o tinham conhecido pessoalmente. Então, por que outros pensavam que Jesus poderia ser Elias, Jeremias ou outro profeta? Porque havia muitas profecias que diziam que Elias haveria de voltar para preparar os caminhos do Messias. É interessante notar que, se alguns chegaram a pensar que Jesus poderia ser Elias, Jeremias ou outro profeta, só poderia sê-lo pela reencarnação, pelo fato de esses profetas, ao desencarnarem, séculos atrás, terem seus corpos já velhos e Jesus ter um corpo novo e, além do mais, ser conhecido desde criança. Na verdade, os Judeus não tinham uma idéia muito precisa a respeito da reencarnação, como nos dá hoje o Espiritismo.

Lucas, no cap. 1, versículos 13, 14, 16 e 17, relata que Zacarias, marido de Isabel, ao entrar no templo, vê um Mensageiro do Alto que lhe dirige a palavra, dizendo: “Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João; e terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. E irá ante a sua face no espírito e na virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos; com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.”

Nessa passagem vê-se claramente que o Mensageiro do Alto anunciava que o filho de Zacarias e Isabel seria a reencarnação de Elias, o que confirma o que fora previsto pelos profetas. Entretanto, em certas traduções, ao invés de colocarem a palavra diante, ou seja, ante à face do Senhor, colocam adiante, na tentativa de dizer que o Espírito de Elias caminharia adiante, à frente de João Batista.

João Batista já era adulto e estava no desempenho de sua missão, preparando as pessoas para o início da missão de Jesus, conforme relata o Evangelho de João, cap. 1, versículos 19 a 21: “E este é o testemunho de João, quando os Judeus mandaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? E confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. E perguntaram-lhe: então quê? És tu Elias? E disse: não sou. És tu profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe pois: Quem és? para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes de ti mesmo? Disse: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.” É claro que João Batista teria de responder que não era Elias, vez que não se lembrava de encarnações passadas. Mas o fato de perguntarem a ele, demonstra que os Judeus acreditavam que ele poderia ser Elias, logo acreditavam na reencarnação. Se não acreditassem, a pergunta não teria razão de ser.

Outra passagem do Novo Testamento em que o próprio Jesus afirma a reencarnação é aquela que se passa no Monte Tabor. Jesus subiu ao Monte com Pedro, Tiago e João. “E transfigurou-se diante deles; e seu rosto resplandeceu como o sol, e os seus vestidos se tornaram brancos como a luz. E eis que lhe apareceram Moisés e Elias, falando com ele.” Depois desse memorável acontecimento, ao descerem de volta, seus discípulos o interrogaram, conforme relata Mateus: “E os discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo disse-lhes: Em verdade, Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas; mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.” (Mt, 17: 2 e 3, 10 a 13).

É de se notar que os discípulos raciocinaram rapidamente, ao verem Elias desencarnado: Se Elias estava desencarnado, havia três questionamentos cabíveis: primeiro, a profecia que anunciava a volta de Elias para preparar os caminhos do Messias estava errada; segundo, aquele que se apresentou como Elias não era realmente ele; terceiro, Jesus não era o Messias, pois aquele que deveria, segundo as profecias seculares, preparar-lhe os caminhos não se havia ainda reencarnado!

Jesus, entretanto, com a segurança daqueles que detêm a Verdade, respondeu-lhes que Elias não só havia de vir, como já havia vindo, encarnado como João Batista, e ja tinha sido executado, como ele também o seria.

O Espiritismo, hoje, nos ensina que o Espírito, quando tem condições de se lembrar de outras encarnações, pode apresentar-se como bem lhe aprouver. Foi o que aconteceu com esse Espírito, que poderia tanto apresentar-se como Elias ou como João Batista, tendo preferido, na ocasião, a forma do primeiro, certamente para deixar-nos o ensinamento.

c) Fixação e/ou avaliação: Perguntas e respostas.

O Evangelizador deverá distribuir um exercício para cada aluno, ou grupo de alunos, pedindo-lhes que marquem, no quadro ao lado das respostas, o número da pergunta correspondente a ela.

d) Material didático: Folhas de papel contendo exercício.

✂

Numere as respostas de acordo com as perguntas:

1. A reencarnação foi revelada, na Terra, pela primeira vez, por Jesus?
2. A reencarnação era conhecida pelos Egípcios?
3. O que ficou provado, quando os sacerdotes e os levitas perguntaram a João Batista se ele era Elias?
4. Por que algumas pessoas diziam que Jesus poderia ser a reencarnação de Elias, de Jeremias ou de outro profeta?
5. Por que um discípulo perguntou a Jesus: “Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?”
6. Por que Jesus estranhou não soubesse Nicodemos o que queria dizer “nascer de novo”?
7. A reencarnação de quem foi anunciada a Zacarias?
8. Por que João negou ser Elias, quando interrogado pelos sacerdotes e levitas?

- Não, Jesus não a revelou, mas confirmou-a várias vezes.
- Porque ele não se lembrava, como, de modo geral, os encarnados não se lembram de encarnações anteriores.
- A reencarnação de Elias, que deveria ser seu filho e deveria receber o nome de João.
- Porque os Judeus, de modo geral, sabiam que a reencarnação é uma realidade.
- Porque havia profecias que anunciavam a volta de Elias, para preparar os caminhos do Messias e muitos Judeus não tinham certeza se Jesus era o Messias, ou era um profeta que viera preparar-lhe os caminhos.
- Não só pelos Egípcios, mas também pelos Gregos, pelos Hindus e por muitos outros povos.
- O discípulo raciocinou: “se Elias não está encarnado, a fim de preparar os caminhos do Messias, como pode Jesus ser o Messias?”
- Ficou provado que eles conheciam a profecia que dizia que Elias voltaria e que acreditavam na reencarnação.

✂

Numere as respostas de acordo com as perguntas:

1. A reencarnação foi revelada, na Terra, pela primeira vez, por Jesus?
2. A reencarnação era conhecida pelos Egípcios?
3. O que ficou provado, quando os sacerdotes e os levitas perguntaram a João Batista se ele era Elias?
4. Por que algumas pessoas diziam que Jesus poderia ser a reencarnação de Elias, de Jeremias ou de outro profeta?
5. Por que um discípulo perguntou a Jesus: “Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?”
6. Por que Jesus estranhou não soubesse Nicodemos o que queria dizer “nascer de novo”?
7. A reencarnação de quem foi anunciada a Zacarias?
8. Por que João negou ser Elias, quando interrogado pelos sacerdotes e levitas?

- Não, Jesus não a revelou, mas confirmou-a várias vezes.
- Porque ele não se lembrava, como, de modo geral, os encarnados não se lembram de encarnações anteriores.
- A reencarnação de Elias, que deveria ser seu filho e deveria receber o nome de João.
- Porque os Judeus, de modo geral, sabiam que a reencarnação é uma realidade.
- Porque havia profecias que anunciavam a volta de Elias, para preparar os caminhos do Messias e muitos Judeus não tinham certeza se Jesus era o Messias, ou era um profeta que viera preparar-lhe os caminhos.
- Não só pelos Egípcios, mas também pelos Gregos, pelos Hindus e por muitos outros povos.
- O discípulo raciocinou: “se Elias não está encarnado, a fim de preparar os caminhos do Messias, como pode Jesus ser o Messias?”
- Ficou provado que eles conheciam a profecia que dizia que Elias voltaria e que acreditavam na reencarnação.

PLANO DE AULA

1. **TEMA:** Reencarnação e Progresso

2. **OBJETIVO:** A criança deverá identificar na reencarnação o caminho criado por Deus para proporcionar o progresso do Espírito, rumo à Perfeição e não um recurso punitivo.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 3: 1 a 10.

LE, 2ª Parte, caps. 4, 5 e 6.

ESE, cap. 4.

4. AULA:

a) **Incentivação inicial:** Diálogo.

O Evangelizador deverá perguntar às crianças se já ouviram pessoas que não são espíritas falarem que a reencarnação existe para que se paguem os erros de outras vidas, pois essa é a idéia mais comum que dela fazem aqueles que não conhecem o Espiritismo. Anotar suas respostas e comentários para esclarecer tudo, durante a aula.

h) **Desenvolvimento:** Leitura e interpretação.

Por solicitação do Evangelizador, na aula passada, as crianças deverão ter em mãos um exemplar de O Livro dos Espíritos. Para aquelas que não puderem trazer o livro, o Evangelizador deverá distribuir cópias dos itens da lição de hoje (pág. 41), a fim de que todas participem, lendo e acompanhando a leitura. Depois de comunicar que todos participarão ativamente da aula, iniciá-la.

Ao iniciar a aula, dirá que o princípio da reencarnação, ou das vidas sucessivas, é um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita. Sem a reencarnação, torna-se impossível aceitar-se, racionalmente, as diferenças sociais, artísticas, intelectuais, morais que os homens sempre apresentaram e apresentam, em todos os lugares do nosso planeta, levando-se em conta o fato de que Deus é justo. Além do mais, se tomarmos como exemplo as criaturas mais espiritualizadas que o mundo conheceu, veremos que estão muito longe do modelo de perfeição que Jesus nos ofereceu. Ora, se não é para nos empenharmos, ao longo do tempo, no trabalho do aperfeiçoamento próprio, a fim de imitar Jesus, de que nos serviriam então seus ensinamentos?

Os Espíritos Superiores nos ensinam que esse progresso espiritual só se processa em conjunto, mediante o contato com outros Espíritos, ou seja na vida em sociedade. Aqueles que se adiantam mais rapidamente na escala evolutiva colaboram – de um modo ou de outro – com os que ficam à retaguarda. Essa colaboração se efetiva pelo contato social, pela convivência entre as pessoas, na vida em família e em sociedade, na sucessividade das encarnações.

Se observarmos os diversos graus de adiantamento intelectual e moral das criaturas humanas, umas apresentando nobreza de caráter, abnegação, bondade, compreensão, tolerância, solidariedade, vivendo o amor ao próximo – como recomendou Jesus – ao lado de outras, egoístas, falsas, más, cruéis, concluiremos que Deus, por ser justo, não pode tê-las criado diferentes umas das outras. Por outro lado, se as criaturas têm diferentes graus de espiritualização e de inteligência, não poderão, ao fim de uma única vida, ter seus destinos fixados, indo, umas para o Céu e outras para o Inferno, sem mais nada poderem fazer para se melhorarem no campo do sentimento e da inteligência.

Diante dessas afirmativas, poderá alguma criança argumentar, ou o próprio Evangelizador dizer, que o Catolicismo Romano ensina que existe um lugar chamado Purgatório, para onde iriam as almas que não são suficientemente boas para irem para o Céu, nem tão más que mereçam o Inferno. Essa, a visão do Catolicismo Romano, pois o Protestantismo não aceita a existência do Purgatório.

Se existisse um local aonde fossem enviadas as almas pecadoras para um sofrimento eterno, não existiria nem o perdão nem a misericórdia de Deus. A própria existência do Purgatório, como local onde ficariam as almas até o Juízo Final, também seria um atentado contra a justiça de Deus, pois o tempo de permanência ali, “purgando os pecados”, como dizem, seria variável, não de acordo com a falta cometida, mas com a época em que a alma lá

entrou, pois ficariam todas sofrendo, no aguardo do Juízo Final. Nesse caso, os que entrassem por último seriam beneficiados, pois sofreriam menos tempo, pois a época do Juízo Final seria a mesma para todos.

O Espiritismo não nega a existência de “planos purgatoriais”, que são lugares de sofrimento temporário, conhecidos por Trevas e Umbral, onde ficam Espíritos comprometidos com o mal. A diferença fundamental entre esses planos e o Purgatório Católico é que neste o Espírito ficaria até o Juízo Final, enquanto que nos planos de sofrimento revelados pelo Espiritismo, o Espírito só fica nas Trevas ou no Umbral até que se disponha a uma renovação espiritual. A partir do instante em que deseje sinceramente mudar, é dali retirado, a fim de que comece um período de preparação para uma nova encarnação na Terra.

Discutir amplamente com as crianças, fazendo-as compreender que tanto o Inferno quanto o Purgatório não estão de acordo com a idéia de justiça que fazemos de Deus, por não haver um tratamento igual para todos. Além disso, mostrar-lhes que Deus também não seria bondoso, misericordioso, pois não concederia uma nova oportunidade às almas que se comprometeram com o mal, a fim de que pudessem tornar-se boas, através do progresso, que as livraria da ignorância. Se agisse assim, Deus seria pior que um professor que, por surpreender um aluno colando durante uma prova, o expulsasse da escola para sempre. Só haveria o sofrimento, não o aprendizado para a prática do bem. Só existiria a punição, uma espécie de vingança de Deus contra essas almas que erraram. Estaria assim determinado o destino dessas pobres almas por todo o sempre? Foi pensando assim, que Allan Kardec formulou as seguintes perguntas aos Espíritos com os quais dialogava, no trabalho de codificar o Espiritismo:

(Depois desta exposição, pedir às crianças que leiam as perguntas e ir comentando-as)

166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

Por esta pergunta, nota-se que Kardec deu ênfase ao progresso do Espírito e não à punição a que pudesse estar sujeito.

a) - *Como se realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

Depurando-se, a alma indubitavelmente experimentará uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

Vê-se, pela resposta dos Espíritos, que eles não se referem apenas a um arrependimento momentâneo, mas toda uma renovação espiritual, através do trabalho numa nova vida física.

b) - *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

Kardec insiste no desdobramento da pergunta, para que fique registrada a palavra dos Espíritos Superiores a respeito da reencarnação.

c) - *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado o corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente.”

Os Espíritos reafirmam a reencarnação, dizendo que se trata de princípio geral, ao afirmarem que “todos contamos muitas existências.”

167. *Qual o fim objetivado com a reencarnação?*

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”

Os Espíritos não negam a necessidade da expiação, do resgate, mas insistem no “melhoramento progressivo da Humanidade” que, como se sabe, se dá através do progresso de cada Espírito.

170. *O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?*

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”

Ainda nesta pergunta, vê-se a preocupação de Kardec com o progresso e não com punição do Espírito.

c) Fixação e/ou avaliação: Levada a efeito durante a própria aula, através de diálogo.

d) Material didático: O Livro dos Espíritos e/ou cópias de texto.



166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

a) - *Como se realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimentará uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

b) - *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

c) - *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado o corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente.”

167. *Qual o fim objetivado com a reencarnação?*

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”

170. *O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?*

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”



166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

a) - *Como se realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimentará uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

b) - *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

c) - *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado o corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente.”

167. *Qual o fim objetivado com a reencarnação?*

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”

170. *O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?*

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”



PLANO DE AULA

1. TEMA: Esquecimento do passado - importância.

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar no esquecimento do passado um mecanismo da misericórdia divina em benefício da evolução do espírito encarnado.

3. BIBLIOGRAFIA:

L. E., 218 a 221, 383 e 392 a 399; ESE, cap. 5: 11

O Consolador (Emmanuel / F.C. Xavier), itens 116 a 119; Celeiro de Bênçãos (Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco), cap. 21; Missionários da Luz (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 12

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Discussão em grupo.

O Evangelizador disporá a turma em grupos, aos quais serão propostas as questões, fixando um prazo de 10 minutos para as respostas. Os grupos discutirão separadamente, sem contato um com o outro.

Questão 1: Relacione algumas razões ou motivos pelos quais não nos lembramos de nossas vidas anteriores;

Questão 2: Muitas pessoas gostariam de saber o que foram em vidas passadas. Será que há alguma utilidade em saber isso? Sim ou não? Por que?

b) Desenvolvimento: O Evangelizador, após a discussão pelos grupos, solicitará as respostas, anotando-as resumidamente no quadro-de-giz, ou solicitando que uma criança faça as anotações. Em seguida, passará ao esclarecimento do assunto, à luz do que a Doutrina Espírita ensina, como segue:

Kardec pergunta aos Espíritos qual a utilidade de o Espírito passar pelo estado de infância. O Codificador deseja uma explicação lógica para o fato de um Espírito que já soube falar, andar, ler, escrever, contar, que já teve um desenvolvimento artístico, técnico, científico, voltar à Terra na condição de criança. Os Espíritos respondem: “Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.”

A necessidade do esquecimento do passado fica evidente quando comparamos a facilidade que se tem em convencer uma criança a uma mudança de hábitos, diante da dificuldade que se encontra, primeiro em convencer uma pessoa com mais idade da necessidade de fazê-lo, e depois dos obstáculos enfrentados pela própria pessoa que, convencida da necessidade de mudança, se propõe a executá-la.

É claro que seria interessante que alguém que se tivesse destacado nas artes ou nas ciências voltasse à Terra se lembrando de tudo, pois não teria de fazer o esforço de novo aprendizado. Acontece, porém que a recordação do passado não pode ser parcial. Ao lado das recordações pertencentes ao campo intelectual, ou seja, da arte e da técnica, da ciência que o Espírito já dominava, viriam também aquelas do campo do sentimento, da moral, essas quase sempre a necessitarem de reformulações, ou seja, de reeducação.

Há uma diferença entre o progresso intelectual e o moral. O progresso intelectual é cumulativo, ou seja, o Espírito vai conhecendo outros campos da Ciência, vai dominando novas técnicas, vai adquirindo novas informações, que se somam àquelas anteriormente adquiridas. No progresso moral, nem sempre é assim. Na maioria dos casos é necessária uma verdadeira revolução interior, a fim de que a criatura abandone certos hábitos ou vícios. Imaginemos uma pessoa que tenha o vício do alcoolismo, do roubo, da mentira, da maledicência. Será fácil convencê-la a mudar esses hábitos? E, mesmo que ela se convença, será fácil para ela mudar? Sabe-se que à medida que a idade avança a criatura humana vai-se tornando mais avessa à mudança dos seus hábitos.

No caso de se pretender levar um adulto a convencer-se da necessidade de mudar, vai-se encontrar como barreira o fato de o hábito ou vício estar presente em sua memória e de estar sendo praticado a todo o momento.

No caso da criança, é diferente, pois ainda que aquele Espírito seja portador de vícios, esses vícios estarão esquecidos e a criança, por não sofrer sua influência direta, vez que deles não se lembra, tem a oportunidade de receber novas sugestões de comportamento, aceitá-las e segui-las. A quem, então, é mais fácil convencer da necessidade de uma mudança de atitudes, a uma criança ou a um velho?

Como se sabe que a evolução espiritual não regride, chega-se à conclusão que ninguém pode ter sido melhor, nem no campo do sentimento, nem no da moral do que é hoje. Ninguém perde suas conquistas de elevação espiritual simplesmente porque se encarnou. O Espírito nunca pode ser privado do acesso a todas as suas conquistas nesse campo. Entretanto, o mesmo não se dá em relação ao progresso intelectual. Um Espírito pode voltar à Terra, numa nova encarnação, sem ter possibilidade de revelar tudo o que sabe, por influência de restrições do seu corpo físico. Isso acontece, às vezes, até a pedido do próprio reencarnante, a fim de que o brilho da sua intelectualidade não atrapalhe seus esforços no sentido de conseguir humildade, bondade, abnegação, tolerância, etc. Os doutos e os sábios têm mais dificuldade de assimilar as lições do Evangelho, em virtude do orgulho e da vaidade que o brilho da inteligência produz nas almas, justamente naquelas que mais necessitam dele.

A Terra, como mundo de provas e expiações, abriga, na maioria de seus habitantes encarnados, Espíritos ainda portadores de muitas mazelas espirituais como o egoísmo, o orgulho, o ódio, a vingança, a intolerância, a inveja, além de outros sentimentos inferiores. Foram esses mesmos sentimentos que, no passado, nos levaram muitas vezes a cometer erros, comprometendo-nos perante a Justiça Divina. Assim, nos lares, nas escolas, nos ambientes de trabalho, e em tantos outros lugares, encontramos, muitas vezes, inimigos e desafetos do pretérito, aos quais possamos ter causado grandes prejuízos materiais e morais, ou então fomos nós os prejudicados por eles. Essa lembrança seria, para todos os envolvidos, muito desagradável, muito penosa, e afetaria negativamente as nossas relações sociais. É fácil entender que não haveria harmonia, sossego, confiança, tranquilidade em nossas atividades, pois não seria possível encarar um parente, um colega de estudo ou de trabalho se nele identificássemos um inimigo do passado.

Muitas crianças trazem recordações que, na maioria dos casos, desaparecem com o passar do tempo. São raríssimos os casos em que a criatura conserva essas recordações até a idade adulta. Há pessoas que se lembram mesmo de vidas passadas. Essas lembranças incomodam mais do que ajudam aqueles que as têm, entretanto, essas criaturas prestam um serviço à Humanidade, tornando-se, muitas vezes, objeto de pesquisas.

Temos, às vezes, durante a vida corpórea, uma vaga lembrança, uma intuição do que fomos no passado. Para algumas pessoas pode ser uma vaga impressão, mas também pode ser uma ilusão, fruto de uma superexcitação da mente, contra o que devemos estar atentos, para não sermos afetados negativamente, com prejuízo do nosso equilíbrio psicológico. De modo geral, para sabermos o que fomos ontem, basta olharmos para dentro de nós, hoje, verificando os nossos desejos e tendências, para o bem ou para o mal. Uma coisa é certa: não fomos melhores do que somos hoje. Assim sendo, não devemos ter a ilusão de chegar ao Mundo Espiritual sonhando com alguma revelação de que fomos criatura bondosa, abnegada, caridosa, compreensiva, tolerante, se não o somos agora.

Embora saibamos que nem no Mundo Espiritual temos, de imediato, lembrança de encarnações anteriores, há pessoas que têm uma curiosidade muito grande a respeito do passado, buscando, para sabê-lo, médiuns que se prestam a consultas nesse campo. Os Espíritos desaconselham tal procedimento, não só pelos prejuízos que possam advir, mesmo em se tratando de revelações verdadeiras. No caso de serem falsas, essas levam pessoas ao ridículo, além de favorecer o envolvimento com entidades espirituais que se comprazem em enganar, iludir, divertindo-se à custa de incautos.

Devemos nos lembrar de que o passado está feito, está concluído e acabado. Não adianta nos preocuparmos com ele agora, se não mais temos a possibilidade de modificá-lo. O importante é nos preocuparmos com o presente, tendo a convicção profunda de que estamos fazendo a colheita de nossas sementeiras boa sou más do passado e que – mais importante ainda – estamos semeando o nosso futuro!

c) Fixação e / ou avaliação: Diálogo.

O Evangelizador, após a explicação, conferirá com a turma o que foi discutido nos grupos, verificando os pontos anotados no início da aula, esclarecendo as dúvidas, se for o caso.

d) Material didático: Quadro-de-giz; folhas de papel; lápis e borracha.

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Corpo Físico - conseqüências dos vícios

2. OBJETIVO: A criança conceberá a noção do valor do corpo físico como instrumento necessário ao nosso aprendizado na Terra e dos danos que os vícios podem causar-lhe.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 2: 19 a 21; Tg, 3: 2 e 3

LE, itens 136, 367 a 385, 730; ESE, cap. 17 item 11

Mãos Unidas (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 2; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira), cap. 34;

Missionários da Luz (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 2 e 13

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Perguntar às crianças o que pensariam de um violinista que não cuidasse do seu instrumento, ou de um piloto que não se interessasse pela conservação do seu avião.

b) Desenvolvimento: Diálogo.

Depois de receber as respostas, encaminhar o assunto de modo que concluam que o violinista e o piloto necessitam de seus instrumentos em perfeito estado de conservação, a fim de que possam demonstrar seus talentos através deles. A partir daí, fazer um paralelo entre o Espírito e o corpo, mostrando que este é o instrumento, o veículo daquele.

O nosso corpo físico é o instrumento de que necessitamos para o nosso aprendizado e aperfeiçoamento na face da Terra.

O corpo físico propicia ao Espírito encarnado o necessário esquecimento do passado, o que lhe favorece a possibilidade de reajustes com desafetos, com aqueles Espíritos com os quais tenha compromissos em conseqüência de erros cometidos em outras existências carnis, ou, até mesmo, no espaço, quando estagiando em regiões inferiores

Pela sua importância e valor, o corpo físico deve ser preservado de tudo o que possa desgastá-lo prematuramente. Nesse particular, é interessante que se note, que se observe o trabalho, o cuidado e a dedicação dos pais (às vezes de outras pessoas) no acompanhamento do desenvolvimento físico de uma criatura humana desde a infância até a idade adulta. Um corpo físico, para que chegue à idade adulta, necessita de acompanhamento, desde o começo de sua formação, ainda no ventre materno. Atentando para isso, sente-se o valor incalculável – impossível de ser convertido em termos monetários – de um corpo físico. Isso, sem que se leve em conta a contribuição indispensável de benfeitores espirituais, notadamente durante o período infantil. “Receber um corpo, nas concessões do reencarnacionismo, não é ganhar um barco para nova aventura, ao acaso das circunstâncias, mas significativa responsabilidade definida nos serviços de aprendizagem, elevação ou reparação, nos esforços evolutivos ou redentores.” (Missionários da Luz, cap. 2)

É nosso dever manter o nosso corpo saudável e bem cuidado, a fim de que possamos desfrutar de um instrumento tanto quanto possível em boas condições. “Sem atender às pesadas responsabilidades que lhe competem na preservação do vaso físico, homem algum poderá realizar o progresso espiritual.” (Missionários da Luz, cap. 13)

É bom nos lembrarmos de que nem sempre as deficiências físicas e as doenças que nos acometem são conseqüências de desequilíbrios de outras encarnações: às vezes esses problemas são procedentes tanto de falta de cuidado, como de excessos do presente. Há muitas pessoas doentes ou mutiladas em decorrência da falta de respeito pela vida, ao se entregarem à loucura da velocidade ou à prática de esportes altamente perigosos, como alguns modernos, apenas na busca de novas emoções. Na prática de certos esportes, mesmo quando não aparecem maus resultados imediatos na organização física, permanecem lesões residuais decorrentes da tensão nervosa, que se manifestam, mais tarde, como doenças várias.

Cientes disso, devemos sempre evitar emoções violentas, recebidas desnecessariamente também através de filmes, de leituras, de comentários pessimistas ou negativos, pelos prejuízos que esses estados-de-espírito ocasionam ao corpo físico. Tão importante quanto a higiene física é a higiene mental, de vez que ela se reflete diretamente na saúde do corpo. Devemos nos lembrar de que podemos banhar nosso corpo tanto com vibrações suaves, como bombardeá-lo com pensamentos negativos.

Existem muitos maus hábitos que prejudicam o corpo físico e, dentre eles, os piores são chamados vícios. Entretanto, se é o corpo que sofre os efeitos dos vícios, é bom lembrar que a sede dos vícios não é o corpo, mas o Espírito. Ninguém ignora que o alcoolismo, além dos prejuízos morais, causa verdadeira ruína ao corpo físico, prejudicando principalmente o fígado, o estômago e o coração. O tabagismo lesa o coração e o estômago, mas principalmente o sistema circulatório e os pulmões, produzindo, não raro, o enfarto, o câncer e o enfisema pulmonar. As drogas lesam todo o corpo, levando-o a um desgaste prematuro que, em geral, culmina na morte. Sabemos que o tabagista, o alcoólatra, o dependente de drogas não resolvem seus problemas de dependência quando deixam o corpo físico por efeito da desencarnação. Essas pessoas sofrem ainda muito mais no Mundo Espiritual, onde chegam à loucura, por continuarem sentindo a mesma pressão dos vícios. Não tendo mais corpo físico para se satisfazerem através dele, buscam o corpo de outras pessoas, sobre as quais agem, como verdadeiros obsessores.

O corpo, como todo organismo, necessita de exercícios e de descanso. Por isso, devemos guardar o justo equilíbrio entre atividade e repouso. Excesso de atividade leva à exaustão; excesso de repouso leva ao ócio.

Já disse um Espírito que desencarna mais gente na Terra por excesso de alimentação do que por falta dela. Devemos, portanto, evitar sobrecargas ao aparelho digestivo, pois a alimentação em demasia, além de prejudicar o corpo, embrutece o Espírito. Por isso, o excesso de alimentação, em muitos casos, é mais nocivo do que a sua falta. Mas, existem vícios piores do que o desregramento alimentar. Dentre eles estão catalogados o uso do fumo, do álcool, das drogas. Esses vícios impõem prejuízos maiores ao nosso instrumento físico, além de criarem zonas de desequilíbrio no nosso corpo espiritual.

Há religiões que pregam o desprezo pelo corpo físico e ensinam que se deve impor-lhe regime severo, fazendo-o passar privações. Durante séculos e séculos, foi incentivada a prática da auto-flagelação, isto é, de a própria pessoa ferir-se para punir-se, a fim de libertar-se dos pecados que tivesse praticado. Para isso eram usados chicotes com pontas metálicas que feriam até provocarem sangramento. Além dessa forma de auto-martírio, existiam, ainda, os cilícios, ou seja, cintos providos de pequenas pontas voltadas para o corpo, que as pessoas usavam sob as roupas. Até hoje, infelizmente, a prática de auto-flagelação através do chicote é usada durante as comemorações da Semana Santa, não só em países menos desenvolvidos, como também naqueles chamados do Primeiro Mundo. Além disso, existem “penitências” decorrentes dos pagamentos de promessas absurdas como sejam: carregar cruzeiros enormes, subir escadas de joelhos, privar-se de alimentação, etc.

O Espiritismo ensina que para agradar a Deus não devemos impor sofrimento ao nosso corpo físico, mas sim, que devemos nos educar espiritualmente, libertando-nos do orgulho, da vaidade, da maledicência, da preguiça, da gula e de tantas outras imperfeições que ainda temos.

Ensina, ainda, o Espiritismo, que o corpo é instrumento sagrado e que deve ser valorizado pela oportunidade que oferece ao Espírito para a sua evolução. Ao corpo, na sua condição de instrumento, não cabe nenhuma responsabilidade pelas atitudes corretas ou incorretas tomadas pelo Espírito que o habita.

Pode ser que o corpo que temos não seja exatamente aquele que gostaríamos de ter. Entretanto, devemos nos lembrar de que foram os benfeitores espirituais – prepostos de Jesus – que, com sabedoria e justiça, misericórdia e amor, agiram para que recebêssemos justamente a roupagem física que temos agora, em atendimento às nossas necessidades de Espíritos imortais. O acaso, como se sabe, não faz parte dos planos divinos.

Pelo conhecimento da função e da importância do corpo, podemos avaliar, perfeitamente, o valor da oportunidade que nos foi dada através da reencarnação. Tomamos, assim, conhecimento da responsabilidade que temos no manejo desse instrumento que, embora de inestimável valor, deve ser considerado apenas como instrumento físico de manifestação do Espírito imortal, em trânsito temporário pelo plano material.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

d) Material didático: -----

PLANO DE AULA

1. TEMA: Desencarnação e Velório

2. OBJETIVO: A criança deverá entender a desencarnação como um acontecimento normal na vida do Espírito que se encarnou e que o velório é uma etapa importante nesse processo de desligamento da alma do corpo.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 8: 51.

LE, 149 a 156.

Voltei (Irmão Jacob / F. C. Xavier), caps. 2 e 3; Obreiros da Vida Eterna (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 12 a 16; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira), cap. 364.

AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Conversar com as crianças a respeito da morte, fazendo-as cientes de que suas opiniões estão sendo anotadas e que serão objeto de comentários.

b) Desenvolvimento: Exposição e diálogo.

O Evangelizador deverá discorrer sobre o tema e, eventualmente, pedir que algumas crianças leiam trechos selecionados da aula, incentivando-as e valorizando suas observações.

O fenômeno da morte sempre intrigou e preocupou o Homem, desde os tempos primitivos. Isso pode ser verificado pela História de vários povos, nas diversas regiões da Terra. Cada povo, de acordo com a sua cultura, tem, ao longo do tempo, tratado o assunto de forma particular. Há povos, como o Hindu, que, até hoje, cremam os cadáveres. Outros, como os Egípcios, mumificavam os corpos e, quando se tratava de reis, erigiam pirâmides para guardá-los. A maioria simplesmente enterra os corpos dos seus mortos. Alguns povos não usam, para isso, caixões de madeira; apenas enrolam os corpos em panos, antes de entregá-los à terra.

De modo geral, no espaço de tempo entre a morte e o destino dado ao corpo, seja por cremação, seja por sepultamento, é observada uma atitude de respeito, seriedade, emoção, que leva os adeptos da cremação a guardarem as cinzas dos seus mortos e os demais, fazerem construir marcos físicos, que chamamos de túmulos, mausoléus. Durante essas horas que medeiam a morte e o fim dado ao corpo, os procedimentos são orientados pelas religiões, cada qual a seu modo.

E o Espiritismo, que orientação de procedimento nos oferece? Ensina-nos, a Doutrina Espírita, que a chamada morte nada mais é que o fim da vida útil do corpo físico. O corpo não é visto como parte essencial da criatura humana, sendo encarado apenas como instrumento do Espírito para sua manifestação na Terra. É visto como instrumento de valor inestimável, mas de uso temporário. Daí preferir-se o termo desencarnação ao invés de morte, porque, em verdade, é apenas o corpo que morre, o que leva o Espírito a se desligar dele, a desencarnar-se. Por isso, o espírita aprende a encarar a desencarnação como um fenômeno natural, sem desespero ou amargura, sem aquela sensação terrível de perda de um ente querido. Aquilo que para muitos significa uma perda quase irreparável, para o espírita representa apenas uma separação temporária, pois o Espiritismo nos demonstra que a criatura amada não morre, apenas liberta-se de um instrumento que não lhe serve mais para manifestar-se no plano físico. Libertado do corpo físico, o Espírito passa a viver num plano de outra faixa vibratória, invisível aos olhos da carne, para onde iremos, por nossa vez, mais tarde.

O conforto que nos propicia a certeza da imortalidade da criatura que amamos não nos livra da saudade, da dor provocada pela sua ausência. Assim, é muito natural a tristeza, a lágrima de saudade, quando ocorre a desencarnação. Por maior que seja a nossa certeza do reencontro futuro, a separação sempre dói. Se nos é lícito chorar quando nos despedimos de um ente amado que viaja para outra cidade ou para outro país, por que não chorar quando ele viaja para os Planos Espirituais?

Entretanto, como espíritas, que sabemos da imortalidade, devemos, quando desencarnam entes queridos, evitar que a saudade - sentimento muito natural - se converta em sensação de perda, em desespero e revolta, o que

pode afetar negativamente o recém-desencarnado. Quando pensamos, com equilíbrio, naqueles que se foram, e oramos por eles, vibrando para que logo se adaptem à nova vida, ajudamo-los e nos ajudamos também.

A desencarnação não é instantânea, como geralmente se pensa, mas se dá através de um processo gradual de libertação, que pode durar muitas horas depois da cessação da vida no corpo. Kardec interroga os Espíritos Superiores a esse respeito:

A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá uma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

Não; a alma se desprende gradualmente, não escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Esses laços se desatam, não se rompem. (LE, 155 a)

Ainda por algumas horas, depois de constatada a morte do corpo físico, o Espírito fica ligado a ele. Por essa razão devemos nos cercar de cuidados durante aquele período denominado *velório*. De modo geral, a homenagem que se presta ao desencarnante é bem menor que o prejuízo provocado pela falta de educação espiritual da parte dos visitantes. Os comentários descaridosos, o anedotário, ou a simples conversação mundana criam ambientes desfavoráveis ao justo repouso daquele que encerra a sua jornada terrestre. O Irmão Jacob, comentando o que sentira durante o velório do seu corpo diz:

E não poderia evitar que perante o corpo inerte se concentrassem manifestações mentais heterogêneas. Nem todos os pensamentos ali congregados traduziam amor e auxílio fraternais. As opiniões a meu respeito divergiam entre si, formando correntes de força menos simpáticas. Alguns conhecidos me atiravam flores que eu não merecia, ao passo que outros me crivavam de espinhos dilacerantes. (Voltei, cap. 5)

Movimentando-se pelos arredores do local onde era velado seu corpo, ao qual ainda se encontrava ligado, Jacob se dirige a um automóvel onde se encontravam alguns amigos. Eis o seu relato:

Grupinho de conhecidos atraiu-me a atenção. Avancei para eles, mas fui constrangido a afastar-me, decepcionado. Comentavam política, em agressiva atitude. Mergulhavam a mente em disputas desnecessárias. Pela primeira vez, verifiquei que os Espíritos inferiores não se comunicam somente nas sessões doutrinárias. A palestra, apesar de desenvolver-se discreta, apresentava notas de intercâmbio com o plano invisível... (Voltei, cap. 5)

Afastando-se dali, buscou outro local e a surpresa desagradável não se fez menor:

Descobri nova agremiação de pessoas às quais me afeiçoara profundamente. Busquei-lhes a companhia, ansioso, seguido de perto pelos benfeitores; contudo, outra desilusão me aguardava. Falava-se, em voz baixa, sobre as despesas prováveis com o enterramento dos meus despojos. Emitia-se julgamento apressado, envolvendo-se-me o nome em impressões desarmoniosas e rudes. (Voltei, cap. 5)

Mas não foram só vibrações negativas que ele recebeu. Quando há uma atitude de equilíbrio da parte de alguém que comparece ao velório, o desencarnante pode ser beneficiado com vibrações balsamizantes:

Abeirava-me de profundo desalento, quando, não longe, em certo veículo, observei a formação de lindos círculos de luz. O Irmão Andrade, atendendo-me à indagação silenciosa, esclareceu: "Naquele carro, temos a claridade da oração sincera." Pedi aos protetores me auxiliassem a procurar semelhante abrigo, mais depressa. Alcancei-o e rejubilei-me. Alguns companheiros ofertavam-me os recursos da prece santificante. Tamanho foi o meu contentamento que quase me ajoelhei, feliz. Aquela rogativa que formulavam a Jesus, em benefício de minha paz, constituía dádiva celeste. Do pequeno conjunto emanavam energias confortadoras que me penetravam à maneira de chuva balsâmica. A oração influenciara-me docemente. (Voltei, cap. 5)

Nossos amigos da esfera carnal são ainda muito ignorantes para o trato com a morte. Ao invés de trazerem pensamentos amigos e reconfortadores, preces de auxílio e vibrações fraternais, atiram aos recém-desencarnados as pedras e os espinhos que deixaram nas estradas percorridas. É por isso que, por enquanto, os mortos que entregam despojos aos solitários necrotérios da indigência são muito mais felizes. (Obreiros da Vida Eterna, cap. 13)

Desses relatos, tiramos excelentes lições, que nos levam a concluir que, se não temos a necessária disposição de contribuir com a nossa vibração fraterna, silenciosa, é melhor não irmos a um velório. O simples comparecimento, apenas por uma questão social, é atitude farisaica, não condizente com a que deve ter o verdadeiro cristão. Assim, num velório, devemos colaborar em benefício do desencarnante com a nossa vibração fraterna, com a oração silenciosa, uma vez que sabemos estarem ainda se processando trabalhos delicados levados a efeito por Benfeitores Espirituais, em favor do desencarnante.

Proceder corretamente nos velórios, calando anedotário e galhofa em torno da pessoa desencarnada, tanto quanto cochichos impróprios ao pé do corpo inerte. O companheiro recém-desencarnado pede, sem palavras, a caridade da prece ou do silêncio que o ajudem a refazer-se. (Conduta Espírita, cap. 36)

A desencarnação, quando ocorre de modo natural, e é razoavelmente aceita pela criatura, não causa sofrimento, constituindo-se numa verdadeira libertação, conforme comentário de Kardec:

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo. (LE, 154)

Entretanto, quando a morte é provocada conscientemente, premeditadamente ou decorrente de um impulso incontrolável num momento de desespero, caracteriza-se como suicídio. Nesse caso, trata-se uma ação infeliz, pelas lesões profundas que causa ao corpo espiritual. O suicídio provoca uma situação muito penosa para o Espírito, até que ele consiga o necessário reequilíbrio interior, o que será conseguido depois de dolorosos sofrimentos, tanto no Mundo Espiritual, quanto na Terra, numa nova encarnação.

A desencarnação pelo suicídio pede ainda mais caridade por parte daqueles que participam do velório. Entretanto, na maioria das vezes, o fato provoca a descaridosa curiosidade, acompanhada de comentários contundentes.

c) Fixação e/ou avaliação: Leitura e comentário dos textos da aula, ou exercício escrito.

1. Fazer cópias das citações (em itálico) e distribuir entre as crianças, pedindo-lhes que comentem.
2. Fazer cópias do exercício abaixo e aplicá-las a cada criança, ou a um grupo.

d) Material didático: Textos ou exercícios.



Complete as frases abaixo, usando as palavras ou grupo de palavras:

CORPO FÍSICO - VELÓRIOS - ORAR EM SILÊNCIO - MORTE NATURAL - ESPÍRITOS IMORTAIS
A REVOLTA E O DESESPERO - SUICÍDIO - INSTANTANEAMENTE - ESPÍRITO - LIBERTAÇÃO

1. O _____ é contrário à Lei de Deus e não podemos, por isso, tirar a nossa própria vida.
2. Com a desencarnação, o _____ retorna ao Mundo Espiritual, de onde viera.
3. Quando desencarna um parente ou um amigo devemos evitar _____.
4. O desligamento do Espírito não se dá _____ com a morte do corpo físico.
5. Nos _____, devemos _____, fugindo do anedotário e dos cochichos.
6. Na _____, o Espírito deixa o _____ sem perceber.
7. Todos nós somos _____, e estamos temporariamente encarnados.
8. A morte do corpo físico não significa destruição da vida, mas apenas _____ do Espírito.



PLANO DE AULA

1. TEMA: Fé - por que deve ser raciocinada

2. OBJETIVO: A criança deverá se conscientizar de que a fé, além de ser algo da área mística, emocional, deve ser da área racional, e ser edificada conscientemente pela criatura.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 7: 9 a 11; 8: 8 a 13; 16: 27; Jo, 8: 32; Lc, 6: 44 e 45; Tg, 2: 14 a 20.
ESE, cap. 19.
O Consolador (Emmanuel / F.C.Xavier), itens 352 a 359.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Perguntar às crianças se já viram homens trabalhando na rede elétrica da cidade, pegando nos fios que, necessariamente, deverão estar desligados. Por certo responderão afirmativamente. A seguir, perguntar se o trabalho deles seria possível se não acreditassem nas pessoas encarregadas de ligar e desligar a força. Em seguida, chamar a atenção para o fato de todos termos confiança, pois acreditamos no motorista do ônibus, do táxi, no piloto do avião, no médico que nos opera, no cozinheiro do restaurante. Confiamos porque sabemos que são pessoas preparadas para essas funções. Depois mostrar-lhes que a nossa confiança, nossa crença vai aumentando, à medida que vamos compreendendo as coisas. Finalmente, levar as crianças a concluir que ninguém vive sem crer e que crença é fé.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Desenvolver os itens abaixo, observando, com cuidado, o ajuste do vocabulário ao nível das crianças:

No campo religioso, acreditar quer dizer ter fé. Assim, quando se diz que alguém tem fé, quer-se dizer que esse alguém acredita em Deus, em Jesus, nos Bons Espíritos, enfim em poderes maiores, que socorrem, amparam, quando solicitados. Quem tem fé sabe, guarda a certeza de que Deus o ama, o ampara e lhe proporciona a ajuda, aumentando-lhe a força e a lucidez necessárias à solução dos seus problemas.

Todas as religiões ensinam a fé num poder supremo, criador e mantenedor da Vida, mas de modo geral, ensinam que a fé é uma virtude que não pode ser analisada pela razão, pela inteligência. Dizem que a fé é uma manifestação natural e espontânea do Espírito, que tem a ver apenas com o sentimento e não com a razão, com o entendimento. Dizem algumas religiões que a fé é dada por Deus, como uma “graça”.

A Doutrina Espírita nos ensina que Deus nos criou a todos com a capacidade de desenvolvermos a nossa fé, pois se o Pai Celestial desse a fé já pronta às criaturas, como graça, não deveria haver pessoas sem fé, ou Deus não seria justo, por ter feito uma distribuição desigual. O Espiritismo nos demonstra que somos criaturas dotadas da capacidade de entendimento, de compreensão, de raciocínio, capacidade essa que nos possibilita a construção da nossa fé, aquela fé verdadeira, que nasce do sentimento e do entendimento. Ensina que a fé duradoura, eterna, é aquela nascida da compreensão e não apenas da emoção.

Muitas pessoas, ao ouvirem relato de passagens da vida de Jesus ou de outros benfeitores da Humanidade, se sentem tocadas de emoção e dizem depois: “senti, naquele momento, uma fé imensa, senti-me capaz de realizar coisas verdadeiramente grandiosas.” Essas pessoas confundem entusiasmo passageiro, emoção momentânea, com fé. Na verdade, a emoção só é benéfica se controlada. Orientada pela inteligência, ela será útil, pois pode levar a criatura a aprimorar sua sensibilidade. Entretanto, se a emoção não for orientada pela razão, pode levar a criatura à fé cega, ao fanatismo.

O mundo está cheio de exemplos negativos da fé cega, do fanatismo religioso. Quantas pessoas, ainda hoje, ferem o próprio corpo, chicoteando-se até o sangramento. Outras se põem a subir escadas de joelhos, ferindo-se, expondo-se ao risco de apanhar uma infecção nas feridas. Outras, ainda, se entregam a privações terríveis, encarcerando-se, fazendo voto de silêncio, no intuito de demonstrar sua fé em Deus! Se usassem a sua inteligência, se analisassem racionalmente o que estão oferecendo a Deus, lembrar-se-iam de que Ele é Pai, e, como Pai amoroso e misericordioso, não poderia ficar satisfeito com o sofrimento de Seus filhos, como se fosse um tirano cruel e sanguinário...

A Doutrina Espírita nos ensina que devemos analisar as nossas emoções, cultivar o sentimento com equilíbrio, com inteligência, usando a nossa razão, no sentido de construirmos uma fé que não nos abandona nunca, porque nascida do entendimento profundo das coisas. Não é a simples crença, às vezes até infantil, de que Deus vai nos atender os caprichos, muitas vezes com prejuízo dos interesses de outras pessoas.

Por isso, o espírita não tem fé que Deus vai ajudar o seu time a ganhar o jogo. Sabe que Deus é pai também dos jogadores do outro time. Não tem fé que Deus vai fazê-lo passar no Vestibular, pois sabe que Deus é Pai de todos os vestibulandos e que ao ajudá-lo estaria sendo injusto para com os outros. Entretanto, no primeiro caso pode pedir a Deus que ajude a fim de que o jogo transcorra em paz, que ninguém se machuque e que se faça a justiça, vencendo o melhor. No segundo caso, pode pedir que Deus o ajude a ficar tranqüilo, calmo a fim de que possa mostrar tudo o que estudou... Sabe que não deve pedir aos Espíritos para ajudá-lo, a não ser no sentido de lembrar-se daquilo que estudou, pois se pedisse que os Espíritos lhe ensinasse qualquer coisa estaria pedindo “cola”... E os bons Espíritos, aqueles honestos, não dão cola a ninguém.

Emmanuel assim define a fé, segundo a visão espírita: “Conseguir a fé é a possibilidade de não mais dizer ‘eu creio’, mas ‘eu sei’, com todos os valores da razão, tocados pela luz do sentimento.” (O Consolador, 354)

A fé que o Espiritismo nos ensina é uma fé dinâmica, não é uma fé contemplativa, em que a criatura fica parada, aguardando providências de Deus em seu favor. Pelo sentimento, sabemos que Deus não nos desampara – porque é Pai –, mas que pela razão entendemos que devemos fazer a nossa parte, conforme sentenciou Jesus: “... e então dará a cada um, segundo as suas obras.” (Mt, 16: 27)

Entretanto, é lícito perguntar-se: terá a fé raciocinada nascido com o Espiritismo? Não, a fé raciocinada nos vem de Jesus, dos ensinamentos do seu Evangelho. Ao Espiritismo cabe o papel de fazê-la retornar, como o fez com todas as lições do Mestre. Deve-se notar que Jesus nunca explorou a emoção de ninguém. Sua fala, mansa e humilde, precisa e firme, sempre era dirigida ao sentimento e à inteligência das criaturas. As lições do Mestre sempre foram pautadas no diálogo, através do qual propunha o exame racional daquilo que ensinava. Vejamos:

“E orando, não useis de vãs repetições...” (Mt, 6: 7). Quer dizer o Mestre que devemos orar com consciência daquilo que falamos, que a nossa oração não seja apenas a repetição emocionada de uma fórmula decorada, como um recitativo, mas que, pelo contrário, pensemos naquilo que estamos dizendo, a fim de que a mensagem dirigida ao Alto tenha um conteúdo, um significado e não seja uma simples ladainha.

Os Judeus acreditavam que não se podia fazer nada no sábado, por uma questão de fé. Ao censurarem Jesus, cujos discípulos apanharam espigas para se alimentar, num sábado, ouviram esta resposta do Mestre, que buscava levá-los a raciocinar sobre o ensinamento que mandava fosse respeitado o sétimo dia, depois de seis de trabalho: “O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado.” (Mc, 2: 27)

“Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto (...). O homem bom do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.” (Lc, 6: 44 e 45). Não está aí um convite à análise, à reflexão, ao uso da inteligência?

“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus?” (Mt, 7: 9 a 11). Também por essa passagem pode-se ver que Jesus não buscava levar ninguém a uma adoração emotiva, a uma fé cega. Pelo contrário, procurava fazer as criaturas entenderem, a concluir, pelo raciocínio, que o Todo-Poderoso deveria ser, necessariamente, melhor que um pai terrestre e, portanto, capaz de dar maiores bens aos Seus filhos. Assim nasce nas criaturas uma fé em Deus que não se abala, ao sabor das emoções, porque é uma certeza que nasce do raciocínio.

Jesus ensinou: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (Jo, 8: 32). Como conhecer a verdade, se não pelo entendimento, pelo raciocínio? Assim, concluímos que os ensinamentos de Jesus buscam inclinar a criatura humana à compreensão, ao entendimento, porque quem compreende não apenas crê, mas sabe. E quem sabe confia. E quem confia tem fé. Por entender profundamente o pensamento de Jesus, é que Kardec colocou na folha-de-rostro de “O Evangelho segundo o Espiritismo” estas palavras, que refletem perfeitamente a postura espírita diante da fé: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”.

e) Fixação e / ou avaliação: Diálogo, com base em exercício escrito.

d) Material didático: Cópias dos exercícios, pág. 51 (3, 1, 2, 4)

Numere os períodos abaixo de acordo com o que está em itálico:

1. *A fé raciocinada nasceu com o Espiritismo, ou ela já havia sido ensinada anteriormente, e havia sido colocada fora das práticas religiosas por aqueles que queriam manter o povo na ignorância e assim se tornarem poderosos?*

2. *“E orando, não useis de vãs repetições...” (Mt, 6: 7).*

3. *O espírita não tem fé que Deus vai ajudar o seu time ganhar o jogo. Sabe que Deus é pai também dos jogadores do outro time. Não tem fé que Deus vai fazê-lo passar no Vestibular, pois sabe que Deus é Pai de todos os vestibulandos e que ao ajudá-lo estaria sendo injusto para com os outros.*

4. *“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus?” (Mt, 7: 9 a 11).*

O Mas pode pedir a Deus que ajude a fim de que o jogo transcorra em paz, que ninguém se machuque e que se faça a justiça, vencendo o melhor. Pode pedir que Deus o ajude a ficar tranqüilo, calmo a fim de que possa mostrar tudo o que estudou... Sabe que não deve pedir aos Espíritos para ajudá-lo, a não ser no sentido de lembrar-se daquilo que estudou, pois se pedisse que os Espíritos lhe ensinassem qualquer coisa estaria pedindo “cola”... E os bons Espíritos, aqueles honestos, não dão cola a ninguém.

O A fé raciocinada nos vem de Jesus, dos ensinamentos do seu Evangelho. Ao Espiritismo cabe o papel de fazê-la retornar, como o fez com todas as lições do Mestre. Deve-se notar que Jesus nunca explorou a emoção de ninguém. Sua fala, mansa e humilde, precisa e firme, sempre era dirigida ao sentimento e à inteligência das criaturas. As lições do Mestre sempre foram baseadas no diálogo, através do qual propunha o exame racional daquilo que ensinava.

O O Mestre quer dizer que devemos orar com consciência daquilo que falamos, que a nossa oração não seja apenas a repetição emocionada de uma fórmula decorada, como um recitativo, mas que, pelo contrário, pensemos naquilo que estamos dizendo, a fim de que a mensagem dirigida ao Alto tenha um conteúdo, um significado e não seja uma simples ladainha.

O Por essa passagem pode-se ver que Jesus não buscava levar ninguém a uma adoração emotiva, a uma fé cega. Pelo contrário, procurava fazer as criaturas entender, concluir, pelo raciocínio, que o Todo-Poderoso deveria ser, necessariamente, melhor que um pai terrestre e, portanto, capaz de dar maiores bens aos Seus filhos.

Numere os períodos abaixo de acordo com o que está em itálico:

1. *A fé raciocinada nasceu com o Espiritismo, ou ela já havia sido ensinada anteriormente, e havia sido colocada fora das práticas religiosas por aqueles que queriam manter o povo na ignorância e assim se tornarem poderosos?*

2. *“E orando, não useis de vãs repetições...” (Mt, 6: 7).*

3. *O espírita não tem fé que Deus vai ajudar o seu time ganhar o jogo. Sabe que Deus é pai também dos jogadores do outro time. Não tem fé que Deus vai fazê-lo passar no Vestibular, pois sabe que Deus é Pai de todos os vestibulandos e que ao ajudá-lo estaria sendo injusto para com os outros.*

4. *“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus?” (Mt, 7: 9 a 11).*

O Mas pode pedir a Deus que ajude a fim de que o jogo transcorra em paz, que ninguém se machuque e que se faça a justiça, vencendo o melhor. Pode pedir que Deus o ajude a ficar tranqüilo, calmo a fim de que possa mostrar tudo o que estudou... Sabe que não deve pedir aos Espíritos para ajudá-lo, a não ser no sentido de lembrar-se daquilo que estudou, pois se pedisse que os Espíritos lhe ensinassem qualquer coisa estaria pedindo “cola”... E os bons Espíritos, aqueles honestos, não dão cola a ninguém.

O A fé raciocinada nos vem de Jesus, dos ensinamentos do seu Evangelho. Ao Espiritismo cabe o papel de fazê-la retornar, como o fez com todas as lições do Mestre. Deve-se notar que Jesus nunca explorou a emoção de ninguém. Sua fala, mansa e humilde, precisa e firme, sempre era dirigida ao sentimento e à inteligência das criaturas. As lições do Mestre sempre foram baseadas no diálogo, através do qual propunha o exame racional daquilo que ensinava.

O O Mestre quer dizer que devemos orar com consciência daquilo que falamos, que a nossa oração não seja apenas a repetição emocionada de uma fórmula decorada, como um recitativo, mas que, pelo contrário, pensemos naquilo que estamos dizendo, a fim de que a mensagem dirigida ao Alto tenha um conteúdo, um significado e não seja uma simples ladainha.

O Por essa passagem pode-se ver que Jesus não buscava levar ninguém a uma adoração emotiva, a uma fé cega. Pelo contrário, procurava fazer as criaturas entender, concluir, pelo raciocínio, que o Todo-Poderoso deveria ser, necessariamente, melhor que um pai terrestre e, portanto, capaz de dar maiores bens aos Seus filhos.

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Trabalho - finalidades, modalidades

2. OBJETIVO: A criança identificará no trabalho uma das leis de Deus, necessária ao aperfeiçoamento do Espírito encarnado ou desencarnado.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 16: 27; Mc, 6: 3; Jo, 5: 17; At, 18: 3; 1 Ts, 2: 9 e 4: 11.

LE, itens 674 a 685.

Nosso Lar (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 11, 22, 26, 27 e 28; O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), itens 235 a 241; Os Mensageiros (André Luiz / F. C. Xavier), cap.41.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Perguntar às crianças se consideram o trabalho como uma atividade natural do Espírito, encarnado ou desencarnado, ou o consideram como algo imposto por Deus, por castigo. Após colher as opiniões, passar ao desenvolvimento.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Desenvolver os itens que considerar mais de acordo com a necessidade da turma, levando em conta as declarações das crianças.

Há religiões que ensinam que o trabalho foi instituído por Deus com a finalidade de castigar, de punir a raça humana. Talvez seja por isso que essas mesmas religiões pregam o descanso, o sono após a morte, até o dia do Juízo Final, depois do qual os bons ficarão na eterna contemplação das belezas celestiais, em completa ociosidade. É por isso, também, que se vêem nos cemitérios inscrições como essas: “Descansa em paz”, “Aqui descansa Fulano de Tal”

Jesus, quando esteve na Terra, trabalhou como um homem comum. Veja-se o que disseram de Jesus, após uma pregação que ele fizera na sinagoga: “Donde lhe vêm estas coisas? e que sabedoria é esta que lhe foi dada? e como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de Judas, e de José, e de Simão?” (Mc, 6: 2 e 3). Paulo, o Apóstolo, quando aderiu ao Cristianismo, deixou de ser doutor da lei – um religioso profissional – e assumiu o ofício que aprendera na infância, passando a ganhar seu próprio pão, com seu trabalho como tecelão. “E como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas.” (At, 18: 3). O Apóstolo fabricava tecido para barracas e tapetes e dizia: “Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o Evangelho de Deus.” (1 Ts, 2: 9). Paulo nunca se sentiu castigado por trabalhar. Nem Jesus, nem Apóstolo algum viveu às custas da religião. Todos eles tinham a sua profissão, com a qual ganhavam o pão de cada dia. Pedro e outros Apóstolos eram pescadores e Mateus era cobrador de impostos.

A Doutrina Espírita nos ensina que devemos sempre nos entregar a uma atividade útil, enquanto tivermos forças. Há inúmeras variedades de trabalho que podem ser desenvolvidas, desde os trabalhos adequados às crianças, até aqueles próprios para pessoas idosas.

Não devemos encarar apenas a atividade manual ou braçal como trabalho. Toda atividade útil constitui trabalho. Uma criança que atende à porta, que dá um recado, que serve um copo d’água, que rega uma planta, está executando um trabalho. As horas gastas na escola ou na preparação dos deveres escolares em casa constituem trabalho também. Assistir a uma aula com interesse e atenção é um trabalho tão nobre e necessário quanto outro qualquer.

Não há ninguém que não possa executar uma atividade útil, desde que tenha saúde relativamente boa. Sempre há uma tarefa, por pequena e simples que seja, que pode ser executada por alguém que tenha boa vontade.

Prestar uma informação, dar um bom conselho, ouvir, com paciência, uma pessoa angustiada, tudo isso é trabalho. Existem criaturas que, embora presas a um leito, durante toda a vida, em consequência de problemas físicos, ali trabalham, dando conselhos, consolando pessoas aflitas, ou ditando páginas de incentivo, de conforto, de esclarecimento.

Nota-se que tem crescido na Terra a consciência da necessidade de trabalhar. Muitas pessoas que eram simplesmente marginalizadas por serem portadoras de limitações físicas, hoje encontram amparo. Neste século, principalmente na sua segunda metade, multiplicaram-se as leis de amparo a pessoas portadoras de limitações físicas, no sentido de ser-lhes garantidas oportunidades de trabalho. É um sinal da própria evolução humana, demonstrada por Espíritos que se encarnaram com deficiências físicas, mas que não se acomodam a um papel meramente passivo na vida. Cada vez mais, os deficientes físicos estão conquistando o respeito do mundo, através do trabalho dignificante.

Por outro lado, há pessoas que pensam que por estarem aposentadas não devem trabalhar mais. É claro que, se estão aposentadas, não mais trabalharão nos locais onde exerceram suas atividades profissionais. Entretanto, existem outras possibilidades de trabalho, que deverão ser aproveitadas pelo aposentado, a fim de que continue a ser alguém útil no mecanismo da Vida. Mesmo porque, ao desencarnar, ou seja ao acabar a vida física, acaba também a aposentadoria para aquele que quiser continuar seu progresso. É importante se observe o que os Espíritos Superiores responderam a Kardec sobre o limite do trabalho, diante da pergunta: “Qual o limite do trabalho?”, responderam: “O das forças. Em suma, a esse respeito, Deus deixa inteiramente livre o homem” (LE, 683), ou seja, que temos livre-arbítrio para trabalhar ou não, mas que o natural é trabalhar sempre, desde que nossas forças o permitam.

O trabalho é Lei de Deus, por isso existe em todo o Universo e não só na Terra, na vida material. No Mundo Espiritual há muito mais trabalho do que na Terra. André Luiz, no livro “Nosso Lar”, repassa muitas informações a respeito do trabalho na cidade espiritual onde estava morando, como esta explicação, recebida de Lísias, quando este lhe mostrava a cidade que deu nome ao livro: “Temos aqui as grandes fábricas de “Nosso Lar”. A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo.” (cap. 26). Depois, ele relata, com alegria, a sua própria experiência como trabalhador: “O serviço continuou por todo o dia, custando-me abençoado suor, e nenhum amigo do mundo poderia avaliar a alegria sublime do médico que recomeçava a educação de si mesmo, na enfermagem rudimentar.” (cap. 27).

Na obra de André Luiz, vemos que os Espíritos desencarnados trabalham, não só nos Planos Espirituais, como também na face da Terra, na condição de médicos, enfermeiros, protetores, orientadores, instrutores, e até guardas de edifícios, de estradas. Há uma atividade imensa desenvolvida na face da Terra, no campo da Botânica e da Zoologia, que envolve desde os mais simples servidores, aos mais altamente especializados. André Luiz, em seu livro “Nosso Lar”, ao tratar de um doente aqui na Terra, recorreu ao auxílio de Narcisa, uma enfermeira do Mundo Espiritual. Como necessitavam de elementos a serem extraídos da mangueira e do eucalípto para o tratamento, Narcisa chamou, e logo apareceram oito entidades espirituais que lhes indicaram a localização das árvores. André Luiz estranhou o fato, ao que Narcisa explicou: “São servidores comuns do reino vegetal os irmãos que nos atenderam.” (cap. 50).

André Luiz, acompanhando outros Espíritos, vai prestar socorro a um desencarnante num hospital e ali nota a presença de muitos trabalhadores espirituais: “Varávamos, em breve, larga porta de movimentado hospital, defendido por grandes turmas de trabalhadores espirituais. Havia ali tanta atividade por parte dos encarnados, como por parte dos desencarnados.” (Obreiros da Vida Eterna, cap. 11).

Ao observar os trabalhos levados a efeito pelos Espíritos, na preparação de uma reunião num centro espírita, André Luiz dialoga com dois auxiliares encarregados de conduzir Espíritos para tratamento, aos quais pergunta se são eles os únicos a se dedicarem àquela tarefa, recebendo a seguinte resposta: “Não. Hildegardo e eu somos auxiliares apenas de alguns quarteirões no centro urbano. Nesse ramo de socorro, os colaboradores são numerosos.” O trabalho é realizado dentro de um clima de obediência e responsabilidade. Esses mesmos colaboradores recebem, logo após, séria advertência do chefe do grupo, por não terem agido de acordo com instruções recebidas. (Os Mensageiros, cap. 39).

Não somente nas cidades, mas também no campo, há Espíritos encarregados de tarefas de guarda e socorro. André Luiz conta-nos que se encontrava em pleno campo, quando presenciou um quadro triste, onde se via um carroceiro que havia recebido um coice de um dos animais com que trabalhava. Ao aproximar-se, viu Espíritos que socorriam o homem. Ao final do socorro, o chefe da equipe perguntou: “Glicério, como permitiu semelhante acontecimento? Este trecho da estrada está sob sua responsabilidade.” O servidor explicou-se, dizendo que tinha feito tudo o que estava ao seu alcance, mas o carroceiro era pessoa colérica, que só sabia usar o chicote e lançar pragas sobre o animal, que acabou por enfurecer-se e feri-lo. (Os Mensageiros, cap. 41).

À medida que o Espírito evolui, o trabalho vai-se tornando mais e mais agradável. Não porque as tarefas sejam mais atraentes em si mesmas, mas porque o Espírito vai aprendendo que quanto mais trabalha, tanto mais se aproxima de Deus, tanto mais participa de Sua obra. Os Espíritos Superiores já não sentem o trabalho como tarefa, obrigação, mas o sentem como atividade nobre, natural da própria Vida, a ele se entregando com alegria, na condição de cooperadores conscientes da Obra Divina, do Reino de Deus. Todas as modalidades de trabalho são importantes e necessárias. É tão necessário o trabalho de um médico, quanto o do lixeiro. Ambos contribuem para a saúde humana, cada um no desempenho da sua função. A atividade dos grandes cientistas depende do trabalho daqueles que contribuíram com seu esforço para que eles tivessem alimentação, vestuário, moradia, segurança, etc. Assim, o cientista depende do lavrador, do alfaiate, do pedreiro, do faxineiro, do guarda e de tantas e tantas outras pessoas que desenvolvem tarefas importantes também. Uma tarefa será sentida como mais ou menos nobre, dependendo da boa vontade, da consciência, do amor daquele que a executa.

Em resumo: o trabalho é uma atividade natural, inerente a toda criatura humana. Não há progresso sem trabalho. Trabalhar é uma necessidade ditada pela própria Lei de Evolução. Quanto mais evolui o Espírito, tanto mais trabalha. Quando trabalhamos, imitamos Jesus que, além dos ensinamentos dados através de palavras e exemplos, nos lembra: “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também.” (Jo, 5: 17).

e) Fixação e / ou avaliação: Correlação de frases: (02, 01, 03, 04, 07, 06, 09, 08, 05, 10)

Numere as frases do quadro B, correlacionando-as com as do quadro A:

- | | |
|--|---|
| <p>01. Que devemos entender por trabalho?</p> <p>02. Que disseram os Espíritos a Kardec a respeito do trabalho?</p> <p>03. O trabalho existe apenas aqui no mundo material?</p> <p>04. Cite algumas tarefas que podem ser realizadas por crianças.</p> <p>05. Existe trabalho mais importante ou menos importante que outro?</p> <p>06. Um aposentado, depois que desencarna, continua sem ter de trabalhar?</p> <p>07. Cite alguns trabalhos que são desenvolvidos nos centros espíritas.</p> <p>08. Que deve fazer o espírita, além de assistir a palestras?</p> <p>09. Cite algumas atividades levadas a efeito pelos Espíritos, junto aos encarnados.</p> <p>10. A oportunidade de trabalho dada ao deficiente físico é um avanço na sociedade terrestre, ou o governo deveria sustentá-lo, já que tem dificuldade para trabalhar?</p> | A |
|--|---|

- | | |
|--|---|
| <p><input type="radio"/> Os Espíritos Superiores responderam a Kardec, dizendo que o trabalho é lei natural.</p> <p><input type="radio"/> Toda atividade útil é considerada trabalho.</p> <p><input type="radio"/> O trabalho existe tanto na Terra, quanto no Mundo Espiritual.</p> <p><input type="radio"/> Estudar, cooperar na ordem da sua casa, anotar e transmitir um recado, pôr ou tirar a mesa, ler um bom livro.</p> <p><input type="radio"/> Evangelização da criança, estudos, passe, assistência material aos necessitados, desobsessão.</p> <p><input type="radio"/> No Mundo Espiritual organizado com base no Bem não há aposentadoria.</p> <p><input type="radio"/> Os Espíritos nos socorrem no campo da saúde, nos orientam, guardam locais, estradas, veículos, etc.</p> <p><input type="radio"/> Deve ajudar no centro: no estudo, na evangelização, no passe, na assistência social, etc.</p> <p><input type="radio"/> É tão importante a tarefa do faxineiro, quanto a do médico na preservação da saúde.</p> <p><input type="radio"/> A oportunidade de dignificação pelo trabalho é um dos avanços da sociedade moderna.</p> | B |
|--|---|

d) Material didático: Cópias xerográficas do exercício.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Causa e Efeito - mecanismo de equilíbrio universal

2. OBJETIVO: A criança identificará na Lei de Causa e Efeito não só a manifestação da justiça divina no processo evolutivo do Espírito, mas também um mecanismo de equilíbrio universal.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 16: 27; 26: 52; Mc, 12: 1 a 12; Lc, 6: 36 a 38; 12: 48; Jo, 5: 14.

LE, itens 639, 717, 984; CI, 1ª parte, cap. 7.

Almas em Desfile (Hilário Silva / F. C. Xavier), cap. 23, 1ª parte; Missionários da Luz (André Luiz / F.C.Xavier), cap. 12; Ação e Reação (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 16.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo ou narração.

1. Perguntar às crianças o que acontece quando alguém resolve viajar num carro, cujos freios não estejam funcionando. Depois explicar que a imprudência de viajar num carro com os freios defeituosos foi a causa, que teve como efeito um desastre.

2. Narrar, resumidamente, a história de Adelino Correia, contida no cap. 16 da obra “Ação e Reação”.

b) Desenvolvimento: Exposição.

A Doutrina Espírita nos ensina que o Espírito, ao atingir a faixa evolutiva da Razão, entra na posse do livre-arbítrio e, no uso deste, está sujeito à Lei de Causa e Efeito. Mostra-nos, o Espiritismo, que tudo se encadeia no Universo, numa seqüência de causas e efeitos. Os nossos pensamentos, palavras e ações são sempre causas de efeitos que virão depois, como conseqüência natural da Lei de Ação e Reação. Desse modo, todo o bem que praticarmos reverter-se-á, mais tarde, ainda nesta encarnação ou noutra, em benefício de nós próprios. O mesmo, entretanto, ocorre com o mal que, por infelicidade, venhamos a praticar.

Aqueles que se queixam pelo fato de sempre fazerem o bem e receberem o mal como retribuição, queixam-se porque não sabem ainda que estão sofrendo as conseqüências de erros cometidos, por eles próprios, em outras encarnações. Tendo-se em vista o fato de ser Deus soberanamente justo, conclui-se que ninguém sofre inocentemente, que ninguém é responsabilizado pelos erros cometidos pelos outros, sejam eles pais ou antepassados quaisquer. Cada qual responde por si, pelo bom ou mau uso que faz da sua liberdade de agir. O sofrimento inocente só acontece com os Espíritos missionários, aqueles que vêm à Terra para ensinar, seja em pequena missão, para ajudar uma pessoa ou um grupo de pessoas, seja como líderes de grandes comunidades, como Ghandi, seja para ajudar a Humanidade inteira, como Jesus.

Além do mais, quando fazemos o bem e não vemos de imediato os seus frutos, isso não significa perda do nosso esforço. Podemos ter a certeza tranqüila de que o bem praticado agora não só constitui crédito para o futuro, como também ameniza a colheita dos frutos do mal anteriormente praticado.

O conhecimento da Lei de Causa e Efeito nos leva a um cuidado maior com os nossos pensamentos, palavras e ações, por nos conscientizar de que somos nós próprios os construtores dos nossos destinos. Compreendemos, assim, que Deus não cria sofrimento para ninguém, não castiga nunca. Entretanto, Sua lei nos compele a colher aquilo que semeamos, conforme ditado ouvido freqüentemente: “A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória.” Todos temos a liberdade de semear o que quisermos. A semeadura sempre é a causa; a colheita é o efeito. Assim, quem semeia o bem, colhe o bem; quem semeia o mal, colhe o mal. A própria sabedoria popular já transformou esse ensinamento em ditado: “Quem semeia vento, colhe tempestade.” Nada mais justo, nada mais claro... Esse retorno, sobre a própria criatura, do mal que ela praticou, faz parte do mecanismo de equilíbrio universal. Se assim não fosse, um Espírito ficaria eternamente praticando o mal, sem que nada o impedisse de fazê-lo.

Existem, na literatura mediúnica, inúmeros exemplos do funcionamento da Lei de Causa e Efeito, como esse, relatado na obra “Missionários da Luz”, pelo Espírito Manasés, que trabalha num departamento que planeja e promove reencarnações, na colônia espiritual “Nosso Lar”. O Espírito esclarece os motivos que levarão o reencarnante a ter uma úlcera no estômago, no decorrer da próxima encarnação:

- Esse amigo, faz mais de cem anos, cometeu revoltante crime, assassinando um pobre homem a facadas; logo que se entregou ao homicídio, como acontece muitas vezes, a vítima desencarnada ligou-se fortemente a ele, e da semente do crime, que o infeliz assassino plantou num momento, colheu resultados terríveis por muitos anos. Como não ignora, o ódio recíproco opera igualmente vigorosa imantação e a entidade, fora da carne, passou a vingar-se dele, todos os dias, matando-o devagarinho, através de ataques sistemáticos pelo pensamento mortífero. Em suma, quando o homicida desencarnou, por sua vez, trazia o organismo perispiritual em dolorosas condições, além do remorso natural que a situação lhe impusera. Arrependeu-se do crime, sofreu muito nas regiões purgatoriais e, depois de largos padecimentos purificadores, aproximou-se da vítima, beneficiando-a em louváveis serviços de resgate e penitência. Cresceu moralmente, tornou-se amigo de muitos benfeitores, conquistou a simpatia de vários agrupamentos de nosso plano e obteve valiosas intercessões. Entretanto... a dívida permanece. O amor, contudo, transformou o caráter do trabalho de pagamento. O nosso amigo, ao voltar à Crosta, não precisará desencarnar num espetáculo sangrento, mas onde estiver, durante os tempos de cura completa, na carne que ele outrora menosprezou, carregará a própria ferida, conquistando, dia a dia, a necessária renovação. Experimentará desgostos, em virtude do sofrimento físico pertinaz, lutará incessantemente, desde a eclosão da úlcera até o dia do resgate final do aparelho fisiológico; entretanto, se souber manter-se fiel aos compromissos novos, terá atingido, mais tarde, a plena libertação. Segundo observamos, a justiça se cumpre sempre, mas logo que se disponha o Espírito à precisa transformação no Senhor, atenua-se o rigorismo do processo redentor. (Missionários da Luz, cap. 12)

Através da prática do bem, podemos diminuir sempre os efeitos negativos, os sofrimentos – tanto em intensidade, quanto em duração – do mal praticado no passado, aquele mal que hoje retorna sobre nós em forma de sofrimento regenerador. Em verdade, não existe resgate algum que tenha o seu final estabelecido em data prefixada. Desse modo, o Espírito devedor continua sempre árbitro do seu próprio destino, podendo, tanto prolongar o tempo de sofrimento pela permanência no mal, quanto suavizá-lo – ou mesmo anulá-lo – pela prática do bem. Esse, o significado da afirmativa do Apóstolo Pedro: “... porque o amor cobre a multidão dos pecados.” (1 Pe, 4: 8).

Em seus ensinamentos, Jesus falava sempre da Lei de Causa e Efeito, embora sem mencioná-la explicitamente como faz o Espiritismo hoje: “Em verdade, em verdade vos digo: Que todo aquele que comete o mal é escravo do mal.” (Jo, 8: 34) Quando curava as pessoas, dizia: “Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.” (Jo, 5: 14) Isso quer dizer: “Se produzires uma ação contrária à Lei de Deus, surgirá uma reação para corrigir-te.”

Jesus, quando disse: “... e então dará a cada um, segundo as suas obras” (Mt, 16: 27), estava a ensinar que a Lei de Causa e Efeito funciona em perfeita consonância com a Lei de Justiça. Igualmente, quando afirmou: “E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou muito mais se lhe pedirá.” (Lc, 12: 48), quis dizer que há sempre uma correspondência entre causa e efeito, para que haja equilíbrio universal. E para que tenhamos sempre em mente essa correspondência, deixou-nos o Mestre um lembrete no “Pai Nosso”, que repetimos quando oramos: “E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores...” (Mt, 6: 12)

O conhecimento da Lei de Causa e Efeito nos leva à conclusão de que o nosso futuro nos pertence. Somos nós que lhe traçamos as linhas, para a felicidade ou para a amargura. Tudo aquilo que pensarmos, dissermos ou fizermos produzirá reação igual, em natureza e qualidade que, invariavelmente, voltará para nós, modificando as nossas vidas, para melhor ou para pior, segundo a nossa ação.

A Lei de Causa e Efeito age como equilibradora da Vida. O Mal e o Bem não são duas forças equivalentes, igualmente poderosas, no mecanismo da Vida. O Bem é eterno, é o natural, é o equilíbrio. O Mal é transitório, é desequilíbrio, é um Bem que adoeceu. Portanto, quando alguém pratica o mal, gera um desequilíbrio. A Lei de Causa e Efeito age, fazendo com que o resultado das ações más recaiam sobre aquele que as praticou, impedindo-o de continuar eternamente na prática do mal. Além disso, ao levá-lo a experimentar o mal que causou aos outros, leva-o ao despertar para a necessidade de reeducar-se. É essa visão de equilíbrio universal que nos mostra ser impossível a existência de criaturas eternamente voltadas ao mal, como ensinam outras religiões, ao falarem de penas eternas que seriam aplicadas no Inferno a Espíritos pecadores, por criaturas eternamente voltadas ao Mal, os demônios.

c) Fixação e/ou avaliação: Correlação de frases.

(4, 6, 5, 1, 3, 7, 8, 2)

Numere as frases do quadro B, correlacionando-as com as do quadro A, da página 57:



1. “... porque o amor cobre a multidão dos pecados.”
2. A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.
3. O nosso futuro está em nossas mãos.
4. “Não há efeito sem causa.”
5. Muitos Espíritos, embora nada tenham a resgatar, reencarnam-se para auxiliar um grupo de Espíritos ou a Humanidade.
6. “... e então se dará a cada um, segundo as suas obras.”
7. Podemos acelerar ou retardar o final do resgate de uma falta que tenhamos cometido.
8. Quando praticamos um mal estamos produzindo um desequilíbrio.

A

- O sofrimento do presente é o efeito de uma causa que pode estar nesta ou em outras vidas.
- A justiça de Deus é infalível, pois nos dá tudo a que temos direito e nos responsabiliza por todo o mal que tenhamos praticado.
- Os Espíritos missionários sofrem por amor a Deus e ao próximo e não por causa da lei de causa e efeito.
- Pela prática do bem podemos anular muitos males que praticamos no passado e evitar sofrimentos.
- Nós podemos, a qualquer momento, modificar o nosso destino, pois temos livre-arbítrio.
- Não há tempo prefixado para o término de um resgate.
- Quando sofremos as conseqüências do mal que praticamos, é a lei de Deus que está produzindo o reequilíbrio.
- Deus nos dá liberdade de ação, mas nos responsabiliza por tudo o que fizermos.

B



1. “... porque o amor cobre a multidão dos pecados.”
2. A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.
3. O nosso futuro está em nossas mãos.
4. “Não há efeito sem causa.”
5. Muitos Espíritos, embora nada tenham a resgatar, reencarnam-se para auxiliar um grupo de Espíritos ou a Humanidade.
6. “... e então se dará a cada um, segundo as suas obras.”
7. Podemos acelerar ou retardar o final do resgate de uma falta que tenhamos cometido.
8. Quando praticamos um mal estamos produzindo um desequilíbrio.

A

- O sofrimento do presente é o efeito de uma causa que pode estar nesta ou em outras vidas.
- A justiça de Deus é infalível, pois nos dá tudo a que temos direito e nos responsabiliza por todo o mal que tenhamos praticado.
- Os Espíritos missionários sofrem por amor a Deus e ao próximo e não por causa da lei de causa e efeito.
- Pela prática do bem podemos anular muitos males que praticamos no passado e evitar sofrimentos.
- Nós podemos, a qualquer momento, modificar o nosso destino, pois temos livre-arbítrio.
- Não há tempo prefixado para o término de um resgate.
- Quando sofremos as conseqüências do mal que praticamos, é a lei de Deus que está produzindo o reequilíbrio.
- Deus nos dá liberdade de ação, mas nos responsabiliza por tudo o que fizermos.

B



d) Material didático: Cópias xerográficas do exercício.

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Professor Rivail - o homem e a missão

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar no Professor Rivail o missionário enviado por Jesus para dar cumprimento à promessa da vinda do Consolador: o Espiritismo.

3. BIBLIOGRAFIA:

LM, 154; OP, 2ª Parte; O Que é o Espiritismo (Allan Kardec).

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), 2ª Parte, cap. 4; As Mesas Girantes e o Espiritismo (Zêus Wantuil); Allan Kardec (Deolindo Amorim); Allan Kardec (Zêus Wantuil e Francisco Thiesen).

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Anunciar às crianças que a aula de hoje será diferente. Distribuir as tiras de papel da página 60 e pedir-lhes que estudem individualmente ou em grupos, durante dez minutos. Depois, à medida que forem lendo, o Evangelizador irá comentando, com base nos textos seguintes: (O Evangelizador deverá estudar bem o texto, afim de que leia o menos possível).

b) Desenvolvimento: Leitura e comentário.

1. Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lião, na França, a 4 de outubro de 1804, em família de nobres tradições na educação e na magistratura, sendo seu pai juiz. Revelou-se, desde cedo, muito inteligente e dotado de extraordinário espírito de observação, sempre compenetrado de seus deveres e responsabilidades. Demonstrava, ainda criança, franca inclinação para as ciências e para assuntos filosóficos.

2. Com a idade de dez anos, seus pais o enviaram para a cidade de Yverdum, na Suíça, a fim de completar seus estudos na escola do grande educador Pestalozzi. Nesse famoso educandário misturavam-se línguas, raças, costumes, crenças, culturas e religiões, num clima de respeito, de igualdade e de fraternidade, fraternidade que Pestalozzi exemplificava ao propiciar ensino, moradia e alimentação a muitas crianças, cujas famílias nada podiam pagar. Essa maneira de agir, profundamente humanitária, desagradava algumas famílias abastadas que não queriam seus filhos convivendo com pobres. Pestalozzi chegou a perder alunos ricos por isso. A convivência com crianças e jovens de diferentes origens foi muito boa para o jovem Rivail que, desde cedo pôde considerar as diferenças sociais ao vivo, objetivamente. Essa experiência social, somada à convivência religiosa foi de grande valia para o seu amadurecimento, para que viessem à superfície os tesouros de sensibilidade e capacidade de análise que trazia de suas vidas passadas. Jovem sério, responsável e estudioso, em breve dominou as matérias ensinadas pelos mestres, tornando-se, ainda muito cedo, monitor de várias disciplinas, atividade que despertou-lhe a vocação para o magistério, que exerceria mais tarde, em Paris, com dedicação, sabedoria e bondade.

3. Nascido em família católica, em Yverdum ele teve oportunidade de entrar em contato com o Luteranismo e o Calvinismo. Pestalozzi era luterano, mas não aceitava os dogmas nem do Protestantismo, nem do Catolicismo, como o do pecado original, o da santíssima trindade, o da salvação pela graça. Pestalozzi acreditava no esforço individual, aquele que leva a criatura ao progresso, ao aperfeiçoamento espiritual. Por isso interessava-se pelo ensino e pela prática da parte moral do Evangelho, conforme os ensinamentos e exemplos de Jesus.

4. Essa posição de Pestalozzi abria a possibilidade de livre interpretação dos ensinamentos do Evangelho e a sua aplicação à vida diária. Essa diferença entre o Evangelho dos templos e o Evangelho da vida encontrou eco no espírito do jovem Rivail, levando-o a refletir profundamente e comparar a mensagem simples, atuante de Jesus, com os rituais e a pompa do Catolicismo. Comparou a simplicidade da vida do carpinteiro nascido num estábulo e o luxo das catedrais. Pôde confrontar, também, a figura de Deus, apresentado por Jesus na condição de Pai misericordioso e bom, com aquele Deus colérico e vingador trazido pelo Protestantismo, como conseqüência do apego e da volta ao Velho Testamento. Todas essas observações, tanto no campo social, quanto no religioso, provocaram no jovem Rivail reflexões profundas e questionamentos sérios, que o acompanharam durante a sua vida e que serviriam de base para o diálogo que teria mais tarde com os Espíritos Superiores, na codificação do Espiritismo, depois de ter passado anos a trabalhar em silêncio a idéia de uma reforma religiosa, com o propósito de conseguir a unificação das crenças.

5. É realmente digno de nota o cuidado com que foi planejada a reencarnação do Missionário: renasceu numa família católica e foi conduzido ao estudo num educandário protestante, onde desenvolveria liberdade de consciência no campo religioso, a fim de que não sofresse os prejuízos dos ensinamentos dogmáticos de uma religião só. Essa mesma escola deveria propiciar-lhe, também, a convivência com pessoas de várias camadas sociais. Além disso, deveria oferecer-lhe oportunidade de profissionalizar-se num setor que o colocasse em contato direto com mais pessoas e com variados campos do saber. Essa atividade, que lhe exigia estudo e atualização constante, fê-lo ver a vida de modo muito diferente do que veria se fosse chamado a atuar em outras áreas, onde poderia ficar isolado no seu setor de trabalho.

6. Não se sabe ao certo a data do retomo de Rivail à França, mas não foi depois de 1823, ou seja, depois dos seus dezenove anos de idade. Em Paris, integrou-se no magistério, conseguindo colocar-se em alto conceito perante o povo francês e obter o respeito de autoridades e professores pela sua reputação de competente mestre da Pedagogia moderna. Foi reconhecido entre os melhores gramáticos de sua época, além de ser autor respeitado noutros campos do saber. Apesar de ter 22 publicações, entre livros didáticos, trabalhos sobre educação e programas sobre educação pública, sendo um destes premiado pela Academia de Arrás, enfrentou fases de dificuldades financeiras.

7. Teve grande projeção nos meios científicos, culturais e pedagógicos da sua época, tendo participado de várias sociedades do gênero, nas quais, além de nada receber em termos pecuniários, pagava uma cota mensal. O Professor Rivail nunca foi homem de fechar-se nos seus interesses pessoais. Embora sem ser adepto de nenhuma religião organizada, vivia intensamente a mensagem cristã. Lecionou gratuitamente química, física, astronomia, fisiologia e anatomia comparada de 1835 a 1840. Mesmo na França, país que se orgulhava da divisa “liberdade, igualdade e fraternidade”, a mulher sofria séria discriminação no ensino, que era todo voltado ao sexo masculino. Apoiado por sua esposa, Amélie-Gabrielle Boudet, o Professor Rivail manteve durante muito tempo um pensionato para estudantes do sexo feminino.

Além dessa imensa folha de serviços prestados à comunidade em que vivia, Rivail ainda encontrava tempo para dedicar-se ao estudo do magnetismo. Tomou parte ativa nos trabalhos da Sociedade de Magnetismo de Paris, a mais importante da França. Esses conhecimentos de magnetismo foram-lhe muito úteis, quando, mais tarde, começou a pesquisar os fenômenos que o levariam a Codificar o Espiritismo. Foi através de uma pessoa pertencente ao círculo dos estudiosos de magnetismo, de quem era amigo pessoal, Fortier, que tomou conhecimento das mesas girantes ou falantes.

8. Em meados do século passado, houve, no mundo todo, um surto de manifestações mediúnicas. Tratava-se de uma verdadeira invasão do mundo, levada a efeito pelos Espíritos. Houve muitas manifestações por movimentação de objetos e por pancadas. Estas últimas foram mais comuns e se davam através de mesas, ao redor das quais se assentavam pessoas, para a maioria das quais o acontecimento ficava no campo da diversão. Ao ser informado a respeito dessas mesas, o Professor Rivail e outros magnetizadores não se interessaram pelos fenômenos, atribuindo-os à ação de um fluido magnético ou elétrico ou de um outro qualquer, de propriedades desconhecidas.

Em maio de 1855, foi convidado a assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison. “Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia naquelas aparentes fatuidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.” (OP, 2ª parte).

O Espírito Verdade advertiu-o de que deveria guardar segredo da sua condição de Missionário, no que foi obedecido, pois esses relatos só vieram a público depois da sua desencarnação, no livro “Obras Póstumas”. O Espírito Verdade advertiu-o, também de que a missão não seria fácil: “Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não se assentam na cabeça de um só homem. Nunca, pois, fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Se cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos frutos é que se verifica a qualidade da árvore.” (OP, 2ª Parte).

9. A partir desse conhecimento, o Professor Rivail dedicou-se à pesquisa dos fenômenos. Logo em seguida travou conhecimento com a família Boudin. A senhora Boudin e suas duas filhas eram médiuns, mas foi principal-

mente através da mediunidade das duas moças e de mais uma jovem, a senhorita Japhet, é que ele estabeleceu um diálogo direto com os Espíritos. É digna de nota a humildade desse homem que, embora gozasse de notoriedade como educador e intelectual, ao ser informado pelos Espíritos da missão que deveria cumprir, colocou-se à disposição do Mundo Espiritual, como simples trabalhador, conforme diálogo dele com o Espírito Verdade: “Tenho, como sabes, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário em chefe, a distância é grande e não percebo o que possa justificar em mim graça tal, de preferência a tantos outros que possuem talento e qualidades de que não disponho.”

O Professor Rivail continua o diálogo com o Espírito Verdade, afirmando que não tinha nenhum desejo de se vangloriar, mesmo porque tinha dificuldade de acreditar naquela missão. Entretanto, punha-se à disposição de Deus, pedindo que os bons Espíritos e o Espírito Verdade o ajudassem. É de se notar o equilíbrio, a maturidade do Professor Rivail, que se colocou humildemente nas mãos dos Espíritos, aceitando a tarefa, racionalmente, sensatamente, sem nenhum deslumbramento.

O Espírito Verdade lhe diz: “Previno-te de que é rude a tua missão, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício do teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo.” (OP, 2ª Parte)

O Espírito Verdade ainda lhe revela muitas outras dificuldades que sofrem as criaturas que vêm trazer renovações ao mundo. No final, o Missionário agradece os bons conselhos, aceitando tudo, sem restrição, e finaliza com uma prece, em que evidencia a sua inabalável fé: “Senhor! pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa-vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre à minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios.” (OP, 2ª Parte).

10. Com essa humildade, o Professor Rivail, aos 51 anos de idade, começou a apresentar aos Espíritos Superiores as perguntas que vinha acumulando, desde a sua rica experiência de vida no Educandário de Pestalozzi. Ele que sonhara um dia unificar as religiões, tinha agora a oportunidade de questionar os Espíritos Superiores a respeito da diferença entre a mensagem simples, objetiva e amorosa de Jesus – tão bem entendida e vivida pelo seu mestre Pestalozzi – e o luxo das catedrais. No desempenho da sua missão, retirou a verdade religiosa dos templos, trazendo-a de novo para a vida, discutindo temas sociais com os Espíritos, no sentido de usar a mensagem cristã como ferramenta de aprimoramento da vida em todos os setores em que ela se manifeste. Fez voltar a idéia de Deus-Amor, contrapondo-se ao deus-terror que era ensinado. Através da reencarnação, explica a justiça indefectível de Deus, demonstrando que a lei do mérito se sobrepõe àquela da graça, mas que ninguém está perdido para sempre, pois o Pai misericordioso dá infinitas oportunidades aos filhos faltosos e não os manda para o Inferno, como ensinavam e ensinam o Catolicismo e o Protestantismo.

11. Só mesmo estudando a Doutrina Espírita e comparando o avanço do pensamento do Professor Rivail ante seus contemporâneos, e até mesmo ante os teólogos da atualidade, é que é possível perceber-lhe a estatura espiritual. E não podia ser de outra forma, pois ele veio para cumprir uma promessa de Jesus.

12. Iniciando a parte pública da sua missão, o Professor Hippolyte Denizard Rivail lança, a 18 de abril de 1857, o livro que veio mudar o pensamento religioso do mundo: O Livro dos Espíritos. Publicou-o, por sugestão dos Espíritos, sob o pseudônimo de Allan Kardec, a fim de que ele não se escudasse no seu nome, que já era famoso. O Livro não necessitava de um autor famoso para firmar-se na história do pensamento humano. Pelo contrário, ele faria famoso o seu autor.

c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo no decorrer da aula.

d) Material didático: cópias de texto.

✂

1. Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lião, na França, a 4 de outubro de 1804, em família de tradição na educação e no direito, sendo seu pai juiz. Revelou-se, desde cedo, muito inteligente e dotado de extraordinário espírito de observação, sempre compenetrado de seus deveres e responsabilidades.

✂

2. Com a idade de dez anos, seus pais o enviaram para a cidade de Yverdum, na Suíça, a fim de completar seus estudos no educandário do grande educador Pestalozzi. Nesse famoso educandário misturavam-se línguas, raças, costumes, crenças, culturas e religiões, num clima de respeito, de igualdade e de fraternidade, fraternidade que Pestalozzi exemplificava ao propiciar ensino, moradia e alimentação a muitas crianças, cujas famílias nada podiam pagar.

✂

3. Nascido em família católica, em Yverdum ele teve oportunidade de entrar em contato com o Luteranismo e o Calvinismo. Pestalozzi era luterano, mas não aceitava os dogmas nem do Protestantismo, nem do Catolicismo, como o do pecado original, o da santíssima trindade, o da salvação pela graça. Pestalozzi acreditava no esforço individual, aquele que leva a criatura ao progresso, ao aperfeiçoamento espiritual.

✂

4. A liberdade religiosa que Pestalozzi dava abria a possibilidade de os alunos verem a diferença entre o Evangelho dos templos e o Evangelho da vida e isso encontrou eco no espírito do jovem Rivail. Comparou a simplicidade da vida do carpinteiro nascido num estábulo e o luxo das catedrais. Pôde confrontar, também, a figura de Deus, apresentado por Jesus na condição de Pai misericordioso e bom, com aquele Deus colérico e vingador trazido pelo Protestantismo, como consequência do apego e davolta ao Velho Testamento.

✂

5. É realmente digno de nota o cuidado com que foi planejada a reencarnação do Missionário: renasceu numa família católica e foi conduzido ao estudo num educandário protestante, onde desenvolveria liberdade de consciência no campo religioso, a fim de que não sofresse os prejuízos dos ensinamentos dogmáticos de uma religião só.

✂

6. Ao voltar à França, estabeleceu-se em Paris, onde tomou-se professor e conseguiu alto conceito perante o povo francês, obtendo, também, o respeito de autoridades e professores pela sua reputação. Foi reconhecido entre os melhores gramáticos de sua época, além de ser autor respeitado noutros campos do saber. Apesar de ter 22 publicações, entre livros didáticos, trabalhos sobre educação e programas sobre educação pública, sendo um destes premiado pela Academia de Arrás, enfrentou fases de dificuldades financeiras.

✂

7. Teve grande projeção nos meios científicos, culturais e pedagógicos da sua época. Embora sem ser adepto de nenhuma religião organizada, vivia intensamente a mensagem cristã. Lecionou gratuitamente química, física, astronomia, fisiologia e anatomia comparada de 1835 a 1840. Mesmo na França, a mulher sofria séria discriminação no ensino, que era todo voltado ao sexo masculino. Apoiado por sua esposa, o Professor Rivail manteve durante muito tempo um pensionato para estudantes do sexo feminino.

✂

8. Em meados do século passado, houve, no mundo todo, um surto de manifestações mediúnicas. Tratava-se de uma verdadeira invasão do mundo, levada a efeito pelos Espíritos. Houve muitas manifestações por movimentação de objetos e por pancadas. Estas últimas foram mais comuns e se davam através de mesas, ao redor das quais se assentavam pessoas, para a maioria das quais o acontecimento ficava no campo da diversão. Ao ser informado a respeito dessas mesas, o Professor Rivail e outros magnetizadores não se interessaram pelos fenômenos.

✂

9. Em maio de 1855, foi convidado a assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison. “Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas.” A partir desse conhecimento, o Professor Rivail dedicou-se à pesquisa dos fenômenos. O Espírito Verdade lhe diz: “Previno-te de que é rude a tua missão, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa.

✂

10. O Professor Rivail, aos 51 anos de idade, começou a apresentar aos Espíritos Superiores as perguntas que vinha acumulando, desde a sua rica experiência de vida no Educandário de Pestalozzi. Ele que sonhara um dia unificar as religiões, tinha agora a oportunidade de questionar os Espíritos Superiores a respeito da diferença entre a mensagem simples, objetiva e amorosa de Jesus, – tão bem entendida e vivida pelo seu mestre Pestalozzi – e o luxo das catedrais.

✂

11. Só mesmo estudando a Doutrina Espírita e comparando o avanço do pensamento do Professor Rivail ante seus contemporâneos, e até mesmo ante os teólogos da atualidade, é que é possível perceber a sua elevação intelectual e moral. E não podia ser de outra forma, pois ele foi o Missionário que veio para o cumprimento da promessa de Jesus.

✂

12. Iniciando a parte pública da sua missão, o Professor Hippolyte Denizard Rivail lançou, a 18 de abril de 1857, o livro que revolucionou o pensamento religioso do mundo: O Livro dos Espíritos. Publicou-o, por sugestão dos Espíritos, sob o pseudônimo de Allan Kardec, a fim de que ele não se escudasse no seu nome, que já era famoso. O Livro não necessitava de um autor famoso para firmar-se na história do pensamento humano. Pelo contrário, ele faria famoso o seu autor.